



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Thalita Fernandes Clemente

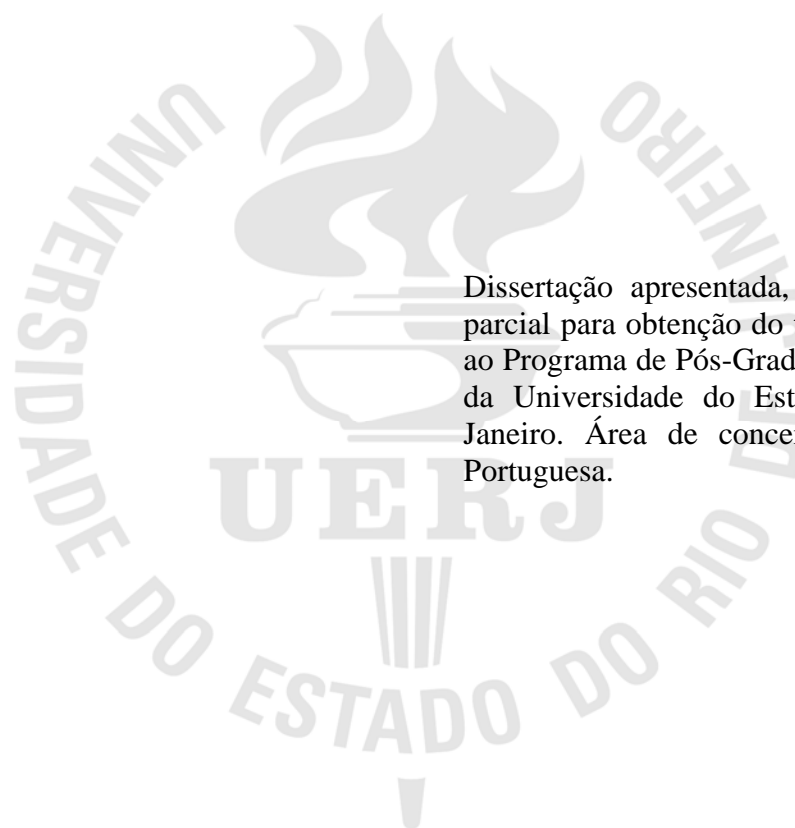
**Adaptações da *Bíblia*: o papel do adjetivo na construção dos *ethé*
discursivos**

Rio de Janeiro

2014

Thalita Fernandes Clemente

Adaptações da *Bíblia*: o papel do adjetivo na construção dos *ethé* discursivos



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

C626	<p>Clemente, Thalita Fernandes. Adaptações da Bíblia: o papel do adjetivo na construção dos ethé discursivos / Thalita Fernandes Clemente. – 2014. 94 f.: il.</p> <p>Orientadora: Tania Maria Nunes de Lima Camara. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Bíblia – Adaptações - Teses. 2. Análise do discurso literário – Teses. 3. Língua portuguesa – Adjetivo – Teses. 4. Ethos – Teses. 5. Histórias bíblicas – Teses. I. Camara, Tania Maria N. L. (Tania Maria Nunes de Lima). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 806.90-541.43:22</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Thalita Fernandes Clemente

Adaptações da *Bíblia*: o papel do adjetivo na construção dos *ethé* discursivos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Aprovada em 04 de abril de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno
Universidade Federal de Sergipe

Rio de Janeiro

2014

DEDICATÓRIA

À minha pequena princesa, que adora ler e contar histórias:
Rafaela Clemente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar durante toda essa caminhada, me dando forças e inspiração. Sem Ele, nada disso teria se realizado.

Aos meus pais, Josias e Vera, que tanto apoiaram a realização de mais esse sonho. Por nunca medirem esforços para minha educação e por todo amor e cuidado nas horas dedicadas aos estudos.

Ao meu namorado, noivo e marido Felipe, que evoluiu comigo durante a execução desse projeto, incentivando cada pesquisa e comemorando cada vitória.

À UERJ e a todos os professores que acompanharam meu desenvolvimento acadêmico, em especial à Professora Doutora Maria Teresa Gonçalves Pereira, que tanto me inspirou e ensinou ao longo de minha graduação. E à Professora Doutora Talita de Assis Barreto, por acreditar no meu potencial para o magistério e incentivar a carreira de pesquisadora.

À minha orientadora, Professora Doutora Tania Maria Nunes de Lima Camara, por toda sua atenção e paciência comigo, me dando sábios conselhos durante as orientações, que carregarei eternamente na minha trajetória como professora.

À minha primeira universidade, UNIRIO, pois foi nesse lugar que percebi minha vocação para o ensino. Especialmente, ao Professor Doutor Alberto Roiphe Bruno, que tanto me ensinou no curto espaço de tempo em que convivemos e à Professora Claudia Fernandes de Oliveira, que me abraçou em seu projeto de Iniciação Científica, colaborando para minha formação como pesquisadora.

Aos amigos de sempre, que me ampararam em todos os momentos, bons e ruins, e compreenderam minhas ausências, ajudando com suas palavras carinhosas e, até mesmo, em silêncio. Às minhas diretoras e coordenadoras escolares, que compreenderam meu momento de produção e ajudaram a organizar minhas atividades profissionais.

Às amigas conquistadas no curso de Letras da UERJ: Monique, Eduarda e Stella. Obrigada por participarem da minha vida e por impulsionarem mais essa conquista. E aos amigos veteranos Rita Carolina e Denis Fernandes, com quem pude trocar ricas experiências.

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição...

Ana Maria Machado

RESUMO

CLEMENTE, Thalita Fernandes. *Adaptações da Bíblia: o papel do adjetivo na construção dos ethé discursivos*. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

O presente trabalho tem por objetivo analisar diferentes adaptações da *Bíblia*, levando em conta seus aspectos linguísticos e a conseqüente formação de *ethos* discursivo em cada uma delas. Considerados textos clássicos, as histórias bíblicas devem ser conhecidas por todos os sujeitos, desde a mais tenra idade, pois, sendo atemporais, sempre servem de reflexão para o leitor, com discussões pertinentes à dinâmica da sociedade. A pesquisa estabeleceu, portanto, como objetivos: defender a criação de adaptações dos clássicos, uma vez que representam um contato primeiro com a obra; analisar a construção linguística das adaptações bíblicas, considerando que diferentes leitores merecem textos diferentes; destacar o uso dos adjetivos como marcas pessoais do enunciador e, por fim, avaliar a construção dos *ethé* discursivos de cada proposta de adaptação, levando em conta as escolhas lexicais de cada narrativa. Para tanto, foram selecionadas três adaptações destinadas a três grupos diferentes: uma para crianças, a segunda para adolescentes e a terceira para adultos. Durante a análise, os adjetivos se destacaram como elementos expressivos, contribuindo para a elaboração de textos apropriados a cada público-alvo, culminando, também, na construção de uma imagem para cada enunciador – o *ethos* discursivo. Assim, o trabalho apresenta a formação dos diferentes *ethé* discursivos nas diferentes adaptações bíblicas, tomando como foco de estudo a seleção de adjetivos. Pretende-se, com isso, levar à reflexão sobre a necessidade de obras pensadas para públicos específicos, considerando o grau de interação entre o texto e o leitor.

Palavras-chave: Adaptação. Adjetivo. Expressividade. *Ethos* Discursivo.

RESUMEN

CLEMENTE, Thalita Fernandes. *Adaptaciones de la Biblia: el papel del adjetivo en la construcción de los *ethé* discursivos*. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

El presente trabajo objetiva el análisis de diferentes adaptaciones de la *Biblia*, teniendo en cuenta sus aspectos lingüísticos y la consecuente formación de *ethos* discursivo en cada una de ellas. Considerados textos clásicos, las historias bíblicas deben ser conocidas por todos los sujetos, desde niños, pues, como atemporales, siempre sirven de reflexión para el lector, con discusiones pertinentes a la dinámica social. La investigación estableció, por lo tanto, como objetivos: defender la creación de adaptaciones de los clásicos, una vez que representan un contacto primero con la obra; analizar la construcción lingüística de las adaptaciones bíblicas, considerando que diferentes lectores merecen textos diferentes; destacar el uso de adjetivos como marcas personales del enunciador y, por fin, evaluar la construcción de los *ethé* discursivos de cada propuesta de adaptación, tomando por base la selección lexical de cada narrativa. Para tanto, se eligieron tres adaptaciones destinadas a tres grupos diferentes: una para niños, la segunda para adolescentes y la tercera para adultos. Durante el análisis, los adjetivos se destacaron como elementos expresivos, contribuyendo para la elaboración de textos apropiados a cada público, culminando, también, para la construcción de una imagen para cada enunciador – el *ethos* discursivo. De ese modo, el trabajo presenta la formación de diferentes *ethé* discursivos en las diferentes adaptaciones bíblicas, tomando como foco de estudio la selección de adjetivos. Con eso, se pretende promover la reflexión acerca de la necesidad de obras pensadas para públicos específicos, considerando el grado de interacción entre texto y lector.

Palabras clave: Adaptación. Adjetivo. Expresividad. *Ethos* Discursivo.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: UMA QUESTÃO DE ESTILO	13
1.1	Traduzir e adaptar : diferentes recontos	16
1.2	Estilo, tradução e adaptação	19
1.3	O texto bíblico: seus leitores e respectivos estilos	20
1.3.1	<u>A criança</u>	22
1.3.2	<u>O adolescente</u>	23
1.3.3	<u>O adulto</u>	25
2	O PAPEL DO ADJETIVO COMO MARCA DE EXPRESSIVIDADE E RECURSO PERSUASIVO	28
2.1	Valor gramatical e linguístico	28
2.2	Valor estilístico	34
3	ETHOS DISCURSIVO	39
3.1	<i>Ethos</i> na narrativa bíblica	43
3.2	<i>Ethos</i> nas adaptações bíblicas	47
4	UM FATO, TRÊS HISTÓRIAS	49
4.1	<i>A criação do mundo: Adão e Eva</i>	50
4.2	<i>O Dilúvio: Noé</i>	64
4.3	<i>A fuga do Egito: Moisés</i>	75
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A dissertação ora apresentada se construiu a partir de minha curiosidade a respeito das adaptações, neste caso específico, adaptações da *Bíblia*, analisadas sob o ponto de vista linguístico, e não como texto religioso. Apesar de a obra ser tratada sempre pelo viés doutrinário, a *Bíblia* comporta um número generoso de histórias fascinantes para qualquer leitor, o que motivou ainda mais a pesquisa realizada.

Para Ana Maria Machado (2002, p. 34), o texto da “sagrada escritura” independe do fator religioso, pois “o simples fato de vivermos numa nação que faz parte do Ocidente judaico-cristão já nos torna herdeiros da linhagem bíblica”. Assim, as histórias presentes na *Bíblia* devem ser passadas de geração a geração. De fato, seria um desperdício abandonar a obra sem mostrar sua riqueza.

Defendo que a leitura dos clássicos deve fazer parte da formação sociocultural de todo indivíduo, desde a mais tenra idade. Mas o que seria um texto clássico? Machado (2002, p. 15) assegura que “não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda”. O clássico é atemporal e suas histórias sempre servem de reflexão para o leitor, com discussões pertinentes à dinâmica da sociedade. O clássico é universal, interage com as mais diversas culturas. Por esse ponto de vista, é impossível não reconhecer no texto bíblico um clássico, uma vez que é mundialmente conhecido e, até mesmo, citado.

Da mais simples conversa de nosso cotidiano ao mais elevado trabalho literário, muitos são os discursos que se apropriam de alguma sabedoria passada por aqueles textos – sagrados para uns, históricos para outros – a fim de produzir determinado efeito de sentido. Sabe-se que, em muitos lares, o único livro existente era (é) a Bíblia Sagrada que, em tempos antigos, era lida, em voz alta, diariamente em grupo, com a família reunida. Não se pode deixar de reconhecer, portanto, o valor literário das Escrituras. (OLIVEIRA, 2007, p. 16)

Desse modo, assim como *Odisseia*, *Dom Quixote*, *A divina comédia*, *Os miseráveis*, *Auto da barca do inferno*, *Dom Casmurro*, entre outros, a *Bíblia* configura um texto clássico, pois não esgota seu próprio discurso, sempre transmite uma mensagem ao seu receptor, resistindo até os dias de hoje.

Considero, entretanto, que, como todo clássico, o material linguístico nem sempre é favorável a essa leitura e acaba afastando o sujeito da obra. Levando-se em conta que o momento de escrita do texto se deu em um passado bem distante, a construção do discurso, por vezes, parece hermética à leitura de um jovem do século XXI. Apesar de narrativas emocionantes, a forma de narrar os acontecimentos não efetiva a compreensão do texto.

A princípio, a intenção da pesquisa era realizar análises linguísticas de versões destinadas a diferentes grupos etários, observando-se as construções sintáticas e a seleção vocabular em cada uma delas, buscando estabelecer a real interação do leitor com o texto. Para isso, o *corpus* abrangeria bíblias de traduções diversas. Avaliando melhor, percebi que tal abordagem não se mostrava produtiva, uma vez que, em termos linguísticos, as traduções se aproximavam bastante, fato este que, inclusive, é responsável pelo afastamento de muitos leitores em relação à obra.

Durante a primeira parte de execução do projeto, pude constatar a existência de muitas adaptações da *Bíblia* para o público infantil, sendo poucos os textos completos para as crianças. Devido à multiplicidade de gêneros textuais presentes na *Bíblia*, percebi que a reformulação dos conteúdos era necessária, já que o infantil constituía um grupo de leitores que ainda não dispunha de ampla bagagem cultural e linguística para compreender todo o conteúdo apresentado.

O projeto de pesquisa, então, tomou novos rumos, em direção à produção de adaptações literárias. Por coincidência, ou mesmo obra divina, a professora Maria Lilia Simões de Oliveira, professora da PUC-Rio, já havia apresentado, em sua tese de doutorado, um estudo sobre a adaptação de clássicos, no qual aborda profundamente a obra *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes (século XVII). Como parte de sua tese, a autora também apresentou um panorama da *Bíblia* como o maior clássico de todos os tempos do mundo ocidental. Esse fator animou ainda mais os estudos aqui apresentados.

Para ratificar a pesquisa do mundo das adaptações, a leitura de José Paulo Paes, Ana Maria Machado e Mário Feijó serviram de base e mostraram a importância da adaptação como ponte para a posterior leitura da obra original. Os autores ressaltam que as versões compactas dão acesso a obras universalmente consagradas, uma vez que estas, devido à complexidade que se interpõe entre o texto e o leitor, são relegadas e acabam conhecidas apenas pelo nome e pela consagração que se realiza universalmente. Nas palavras de Machado (2002, p. 15), “o primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente”.

Desse modo, a leitura da adaptação configura o primeiro contato, uma espécie de rito de passagem, dinâmico e prazeroso, capaz de cativar o leitor para o posterior contato com o texto original.

No caminho de descobertas das adaptações, encontrei duas outras obras com referência à *Bíblia*. Tais livros foram lidos cuidadosamente e criticamente avaliados, ratificando meu interesse por essa área de pesquisa. Observei, no entanto, que cada um deles

atendia a um público-alvo específico. Um se destacava por sua linguagem despojada e pelo uso de ilustrações humorísticas. O outro mantinha o linguajar polido e prolixo, próximo da *Bíblia* convencional, com alguns poucos aspectos diferenciados.

O projeto de pesquisa se ateve, então, à seleção e análise de obras adaptadas que tomavam por base a *Bíblia*, estudando suas diferentes construções linguísticas, relacionando-as ao leitor alvo de cada adaptação. Foram selecionadas três adaptações, uma para crianças, a segunda para adolescentes e a terceira para adultos.

Após estabelecer essas adaptações, foi preciso escolher qual livro bíblico serviria de *corpus*, uma vez que a Bíblia evangélica apresenta sessenta e seis livros entre Antigo e Novo Testamento. Entre os de gênero narrativo, preferiu-se “começar pelo começo”: Gênesis, que conta a história da criação e da construção da civilização (povo de Israel). Ainda foi necessário escolher quais histórias abordar na análise, desde que comuns a todas as obras adaptadas. Assim, as narrativas sobre *A Criação do mundo* com as personagens Adão e Eva, *O Dilúvio* com Noé e *A Fuga do Egito* com Moisés foram selecionadas para a presente pesquisa. Trata-se de três histórias que se transformam em nove, pois, para cada adaptação, foi elaborado um texto diferente, em função do público ao qual se destina.

A partir desse ponto, a pesquisa enveredou para a apreciação dos recursos linguísticos empregados nas obras, considerando o aspecto expressivo de valor estilístico, em cada texto. Com isso, é possível afirmar que cada história ganha novas feições em razão da expressividade de cada autor, destacando-se na pesquisa a seleção lexical, em especial o emprego de adjetivos. Ainda que o uso dessa classe de palavra seja o foco da pesquisa, em alguns momentos, outros aspectos gramaticais foram também destacados em razão da funcionalidade que estabeleciam com a produção de sentido.

Um dos fatores para a personalização dos textos, tornando-os únicos e peculiares, está, sem dúvida, no uso dos adjetivos. Como se sabe, nenhuma escolha é gratuita; a palavra proferida no discurso marca o ponto de vista do enunciador, ou, pelo menos, o ponto de vista que ele deseja demonstrar, tanto no que tange à perspectiva paradigmática (seleção) quanto à sintagmática (combinação). Com isso, o leitor cria uma imagem atrelada ao sujeito que profere o discurso; o chamado *ethos* discursivo.

A pesquisa estabeleceu, portanto, como objetivos: defender a criação de adaptações dos clássicos, uma vez que representam um contato primeiro com a obra; analisar a construção linguística das adaptações bíblicas, considerando que diferentes leitores merecem textos diferentes; destacar o uso dos adjetivos como marcas pessoais do enunciador e, por fim,

avaliar a construção dos *ethé* discursivos de cada proposta de adaptação, levando em conta as escolhas lexicais de cada narrativa.

Os conteúdos apresentados na dissertação se dividem em quatro capítulos que desenvolvem a temática estudada. O primeiro trata a tradução e a adaptação como etapas cruciais para a leitura, responsáveis pela atração ou repulsa do leitor em relação ao texto. O segundo capítulo apresenta um estudo sobre a classe dos Adjetivos, considerando seus aspectos gramaticais e seus aspectos estilísticos. No terceiro capítulo, aborda-se o conceito de *ethos* discursivo e o modo como ele se constrói no texto. Por fim, constam as análises dos textos das diferentes adaptações selecionadas para o trabalho.

O capítulo “Tradução e Adaptação: uma questão de estilo” conta, brevemente, a história da tradução da *Bíblia* a outras línguas e explora a necessidade de reconstrução e atualização do texto em razão dos diferentes leitores de diferentes épocas. Além disso, destaca o conceito de **estilo** para diferentes especialistas, considerando que cada obra adaptada passa a uma nova, pois seu autor apresenta nova perspectiva diante da obra inspiradora. Defendo, assim, a adaptação como um recurso para o primeiro contato com o texto clássico.

No capítulo destinado ao estudo do adjetivo e seus diferentes aspectos, veem-se as definições de gramáticos e estilicistas a respeito da classe de palavra, enfatizando que a escolha do adjetivo expõe o posicionamento do enunciador, cumprindo a missão de revelar sua opinião a respeito do ser ou do objeto de que se fala.

Com isso, o leitor cria em sua mente uma imagem específica para cada narrador. Essa imagem não é uniforme, pois cada indivíduo faz uma leitura particular do texto, inferindo o posicionamento do narrador em relação à história contada, acrescentando à significação sua própria leitura de mundo. O capítulo intitulado “O *ethos* discursivo” apresenta o conceito de *ethos* a partir da visão de Aristóteles, culminando nos estudos linguísticos atuais.

A partir desses tópicos, a pesquisa analisou o adjetivo como construtor dos *ethé* discursivos nas adaptações bíblicas, evidenciando os aspectos linguístico-expressivos de cada narrativa, com uma possível leitura de imagem do narrador construída a partir do uso dos adjetivos de cada autor, levando em conta o público a que se destinam os livros.

No tocante ao ensino de Língua Portuguesa, a pesquisa permite a reflexão a respeito da leitura dos clássicos na escola. A cobrança da presença desses textos em sala de aula existe, mas não há preocupação com a compreensão deles por parte dos alunos. Convém, então, sensibilizar educadores, pais e bibliotecários em relação ao material que se disponibiliza aos estudantes, uma vez que serão eles os responsáveis por incentivar ou minar o interesse pela leitura.

1 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: UMA QUESTÃO DE ESTILO

A *Bíblia* é um livro milenar e de inspiração divina, como afirmam especialistas e religiosos. Afirma-se que este conjunto de livros se constituiu por escritos de mais de quarenta autores diferentes, centrados no mesmo tema: Jesus Cristo. Os relatos apresentados na Bíblia, inicialmente, eram difundidos via oral e, muito tempo depois, usou-se a escrita para registrar os acontecimentos. Os livros que formam a Bíblia foram escritos num período aproximado de mil e seiscentos anos e passados de geração a geração, traduzidos em várias línguas.

Na versão evangélica, a *Bíblia* apresenta sessenta e seis livros agrupados em dois grandes grupos: **Velho Testamento** e **Novo Testamento**. O primeiro abrange desde a história da criação do mundo até os acontecimentos após a volta dos judeus do exílio na Babilônia. O segundo aborda a história de Jesus e seus ensinamentos. Por ser um livro que contém outros livros, apresenta multiplicidade textual, contendo narrativas, cartas, listas genealógicas, legislações, poemas, provérbios, entre outros gêneros textuais, o que enriquece ainda mais a obra.

De acordo com a definição de Calvino (1993 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 27), a *Bíblia* se enquadra perfeitamente na definição de clássico, pois não esgota o próprio discurso, seu texto é atemporal, resistindo até os dias de hoje. A obra, ainda que não lida por inteiro, é conhecida e reconhecida amplamente no mundo ocidental, sendo o livro mais lido de todos os tempos. Seus ensinamentos têm passado de geração em geração, via oral e, mais tardiamente, pela escrita. As histórias apresentadas no livro sagrado habitam na memória de cada indivíduo, por meio uma lição de moral, como, por exemplo, em “... o salário do pecado é a morte...” (Romanos 6: 23) e até mesmo em alguma referência presente em ditos populares, tal qual em “paciência de Jó”, cujo conteúdo se refere a um homem que muito sofreu, mas se manteve fiel a Deus.

Para além do aspecto religioso, há de se destacar o valor histórico da obra, com relatos sobre a criação do universo e tudo o que nele existe, a formação das diferentes tribos e nações, entre outras histórias de valor cultural imensurável. Quanto ao valor literário, ressaltam as diferentes formas de construção dos textos, de estilos múltiplos, já que se trata de uma obra coletiva, com narrativas, poemas, leis, parábolas, entre muitos outros gêneros.

... Por ser produto coletivo, a Bíblia apresenta-se formalmente como uma antologia; não revela unidade, como concebemos nos livros atuais; não há na obra um estilo único, bíblico; há vários pontos de vista e várias mensagens. É concebida em total polifonia... (OLIVEIRA, 2007, p. 44)

Nem sempre, porém, o acesso ao texto bíblico foi tão fácil como hoje em dia. Dependia-se da comunicação entre os povos para manterem vivas as histórias, transmitindo-as oralmente, já que nem todos eram alfabetizados e o texto escrito não era facilmente encontrado.

... De início, os textos bíblicos eram transmitidos oralmente, devido às circunstâncias da época, principalmente o alto índice de analfabetismo. Aos poucos, surgem as transcrições e, segundo historiadores, é possível encontrar em velhos palimpsestos poemas bíblicos escritos nos séculos XI e X a.C. Este processo de “cópia” possibilita a potencialização da língua comum; daí chega-se ao discurso literário, muito recorrente na *Bíblia*. Curioso também é o fato de ter sido produzida uma edição da *Bíblia* somente com imagens; a *Bíblia pauperum* (Bíblia dos pobres) buscava um interlocutor pouco proficiente nas letras góticas. [...] E a preocupação com o leitor, interlocutor da obra, também não é novidade dos últimos séculos... (OLIVEIRA, 2007, p. 42)

Percebe-se, pois, a necessidade de ampliar o acesso às *Escrituras* a todo tipo de leitor, não considerando apenas a posse do livro, mas as devidas condições de leitura do texto. O leitor da Idade Média tinha uma perspectiva de leitura totalmente diferente daquela do leitor de hoje, século XXI. Além do fator tempo, consideram-se os interesses pela obra, a faixa etária, o nível cultural, entre outros. Todos esses elementos implicam leitores diferentes, exigindo formas de expressão diversas da obra.

Assim, não se pode negar o valor do trabalho do autor, uma vez que, apesar de inspiração e autoria divinas, é o “... homem que põe em letras aquelas mensagens e ensinamentos...” (OLIVEIRA, 2007, p. 43). Discute-se, pois, o trabalho de tradução, uma vez que o tradutor dá uma obra a conhecimento universal e, assim, deve levar em conta as diferenças temporais e socioculturais dos diferentes leitores a fim de adequar a linguagem da melhor maneira possível, de forma que o interlocutor possa ser “tocado” pelo texto.

... Se a responsabilidade pelo sentido do texto é, também, do leitor, devemos deduzir que haverá tantas leituras quanto leitores para uma obra literária. Logo, se o leitor do século XXI é bem diferente do leitor dos séculos anteriores, a leitura que se fizer hoje será bastante diversificada da feita no passado. [...] Logo, os textos antigos devem passar por um processo de atualização da linguagem para que possam continuar dizendo seu verbo a mais gente... (OLIVEIRA, 2007, p. 40)

Segundo Konings (2011, p. 18), uma tradução pode ter várias versões, uma vez que considera a tradução como transposição de um idioma para o outro e a versão como a formulação do texto de outro modo. Dessa maneira, pode-se conceber que a *Bíblia* possui um extenso número de traduções e ainda maior de versões, levando em conta que as editoras visam ao alcance de públicos variados.

Por volta do século XIII, o rei Dom Dinis elaborou a primeira versão parcial da Bíblia em português. Com a Reforma Protestante, sentiu-se a necessidade de “... oferecer a Bíblia na língua do povo...” (KONINGS, 2011, p. 19), o que levou Martinho Lutero a traduzir todo o livro sagrado para o alemão; em tal feito, privilegiou “... a clareza e a expressividade acima da literalidade...” (KONINGS, 2011, p. 20). Tal afirmação de Konings (2011) garante que o leitor é o principal objetivo de uma obra literária: ele deve, por si mesmo, estabelecer relações de sentido entre os enunciados e o fruir do texto, interagindo com a obra.

Em relação à Língua Portuguesa, a tradução de João Ferreira de Almeida (século XVII) conquistou um espaço avassalador.

... A tradução usada pelos evangélicos ou protestantes no âmbito português, inclusive no Brasil, é obra de um clérigo português, emigrado para a Holanda, onde entrou na Igreja Reformada: João Ferreira de Almeida. Segue de perto o texto original, às vezes de modo rígido, como aparece na versão “corrigida fiel” ainda em voga entre nós (ACF). Recentes revisões adaptaram-na ao português moderno (versão “revisada e corrigida”, ARC), ou até assumiram os recentes progressos da pesquisa dos documentos textuais (versão “revisada e atualizada, ARA)... (KONINGS, 2011, p. 20)

Ao longo de sua vida, Almeida trabalhou na tradução da *Bíblia*, começando pelo Novo Testamento. Em 1691, já havia traduzido uma boa parte do Antigo Testamento – mais exatamente até o livro do profeta Ezequiel, vigésimo sexto livro da *Bíblia*. O trabalho de tradução deu sequência com o pastor Jacobus Akker, da Indonésia. A obra completa em português foi publicada em 1753.

Nota-se, assim, o constante aparecimento de traduções das escrituras sagradas numa mesma língua. Konings afirma que esse fenômeno já era comum na Antiguidade, havendo quatro traduções em grego. Isso se deve à premissa de que “... nenhuma tradução consegue transpor (*trans-duzir*) perfeitamente, com todas as suas nuances e conotações, o sentido primeiro do texto...” (KONINGS, 2011, p.22).

Outro dado importante sobre a obra diz respeito à sua divisão em capítulos e versículos: os textos originais não apresentam essa disposição, mas, para facilitar a memorização de passagens bíblicas, em 1227, o professor Stephen Langton apresentou uma versão dividida em capítulos. Mais adiante, o professor Robert Estienne, no ano de 1551, repartiu os textos em versículos, segundo Konings (2011). A primeira tradução em Língua Portuguesa foi impressa em 1748, quando, enfim, portugueses, brasileiros, dentre outros, tiveram acesso a essa leitura em sua língua materna.

1.1 Traduzir e adaptar: diferentes recontos

No que tange à tradução da *Bíblia*, Konings (2011) observa que há traduções de estilo mais simples e outras mais eruditas, distinguindo-se não apenas pelo público-alvo, mas também pelos interesses que envolvem a leitura da obra.

As traduções clássicas da igreja protestante, ora rotuladas como populares, tornaram-se complexas para a leitura, pois não acompanharam a dinamicidade do linguajar do povo, incluindo-se, nesse caso, a tradução de Almeida. Para o leitor atual, buscou-se, então, uma nova tradução: *Bíblia na linguagem de hoje*. Tal tradução foi disponibilizada em vários idiomas, apresentando, inclusive, uma edição católica (com os livros apócrifos¹), para garantir a efetiva compreensão por parte dos fiéis.

Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH): Esta tradução, preparada pela Sociedade Bíblica do Brasil (2000), segue os princípios da tradução de equivalência dinâmica, sendo fiel aos textos originais (em hebraico, aramaico e grego). O sentido do texto é dado em palavras e formas do português falado no Brasil. Foi feito todo o esforço para que a linguagem fosse simples, clara, natural e sem ambiguidades. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) foi lançada em 2000, e a SBB continuou a acolher as sugestões que lhe foram encaminhadas. Em 2005, quando foi publicada a Bíblia de Estudo NTLH, o texto bíblico sofreu pequenas alterações e ajustes em poucos versículos. Agora, novas mudanças foram feitas no texto bíblico, incorporando as alterações previstas na reforma ortográfica da Língua Portuguesa.

Disponível em: <https://www.bible.com/pt-BR/versions/211>

Acesso: 22/02/2014

Discute-se, porém, a questão do empobrecimento do texto dada à simplificação linguística, pois, segundo Konings (2011, p. 23),



... não deixa transparecer a estrutura e o colorido da língua original, esconde particularidades significativas, como a forma poética, os jogos de palavras, as figuras e metáforas, os efeitos retóricos do texto original etc. As traduções simplificadas correm o risco de querer ensinar o “conteúdo” separado de sua expressão literária original, abrindo estrada para o dogmatismo². [...] o uso de termos mais precisos, conforme a linguagem de hoje, pode fechar a semântica aberta do texto bíblico e reduzir sensivelmente suas ricas conotações...

Apesar de concordar com o autor no que tange à simplificação e ao empobrecimento da linguagem presente no texto bíblico, é preciso levar em conta que a *Bíblia* possui muitos enigmas linguísticos e contextuais que, à primeira vista, podem travar a leitura de qualquer indivíduo que busque tal leitura. A tradução na linguagem de hoje aproxima o leitor iniciante de um texto menos complexo, por facilitar a interação. As traduções protestantes ficaram, contudo, muito parecidas. De fato, pode-se observar que a estrutura do texto não difere

¹ São os livros que não pertencem ao cânon por não fazerem parte do texto em hebraico e, por isso, não constarem na Bíblia Protestante.

² Imposição sem discussão.

significativamente de uma para outra, mas visam a atender diferentes leitores. O quadro abaixo é capaz de comprovar tal afirmação:

Versículo Bíblico	Almeida Revista e Corrigida (RC) 	Almeida Revista e Atualizada (RA) 	Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) 
Gênesis 1.1-2	No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.	No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas.	No começo Deus criou os céus e a terra. A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água.
Salmo 16.5	O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice; tu sustentas a minha sorte.	O Senhor é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte.	Tu, ó Senhor Deus, és tudo o que tenho. O meu futuro está nas tuas mãos; tu diriges a minha vida.
Mateus 16.24	Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me.	Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.	E Jesus disse aos discípulos: Se alguém quer ser meu seguidor, esqueça os seus próprios interesses, esteja pronto para morrer como eu vou morrer e me acompanhe.
Romanos 5.1	Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.	Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.	Agora que fomos aceitos por Deus e pela nossa fé nele, temos paz com ele por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.
1Coríntios 13.4-5	A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.	O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal.	Quem ama é paciente e bondoso. Quem ama não é ciumento, nem orgulhoso, nem vaidoso. Quem ama não é grosseiro nem egoísta; não fica irritado, nem guarda mágoas.

Fonte: Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=66>>. Acesso 02/03/2013

No trecho de Gênesis se observa a mudança lexical de “princípio” para “começo” – uma troca bastante simples, mas que pode interferir na compreensão de determinado grupo de leitores, visto que a segunda palavra é mais usada corriqueiramente. Ainda é possível considerar a inversão do sujeito em “criou Deus” e “Deus criou”. Trata-se, pois, de uma mudança estrutural que permite ao leitor compreender rapidamente que foi Deus quem criou,

e não que alguém criou Deus, como as duas primeiras traduções poderiam sugerir à primeira vista.

Konings (2011, p. 22) assevera, então, que se fazem necessários “... diversos tipos de tradução para diversos usos e tipos de leitores...”. Além disso, ressalta que a leitura e a compreensão da Bíblia, bem como de qualquer outro texto, se dá pela interação que existe entre o leitor e a obra, na qual as palavras cumprem função de mediadoras dessa relação. Assim, “... para fazer acontecer essa interação as traduções podem cumprir o mesmo papel que o texto original...” (KONINGS, 2011, p. 22).

Conforme observado, a tarefa do tradutor não consiste, então, na mera alteração vocabular, tampouco se pode considerar uma tarefa acabada: “... Falar de tradução é falar de reescritura, de equivalência, de relação intersubjetiva, de apagamento do sujeito-tradutor...” (OLIVEIRA, 2007, p. 62). Dessa forma, o trabalho de tradução reside na constante atualização linguística, pois a sociedade muda, os indivíduos mudam de acordo com o tempo em que vivem; logo, a forma da obra também deve sofrer alterações para atender ao público da vez. Entende-se, também, que o tradutor trabalha na tentativa de fazer com que o texto se porte aos olhos do leitor como o original e, para isso, sua identidade, diferente do autor real da obra, deve ser camuflada.

O leitor em formação, por vezes, ainda não dispõe de bagagem linguística e cultural que garanta sua inserção no texto lido. Os clássicos, em geral, apresentam linguajar rebuscado e comprometem a significação da leitura, desanimando e/ou distanciando o sujeito que lê. Ao contrário, o texto deve mobilizar seu interlocutor e a linguagem servir de instrumento para despertar o prazer estético. Por isso, a linguagem não pode ser, parafraseando Drummond, a pedra no caminho do leitor. “... O leitor em formação precisa contar sempre com a mediação da linguagem...” (OLIVEIRA, 2007, p. 40).

Para solucionar tal questão, surgiram as adaptações dos clássicos da literatura, objeto de apreço e defesa de Monteiro Lobato. A adaptação se difere da tradução, pois esta se restringe a passar o conteúdo de uma obra a outra língua, enquanto aquela reconstrói o discurso da original. As obras adaptadas atuam como pontes que levam o leitor em formação em direção às originais. Também auxiliam como formadores da bagagem intelectual, introduzindo temas, conceitos e fatos históricos antes desconhecidos, apresentando-se em linguagem acessível. Segundo Oliveira (2007), Lobato defendia com veemência a adaptação para crianças, já que nem mesmo as traduções supriam as necessidades de entendimento dos pequenos.

... Eis o seu propósito: dar ao público a oportunidade de conhecer os clássicos na língua portuguesa do Brasil. Lobato, como tradutor ou como adaptador, deixa marca própria, pois elabora o texto com a mesma arteficialidade apresentada em seus trabalhos autorais... (OLIVEIRA, 2007, p. 67)

Considerando a vantagem de conhecer a obra sem os percalços linguísticos que o texto original pode apresentar ao leitor iniciante, ressalta-se que o adaptador deve dominar bem a obra em si e a linguagem, a fim de elaborar um novo texto que cativasse o leitor, desempenhando bom resultado.

1.2 Estilo, tradução e adaptação

Para Nilce Sant'Anna Martins (2008, p. 17), o *estilo* "... se aplica a tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas...". Dessa forma, podemos encontrar versões de uma mesma obra que a correspondam em tamanho, maiores ou menores, já que o autor de cada versão prioriza determinados trechos, e, até mesmo, infere suas interpretações na nova obra em construção.

O estilo linguístico é um conjunto de fatores que caracterizam uma determinada obra, podendo valer-se de desvio da norma, de características individuais ou coletivas, escolha entre inúmeras possibilidades de uso, segundo Martins (2008, p.18).

Quando uma obra ganha uma versão, podemos considerar que uma nova obra foi produzida, baseada nos princípios da original. Logo, aquele que faz a versão também é autor, também cria. Desse modo, a *Bíblia*, um livro originariamente escrito por vários autores, ganha outros ao serem produzidas novas versões, cada uma à sua maneira peculiar – seguindo o estilo de seus tradutores e adaptadores.

De acordo com Mattoso Câmara (1979, p.14), "... a estilística vem complementar a gramática...", uma vez que o sistema gramatical dá conta da função representativa da língua e o estilo cuida das funções psíquicas e apelativas, ou seja, da **expressividade**. Assim, cada versão de um livro terá um aspecto diferente, pois cada autor infere suas percepções e chama a atenção para um ponto específico da obra, já que "... toda imitação pressupõe uma escolha e, portanto, um **desvio criador** em relação ao modelo..." (JAKOBSON, [20--], *apud* CÂMARA, 1979, p. 9 – grifo meu).

1.3 O texto bíblico: seus leitores e respectivos estilos

Devido às inúmeras versões do livro sagrado, nota-se a variabilidade de textos encontrados, partindo todos de uma mesma fonte: a *Bíblia*, baseando-se no mesmo conteúdo, mas abordando-o de diferentes modos, com estratégias diversas de linguagem. Nesse mundo de opções, há a bíblia para crianças, algumas com pequenas menções a trechos bíblicos, outras que apontam as histórias de maior destaque em propostas diferentes, como quadrinhos, por exemplo, fazendo uso de uma linguagem mais adequada à faixa etária em questão. Também é possível encontrar bíblias de estudos, inicialmente destinadas àqueles com cargos eclesiásticos mais elevados – os pastores, por exemplo, nas quais se verifica um vocabulário mais rebuscado e material de apoio para estudos mais aprofundados nos temas desenvolvidos. Do mesmo modo, existe a bíblia do adolescente, apresentando linguagem mais descontraída, com mensagens de orientação para a fase da vida marcada por escolhas importantes.

Como anteriormente mencionado, o mercado literário tem investido na produção de versões especiais para públicos distintos. Cabe salientar, então, que as edições especiais da Bíblia para crianças, adolescentes, obreiros, mães, avós, surfistas, entre outras, apresentam um conjunto de textos extras que fazem referência ao universo específico de cada grupo leitor a que se destina, pois, além do texto bíblico, há paratextos – apresentação dos livros bíblicos, especificação dos autores dos livros, vocabulário, contexto histórico – que esclarecem a leitura, relacionando as passagens às vivências típicas de cada grupo, levando em conta os interesses coletivos. Assim, a classificação por idade dessas edições não se refere, necessariamente, ao texto bíblico em si, mas em relação aos textos explicativos em relação ao conteúdo apresentado e aos textos de aplicação pessoal elaborados especialmente para cada grupo, o uso facultativo de ilustrações, configuração estética do livro, entre outros detalhes.

Como a pesquisa, ora apresentada, se remete ao campo linguístico do próprio texto bíblico, deve-se ressaltar que são poucas as diferenças estruturais e lexicais entre as traduções mais correntes. Por vezes, há uma mudança de vocábulo ou simplificação da estrutura sintática (já que, na Bíblia, há recorrência de ordem indireta, sujeito posposto ao verbo, orações intercaladas), facilitando o entendimento de trechos isolados, mas não a compreensão do sentido global do texto. Desse modo, o que se observa pontualmente são diferentes traduções, que nem sempre garantem a leitura fluida e a pronta assimilação do conteúdo.

Conclui-se, então, que não há versões propriamente ditas para públicos diferentes. A versão de uma obra literária supõe modificações que favoreçam a leitura do texto em questão.

A propaganda de uma Bíblia para crianças, por exemplo, nos remete à possibilidade de um domínio de leitura do pequeno leitor. O que acontece, porém, é que se mantém a tradução que a editora define como mais “fácil” para o público-alvo, sem levar em conta a interação com o leitor.

Devido a tudo isso, a pesquisa se ateve à crescente produção de adaptações da *Bíblia*, atendendo a diversos tipos de leitores.

... Defende-se a necessidade das adaptações, paráfrases, recontos e quantos mais substantivos pudermos encontrar para o exercício de apresentar o clássico literário a um leitor que ainda não dispõe de material linguístico e enciclopédico para interagir com obra de grande porte... (OLIVEIRA, 2007, p. 63)

A adaptação consiste em um recurso linguístico de aproximação da obra integral com o leitor, dissipando os possíveis receios de leitura e preparando o caminho para o contato com a obra original. Dado que muitos consideram a leitura do texto bíblico cansativa, difícil e, até mesmo, enfadonha, a possibilidade de ler uma versão mais dinâmica da obra é o primeiro passo para que se aguce a vontade de conhecer a fonte inspiradora da adaptação.

Levando em conta que a Bíblia, de fato, conforma um texto complexo e de leitura pouco fluida, apresentando em sua composição vários gêneros textuais, torna-se necessário que o leitor seja preparado para mergulhar no universo no qual a própria *Bíblia* está inserida. A leitura da adaptação antes do texto clássico configura, então, um rito de passagem que possibilita ao leitor, de qualquer idade, uma compreensão mais clara e objetiva da obra, sem nunca esquecer, porém, que ler a adaptação não é ler o original.

Considera-se que a adaptação não corresponde ao empobrecimento do texto original, mas a uma nova maneira de contar uma história que já existe. Desse modo, o adaptador deve cuidar dos aspectos linguísticos de forma a não banalizar a obra adaptada, nem fazer recortes expressivos que mutilem a história em referência.

Nas adaptações, ao contrário das traduções, é possível ver a personalidade e as intenções do escritor-adaptador. A perspectiva do adaptador é múltipla e pode variar de acordo com seus interesses estéticos; o tradutor, por sua vez, segue a rigor a perspectiva da obra original. Para atingir seus objetivos, a adaptação se dá o direito de suprimir alguns elementos da história, fazer interferências na sequência lógica dos fatos, como, por exemplo, lançar mão de *flashbacks*, diminuir consideravelmente o volume textual, entre outras possibilidades. A grande questão é que nenhuma dessas possibilidades desvaloriza o caráter

estético da adaptação; o escritor-adaptador executa um trabalho linguístico magistral, abrindo caminhos para leitores que antes não poderiam acessar os clássicos.

Oliveira (2007, p. 20) considera como boa adaptação “... um texto que, mesmo bebendo na fonte do clássico, não se apequena e impõe sua identidade; um texto que reverencia o original, mas que marca um novo território – o de clássico do clássico – e lá se coloca, permanecendo...”. Logo, existem boas e más adaptações, da mesma forma que existem originais bons e ruins. Como os leitores em formação têm mediadores (pais, professores, bibliotecários etc.), a indicação para leitura das obras dependerá da avaliação feita pelos responsáveis. Assim, é tarefa desta pesquisa:

... Observar a arteficialidade com a palavra na árdua tarefa de recontar uma história, sem que o escritor-adaptador se deixe levar apenas pelo decalque, sem tornar a linguagem redutora; dar ao mediador da leitura condições de reconhecer os diferentes trabalhos em múltiplas linguagens sobre o mesmo tema, de modo que a seleção e a indicação da obra possa acontecer de maneira criteriosa, **observando-se o perfil do público-alvo**; eis a nossa proposta. Cada professor, bibliotecário, pai, mãe, responsáveis em geral por apresentar os clássicos a crianças e jovens, deve conhecer os diversos modos de se contarem as histórias... (OLIVEIRA, 2007, p. 19 – grifo meu)

Desse modo, afirma-se que cada adaptação corresponde a um público diferente, atendendo às demandas linguísticas e estéticas de diversos grupos, como será apresentado a seguir.

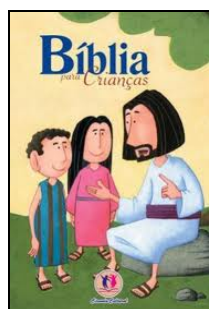
1.3.1 A criança

Para esse grupo etário, a maioria das obras destinadas são adaptações. Assim, há conteúdos suprimidos, diferindo-se em cada obra. Em se tratando de *Bíblia*, as narrativas são os gêneros que prevalecem nas obras destinadas aos pequenos, tanto no que tange aos livros do Antigo Testamento, abordando a criação do mundo, o dilúvio, a travessia do Mar Vermelho e outras histórias, como aos do Novo Testamento, narrando o nascimento de Jesus, seus milagres, sua morte e ressurreição. A escolha do gênero história bíblica em prosa se deve, certamente, à proximidade das crianças com narrativas desde muito cedo, ouvindo contos de fadas.

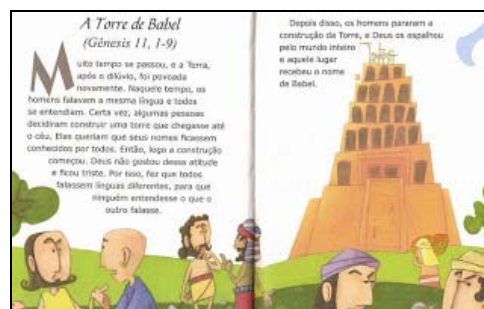
Raras são as bíblias para crianças que apresentam, pelo menos, trechos dos livros pertencentes a outros gêneros, como os de poemas e de provérbios, tais como Salmos, Provérbios e Cantares de Salomão. Durante a realização da pesquisa, encontrou-se um

exemplar, destinado a crianças que trazia alguns poemas do livro de Salmos. Vale dizer, no entanto, que a configuração material do livro não parecia se destinar ao público infantil, pois se tratava de um livro bem grande e pesado, quase impossível de ser carregado por uma criança. Embora apresentasse ilustrações, apenas isso não bastava para qualificar a obra como adequada ao grupo em questão. Parecia que o livro se destinava aos instrutores bíblicos, responsáveis pela formação religiosa dos pequenos.

Não se encontrou, efetivamente, nenhuma versão bíblica para crianças, que apresentasse toda a Bíblia com um linguajar próprio para esse grupo. A adaptação selecionada se constitui de breves narrativas que abrangem a Criação do Mundo, o Dilúvio, histórias de homens de destaque como Moisés, Davi, Daniel, Jonas, entre outros, bem como o nascimento de Jesus, seu ministério, morte e ressurreição.



3



4

1.3.2 O adolescente

Foi possível perceber que, para o público adolescente, há uma variedade de estereótipos de versões para escolher na hora da compra, seguindo as preferências de cada indivíduo. Há modelos bastante tradicionais, como os livros de capa preta, comuns à *Bíblia*, e outros diferenciados, seguindo uma proposta estética em sintonia com o público-alvo, apresentando modelos com personagens de desenhos ou representações de estilos diferenciados, atendendo, assim, a diversas personalidades. Como se pode ver nos modelos a seguir:

³ *Bíblia para crianças* (Editora Ciranda Cultural)

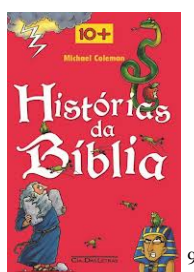
⁴ Imagem disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_Ps6uQuWJfQ/TFCYQ-gdvEI/AAAAAAAAADsI/jxIzWBcyXLo/s320/babel2a.jpg>. Acesso em: 03 mar. 2013



Em relação ao conteúdo textual, porém, voltamos à observação já declarada: o que muda é a tradução e os possíveis paratextos que apresentam, destinando-se ora para meninas, ora para meninos – podendo apresentar ramificações de grupos como: surfista, garoto radical, garota de fé...

Em geral, para esse público, usa-se a tradução denominada Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), fator que facilita a compreensão das palavras, mas não, necessariamente, a apreensão significativa do texto. A tradução em linguagem atual, em algumas passagens, reorganiza os termos da oração, conferindo ao leitor melhor compreensão. Analisou-se, então, a *Bíblia do Adolescente – Aplicação Pessoal*, da CPAD, modelo que adota a Tradução na Linguagem de Hoje. De fato, essa tradução desata alguns nós que surgem na leitura da tradução mais tradicional. Ainda assim, a leitura é densa e exige suporte de pessoas mais capacitadas no aspecto religioso.

Por isso, enveredando pelo mesmo caminho do público infantil, buscou-se uma adaptação da *Bíblia* para um grupo não tão dependente de “facilitadores linguísticos”, mas de elementos que atraiam para a leitura da obra completa. Encontrou-se um livro que apresenta dez histórias da Bíblia, em tom bem humorado e, por vezes, satírico. A adaptação em questão se mostra mais acessível ao referido público leitor no que tange à estrutura e ao vocabulário usados.



⁵ *Bíblia do Adolescente – aplicação pessoal* (Editora CPAD)

⁶ *Bíblia do Garoto Radical* (Editora Mundo Cristão)

⁷ *Bíblia do Surfista* (Editora SBB)

⁸ *A Bíblia da garota de fé* (Editora Mundo Cristão)

⁹ *10+: Histórias da Bíblia*, de Michael Coleman (Editora Cia das Letras)

1.3.3 O adulto

Para esse grupo, a versão tradicional é mais difundida e usada pelos fiéis. Como as demais, a variação se dá pelas diferentes traduções existentes e pelos paratextos adotados pelas editoras a fim de atender a públicos mais restritos, como se pode notar na Bíblia do Obreiro, do Papai, da Mãe, da Avó, da Mulher, do Pastor, entre outras.



Mesmo com a fluidez proposta pela tradução na Linguagem de Hoje, ainda há muitos leitores que apresentam dificuldades para compreender o texto bíblico. Torna-se, então, necessária a elaboração de adaptações para o público de mais idade. Embora se possa pensar que, por se tratar de pessoas mais experientes, não seria necessária a ponte entre o texto original e o leitor, muitas vezes, a leitura da adaptação pode tornar a atividade mais dinâmica e precisa.

O primeiro ponto relevante a considerar a adaptação para adultos consiste na premissa de que nem todos os leitores têm a mesma bagagem, o que, sem dúvidas, influencia bastante na construção de sentido. Diante de um texto complexo e de linguagem religioso, apenas alguns adultos estão aptos para compreender globalmente a obra.

O segundo ponto nos remete ao nível espiritual e eclesial. Um pastor, que passou por cursos de formação religiosa, tem uma leitura diferente da pessoa que entrou para o meio cristão há pouco tempo. Assim, o desempenho interpretativo pode ser prejudicado pela falta de dados a respeito de toda a obra.

Por fim, há de se considerar o interesse de leitura. A *Bíblia*, como apresentada hoje em dia, se torna um texto puramente histórico e/ou moralizante, ditando as regras do que deve ser feito. Dessa forma, a leitura pode-se dar de forma mecânica e não apreciativa.

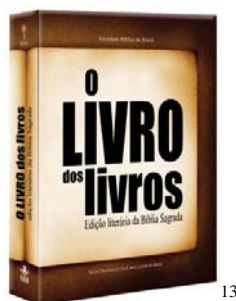
¹⁰ *A Bíblia da Mulher* (Editora SBB)

¹¹ *Bíblia do Obreiro* (Editora SBB)

¹² *Bíblia do papai: sabedoria do Pai para os pais* (Editora SBB)

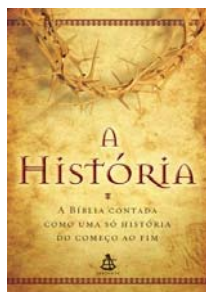
Ainda há outro agravante: a formatação do texto. Por estar disposta em capítulos e versículos, no intuito de facilitar a localização de passagens, a construção de sentido pode ser prejudicada se, ao separarem os versículos, alguma linha de significação se romper. Caso o leitor não tenha em mente que tal marcação é para fins puramente estruturais, a leitura fica comprometida.

Observaram-se, então, duas edições da *Bíblia*. Uma delas se apresenta como versão literária, a qual traz o texto bíblico na íntegra, traduzido na linguagem de hoje, mas sem a fragmentação em pequenos versos nem em capítulos, retirando as possíveis interrupções do texto e, com isso, promovendo mais facilmente a compreensão.



13

A segunda versão também se apresenta como uma versão literária, unindo todas as histórias bíblicas e formando um todo coeso e coerente, como uma epopeia composta por diversos heróis. Nessa edição, não se dividem os livros bíblicos; logo, também não há os capítulos e versículos como dispostos convencionalmente. Apresenta, pois, capítulos intitulados conforme os acontecimentos. Por exemplo, quando o povo de Israel sai do Egito e vaga pelo deserto, a *Bíblia* tradicional relata tal fato no livro do *Êxodo*, enquanto, na referida edição, o fato se localiza no capítulo chamado “Nômades”.



14

Selecionou-se a adaptação que conta a *Bíblia* como uma história longa e articulada, promovendo maior interação com o público leitor, pois “transgride” a estrutura do livro.

¹³ *O livro dos livros* – edição literária da Bíblia Sagrada (Editora SBB)

¹⁴ *A história* – a Bíblia contada como uma só história do começo ao fim, de Fabiano Morais (Editora Sextante)

Quanto à linguagem, não há a mesma complexidade como as traduções comuns que veiculam no mercado bíblico, mas não é facilitada para qualquer público, exigindo um nível de leitura mais apurado.

Ao longo do trabalho, apresenta-se a construção das adaptações e como elas contribuem para o entendimento do texto bíblico e, conseqüentemente, para a aproximação dos leitores ao texto integral.

Por meio deste estudo, pretende-se desmitificar a leitura da *Bíblia*, já que muitos acreditam ser o livro mais difícil de ler e de compreender, ainda que seja o mais lido no Ocidente. Corrobora para tal mitificação o fato de as pessoas lerem versões que, em geral, não correspondem aos seus objetivos de leitura. No caso da presente pesquisa, o propósito principal está no desenvolvimento da capacidade leitora, considerando as adaptações relacionadas à criança e ao jovem. Desse modo, verificam-se as devidas condições de leitura e compreensão de um livro tão popular, no sentido de bastante conhecido, mas ainda visto como de linguagem rebuscada e, por vezes, incompreensível.

2 O PAPEL DO ADJETIVO COMO MARCA DE EXPRESSIVIDADE E RECURSO PERSUASIVO

A escolha dessa classe gramatical se deve à observação de que o uso de qualificadores é de suma importância na língua, uma vez que eles marcam a tomada de posição do enunciador em relação ao enunciado.

No texto *Argumentatividade na linguagem midiática: aspectos linguísticos da intencionalidade discursiva*, Valente (2011) pontua o valor do adjetivo em várias gramáticas da Língua Portuguesa. Na presente pesquisa, consideram-se as definições de adjetivo em seu aspecto gramatical dos autores Rocha Lima (2012), Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), José Carlos Azeredo (2011) e Maria Helena de Moura Neves (2011).

Sob outra ótica de abordagem, estudou-se a referida classe em seu aspecto estilístico: o papel expressivo do adjetivo. Para tanto, os autores Manuel Rodrigues Lapa (1998), José Lemos Monteiro (1991) e Nilce Sant'Anna Martins (2012) serviram de aporte teórico para o trabalho.

2.1 Valor gramatical e linguístico

Em *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, cuja primeira edição data de 1957, Rocha Lima define adjetivo como “palavra que **restringe** a significação ampla e geral do substantivo” (LIMA, 2012, p. 141 – grifo meu). Tal posicionamento afirma a classe dos adjetivos como responsável pela **particularização** do elemento nomeado pelo substantivo. Assim, seguindo o exemplo dado pelo autor, “homem magro” não é qualquer homem, apresenta um diferencial: ser magro. O adjetivo, então, cumpre o papel de realçar a caracterização do substantivo.

Expõe ainda que o adjetivo expressa diferentes intensidades, daí os graus comparativo e superlativo. O primeiro aponta dois seres diferentes como alvos da comparação, ambos com valor igual; o termo A ser inferior ou superior a B, ou vice-versa. No exemplo “*Esta cidade é mais ANTIGA do que a nossa*” (p. 148), a qualidade de ser antiga é comparada entre duas casas, uma delas de antiguidade superior à outra. Poderia expressar inferioridade, em “... *menos antiga do que...*” ou igualdade: “... *tão antiga como...*”.

No tocante ao grau superlativo, há dois tipos: relativo e absoluto. Rocha Lima (2012, p.149) afirma que o primeiro grupo se chama relativo porque se relaciona a algum outro elemento, como em “*Esta cidade é a mais ANTIGA da Europa*”, tomando as demais cidades como referência. Quanto ao superlativo absoluto, não necessita de outro elemento para comparação. Apresenta duas estruturas: a sintética, aquela em que o adjetivo vem acrescido de sufixo, tais como “-íssimo”, “-rimo”, entre outros; e a analítica, quando o adjetivo é empregado antecedido por um advérbio de intensidade, como, por exemplo, “muito”, “bastante”, entre outros. “*Esta cidade é antiquíssima*” e “*Esta cidade é muito antiga*” ilustram, respectivamente, as duas possibilidades de construção.

Em relação ao posicionamento do adjetivo na frase, Rocha Lima (2012) afirma que a língua portuguesa dá liberdade ao falante para ordenar substantivo e adjetivo ou adjetivo e substantivo. Observa, no entanto, que se trata de uma liberdade relativa, uma vez que há regras a respeitar. Se o adjetivo tem valor descritivo (objetivo), deve ser posposto ao substantivo, uma vez que “A anteposição ocorre, ao revés, quando se pretende realçar o substantivo por meio de uma qualidade sobre a qual se quer chamar a atenção” (LIMA, 2012, p. 374). Nota-se, no último caso, o valor expressivo da posição do adjetivo na frase. Se posposto ao substantivo, tem função referencial, valor objetivo; anteposto, apresenta valor conotativo, de cunho poético. Valente (2011) exemplifica claramente essa distinção com o título da peça musical “Pobre Menina Rica”, de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes, no qual se pode extrair o valor imaterial em “pobre menina” e o caráter objetivo em “menina rica”, apresentando o contraste entre a riqueza material e a pobreza de espírito em relação a um mesmo núcleo (menina).

Outro fator de destaque se deve à constatação de Rocha Lima (2012) em relação ao uso do superlativo sintético no lugar do relativo. Em vez de “*o mais poderoso dos homens*”, usa-se “*o poderosíssimo dos homens*” (LIMA, 2012, p. 378). O autor sinaliza que o emprego do sufixo “-íssimo” enfatiza a carga expressiva do adjetivo, maior que a do advérbio. Desse modo, trata-se de uma questão de escolha do enunciador, preferir uma forma à outra é o que garante a construção de sentido para o seu texto.

No tópico “Estilística Léxica”, o autor define conceitos de denotação e conotação, a primeira responsável pela função representativa e a segunda pela função apelativa. Assim, “o exame da conotação se situa na área de estilística, e só se precisa no contexto...” (LIMA, 2012, p. 580). Não é possível, portanto, analisar o valor conotativo de uma palavra sem a devida contextualização; fora de um contexto específico, ela passa a valer apenas com seu sentido representativo da linguagem: o denotativo.

Os sinônimos da língua e a escolha entre as possíveis palavras para uso recaem sobre o aspecto conotativo. Sabe-se que, ainda que existam duas ou mais palavras de mesma substância representativa, o valor semântico e o peso expressivo de cada uma são diferentes. Assim, cabe ao enunciador avaliar qual termo se enquadra melhor no discurso em construção. Rocha Lima (2012, p. 581) exemplifica o par de adjetivos “cauteloso” e “prudente”. A princípio, pode-se dizer que ambos apontam para um mesmo sentido, mas, na verdade, o contexto define o vocábulo mais acertado. Na frase “*O professor foi **prudente** ao punir os dois alunos*”, o adjetivo “cauteloso” não poderia substituir “prudente” sem que houvesse alteração no sentido. Logo, Rocha Lima (2012, p. 582) considera que “... a tonalidade afetiva orienta a eleição dos sinônimos...”. É possível ainda afirmar que, além do critério afetivo, o fator expressivo da palavra muito contribui para essa escolha.

Para Cunha e Cintra (2008, p. 259), “o adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo”. Desempenha função de caracterizar os seres ou objetos nomeados pelo substantivo ou de estabelecer relação com ele (tempo, espaço, matéria etc.). Essa subdivisão da classe de adjetivo é comum a Rocha Lima, que menciona os adjetivos qualificadores e os classificadores.

Tem-se, então, a possibilidade de expressar a qualidade, modo de ser, aspecto ou estado, com o intuito de **particularizar** o substantivo referido, como em “homem perverso”, “rapaz delicado”, vidro fosco” e “laranjeira florida”. Há, também, os adjetivos que denotam a submissão de um substantivo a uma classe, indicando uma espécie ou tipologia a que o objeto citado pertence. Vê-se, por exemplo, “nota mensal”, a palavra em destaque o elemento que expressa a relação temporal (relativa ao mês). Os adjetivos classificatórios, por sua vez,

... precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível. (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 260)

A linha entre substantivo e adjetivo é tão tênue que há casos em que uma única forma atende às duas classes, cabendo ao contexto discursivo a distinção de função. Os autores esclarecem este ponto com os seguintes exemplos:

“Uma preta **velha** vendia laranjas”.

“Uma **velha** preta vendia laranjas”.

Em ambos os casos, o primeiro termo funciona como palavra-núcleo (substantivo) e o segundo como termo especificador (adjetivo) da palavra anterior. Ainda há casos em que a força expressiva do adjetivo pode conferir a ele a posição de núcleo, abrindo-se mão do

substantivo. A este processo chama-se substantivação do adjetivo, sendo necessária a anteposição de um termo determinante. Assim, das frases acima, pode-se construir os seguintes enunciados:

“Uma preta vendia laranjas”.

“Uma velha vendia laranjas”.

Cunha e Cintra (2008) também consideram a gradação dos adjetivos, formando-se por processos sintáticos ou morfológicos, como apresentado anteriormente, acrescentando sufixos ou combinando-os aos advérbios. Os gramáticos ressaltam ainda que

... os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrônico*, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 275)

No que tange ao valor estilístico, os autores afirmam que o adjetivo expressa a visão do enunciador a respeito de um ser ou objeto, de acordo com sua percepção, inteligência e sensibilidade. Logo, os critérios de seleção do adjetivo apresentam caráter subjetivo, marcando a perspectiva de um sujeito diante do termo determinado, levando em conta suas intenções e estilo pessoal.

De acordo com o exposto, considera-se que a adjetivação implica um ponto de vista: o enunciador (des)qualifica um objeto a partir de suas impressões a respeito dele. O uso do adjetivo, então, se torna imprescindível, uma vez que dele depende a clareza do enunciado e sua carga expressiva.

Em relação às gramáticas linguísticas, nota-se o aprofundamento na conceituação do adjetivo. Azeredo (2011, p. 169) afirma que esta é classe de palavra usada “... para significar atributos ou propriedades dos seres e coisas nomeados pelos substantivos...”. O autor divide o adjetivo em duas subclasses: classificadores e qualificadores.

A primeira subclasse abrange os adjetivos que “... expressam conteúdos de existência objetiva...” (AZEREDO, 2011, p. 170). A propriedade desses adjetivos é passar uma mensagem pontual a respeito do objeto caracterizado, como em “passagem **bíblica**”, na qual o elemento destacado classifica o substantivo anteposto.

A outra subclasse compreende as palavras que expressam a qualidade do objeto referido, a partir de opiniões do enunciador, como, por exemplo, “passagem **estreita**”, em que a palavra em destaque é oriunda da percepção do falante. Um diferencial dessa subclasse para

a primeira se dá na possibilidade de gradação do adjetivo. É possível ver “passagem muito estreita”, “passagem estreitíssima”, mas nunca “passagem muito bíblica”.

A locução adjetiva é formada, segundo o autor, por um substantivo ou um verbo no infinitivo que designe um aspecto do substantivo a que se refere e sempre vem preposicionado. Assim, construções como a sublinha em “*comida sem sal*” fazem papel de determinante.

Azeredo também destaca os graus do adjetivo, conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira. São eles o comparativo (inferioridade, igualdade e superioridade) e o superlativo relativo (de superioridade e de inferioridade), e absoluto (analítico e sintético). No capítulo destinado à apresentação dos adjetivos, o destaque recai no grau superlativo absoluto sintético, pois sua gradação se dá pelo acréscimo dos sufixos “-íssimo”, “-érrimo” e “-imo”. Além desses sufixos formais, a linguagem coloquial faz uso de “-ão” e “-inho” ou, ainda, acrescenta, por exemplo, o prefixo “*super*” aos adjetivos, dando a expressividade desejada.

Na sexta parte de sua gramática, Azeredo (2011, p. 437) discute a questão da sinonímia, alertando que, semanticamente, nenhuma palavra equivale totalmente a outra: “Sempre haverá entre os sinônimos algum traço que os diferencie e impeça que um ocupe o lugar do outro em todas as ocorrências de ambos...”. A existência dos sinônimos (ou inexistência?) se deve, então, a essa possibilidade de expressar conteúdos diferentes. Convém lembrar que as palavras sinônimas existem por conta da variação linguística, correspondendo a fatores regionais, estilísticos, psicológicos ou expressivos e etários. Cada um desses fatores leva os sujeitos a preferirem um termo a outro.

Além do aspecto gramatical, destaca-se, em Azeredo (2011), a abordagem do fator expressivo. Nota-se a diferença significativa em vocábulos como “lento” e “lerdo”. O primeiro termo traz uma característica do ser de quem se fala, enquanto o segundo confere ao discurso um juízo de valor, uma expressão julgadora em relação ao ser. Da mesma maneira, o autor elenca outro par de adjetivos: “pobre” e “miserável” (p. 439). Tais palavras demonstram a gradação do nível de pobreza – ser miserável é ser muito mais pobre. Observa-se, então, que a escolha das palavras varia, entre outros fatores, de acordo com a expressividade que o enunciador pretende dar ao discurso, cabendo, pois, a este a seleção minuciosa dos termos para a construção e sentido do seu texto.

Com isso, é possível entender o que o autor considera por Estilística:

... uma teoria da construção do sentido, na medida em que se baseia na premissa de que o que um texto significa é modelado pelas escolhas linguísticas – de ordem léxica, gramatical, fonética, gráfica e rítmica – feitas por seu enunciador... (AZEREDO, 2011, p; 479)

Desse modo, o enunciador escolhe entre as variadas possibilidades linguísticas a que melhor atende ao seu discurso. No que tange aos adjetivos, palavras caracterizadores de seres e objetos, vale destacar que uma escolha mal feita pode comprometer o todo, deixando-o rude ou brando demais. Deve-se, então, equilibrar as escolhas, atentando para o público a que se destina (crianças, adolescentes, adultos, idosos), os objetivos do texto (humor, reflexão, emoção etc.) e a imagem que o autor deseja para si, pois a construção de sentido passa pela imagem do enunciador. Logo, a expressividade de um texto, a significação que a ele se dá, ocorre graças às **escolhas** feitas pelo autor.

Outra gramática de grande relevância é da autoria de Maria Helena de Moura Neves (2011), cujo capítulo destinado ao estudo de Adjetivos é bastante abrangente. A autora considera que os adjetivos atribuem propriedades singulares a outra categoria: o substantivo. Apresenta as funções sintáticas do adjetivo, podendo este funcionar como adnominal, predicativo, argumentativo, apositivo e, ainda, exercer funções próprias de substantivos.

Para Neves (2011, p. 184), os adjetivos se dividem em duas grandes subcategorias: qualificadores e classificadores. Os qualificadores “... indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. [...] o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade”. Apresentam, assim, elementos caracterizadores do ser de quem se fala. Os classificadores, por sua vez, “colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse” (NEVES, 2011, p. 186). Estes são responsáveis por colocar os seres dentro de uma categoria específica, como em “indústrias alimentícias”, que expõe a categoria em que a indústria se enquadra.

A autora destaca que os adjetivos qualificadores admitem gradação e intensificação. Os classificadores, por outro lado, não se dão a esta possibilidade, pois são palavras específicas e muito pontuais, não admitindo tais características. Logo, é possível produzir o enunciado “mulher muito bonita”, mas não “indústria muito alimentícia”.

Em relação ao valor semântico expresso pelas categorias de adjetivos, Neves (2011) assegura que os qualificadores exprimem modalização, apontando o conhecimento ou opinião do falante, bem como avaliação, definindo a relação do falante em relação ao substantivo referido. Os classificadores, por sua vez, podem expressar noções adverbiais e numéricas.

Quanto à posição dos adjetivos, a autora ressalta que os adjetivos qualificadores podem anteceder ou suceder o substantivo a que se refere, mas

... a anteposição do adjetivo cria ou reforça o caráter avaliativo – mais subjetivo – da **qualificação**. Esse fato pode ser verificado não apenas nos casos da ordem pertinente, como também nos casos da ordem livre. Isso significa que, mesmo nos

casos em que, com as duas colocações, se chega a uma mesma acepção básica, na verdade não resultam construções de valor absolutamente idêntico, do ponto de vista comunicativo... (NEVES, 2011, p. 203).

A partir dessa passagem, conclui-se que, em geral, a anteposição do adjetivo assume caráter subjetivo, enquanto a posposição indica objetividade. Como em “*linda menina*” e “*menina linda*”. A inversão dos vocábulos permite ressignificar a ideia expressa no sintagma, notando-se que a anteposição “... marca a interveniência de uma avaliação subjetiva do falante na qualificação efetuada...” (NEVES, 2011, p.203). Não se trata de simples beleza, mas de algo além do físico, que o enunciador expressa à sua maneira, com o adjetivo “*linda*” anteposto ao substantivo, abrindo caminho para uma nova leitura do vocábulo.

Os adjetivos classificadores, por sua vez, costumam aparecer pospostos, ainda que haja casos em que apareçam antepostos, em expressões já consolidadas, como, por exemplo, “pátrio poder”.

Na gramática de Neves (2011) não se encontrou nenhuma menção ao campo da Estilística, mas, pelas considerações acima, se percebe que o uso dos adjetivos contribui para a construção do sentido do texto, não negando, então, seu valor estilístico.

2.2 Valor estilístico

Em relação à abordagem estilística do uso do adjetivo, Rodrigues Lapa, José Lemos Monteiro e Nilce Sant’Anna Martins compõem o conjunto de autores selecionados como eixo teórico.

Com o livro *Estilística da Língua Portuguesa*, publicado pela primeira vez em 1987, Lapa considera o adjetivo de suma importância na elaboração de um texto, uma vez que é a palavra que colore o dito. Desse modo, o bom escritor é aquele que faz bom uso desta classe de palavra, com cuidado para não exagerar. O autor afirma que

... O adjetivo é portanto o elemento fundamental da caracterização dos seres; mas a Estilística tem uma noção muito mais larga do adjetivo do que a gramática: para ela tudo quanto sirva para caracterizar, jeito de entoação, palavra ou frase, vale como adjetivo... (LAPA, 1998, p. 119)

Destaca-se, então, que há muitas maneiras de caracterizar um objeto, pelo próprio adjetivo ou expressões que, em determinado contexto, funcionem como adjetivadoras. Lapa chama a atenção para o uso excessivo de adjetivos que, em grande parte, são inúteis ao texto.

Importa mais usar uma palavra bastante expressiva do que uma sucessão de termos que não acrescentam valor ao que se enuncia.

Vale ressaltar o valor intelectual e afetivo do adjetivo pelo autor (LAPA, 1998), pois, de acordo com o contexto, o leitor / ouvinte atribui à palavra valores diferentes. O autor sinaliza que, no caso de “história universal”, o adjetivo é compreendido de forma abstrata, já que o significado do substantivo que o antecede apresenta valor intelectual. Quando se diz, porém, “remédio de fama universal”, o adjetivo se contamina com a expressividade do substantivo, recebendo “... um pouco do seu alvoroço e do seu entusiasmo...” (LAPA, 1998, p. 125). Percebe-se, assim, a colaboração mútua entre substantivo e adjetivo.

Lapa (1998, p. 126) também apresenta a questão do posicionamento do adjetivo como fator de expressividade, “... sobretudo em português...”. Assim como no aspecto gramatical, “... quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, objetivo, intelectual; quando está antes, tende a embrandecer-se, adquirindo matização afetiva...” (LAPA, 1998, p. 127). Pode-se afirmar, então, que o adjetivo posposto ao substantivo tem caráter objetivo e material, enquanto anteposto torna-se subjetivo, de aspecto sentimental.

No que tange à gradação dos nomes adjetivos, estes expressam maior ou menor intensidade pelo uso de advérbios ou o acréscimo de sufixos, como ocorre no grau superlativo absoluto sintético. Assim como os substantivos, há ainda a possibilidade de se lograr, na repetição da palavra, o efeito expressivo, como na letra da música *O que é, o que é?*, de Gonzaguinha: “É **bonita**, é **bonita** e é **bonita**” .

Além dessas possibilidades, Lapa destaca que, no grau comparativo do português usado no Brasil, há casos em que se modifica a palavra adjetiva, o que em Portugal é resolvido com a anteposição do advérbio, como em “pequeno – menor” no português brasileiro, em vez de “pequeno – mais pequeno”, no europeu.

Em relação ao grau superlativo, o autor sinaliza que há diferentes efeitos expressivos quando se usa um sufixo e quando se usa um advérbio junto do adjetivo.

... Temos pois dois tipos de superlativos: *muito rico* e *riquíssimo*. De um modo geral, tem-se a impressão de que o emprego do sufixo imprime maior força intensiva à idéia. Assim, “*um homem riquíssimo*” parece-nos mais opulento que “*um homem muito rico*”. Mas, é claro, a intensidade depende mais ou menos do emprego do advérbio: dizer “*um homem prodigiosamente rico*” equivale mais ou menos a dizer “*um homem riquíssimo*”... (LAPA, 1998, p. 132)

Tendo em vista que o advérbio de intensidade mais usado é “muito”, seu poder expressivo já não representa a ênfase que o falante deseja expressar em seu enunciado. Assim, desconhecendo os advérbios mais formais, a linguagem popular cria outras expressões que

evidenciam a intensidade almejada, como em “um homem podre de rico” (LAPA, 1998, p. 133).

O autor também aborda a questão dos sufixos para além de “-íssimo”, como as formas “-imo” e “-érrimo”, ambas em de caráter literário, mas em desuso. As formas em “-érrimo”, contudo, têm grande valor expressivo em obras humorísticas.

Para José Lemos Monteiro (1991, p. 61), “... os adjetivos interferem constantemente na representação [...] tendem a concretizar os substantivos: uma dor aguda, uma tristeza pálida, uma negra sensação de melancolia...”.

O adjetivo não constitui, por isso, apenas uma classe gramatical, uma vez que ele apresenta valores expressivos diversos, de acordo com a seleção lexical e seu contexto de uso. O autor (1991, p.63) considera que o adjetivo indica o “... lado afetivo da comunicação...”.

Monteiro destaca o aspecto sintático do adjetivo, que é determinante em relação a um substantivo, caracterizando-o ou particularizando-o. No aspecto semântico, observa que alguns adjetivos, se mal empregados, reduzem a carga expressiva do substantivo. Utiliza a palavra “mar” como exemplo, que contempla em si mesma a ideia de amplitude e beleza, “... além dos valores sensoriais...” (MONTEIRO, 1991, p. 63). Se um falante propõe a sentença “o mar é imenso”, todos os demais aspectos de “mar” são eliminados, destacando apenas o seu tamanho. Desse modo, pode-se compreender que a escolha do adjetivo deve ser bem pensada para não anular o substantivo que o rege.

Como Lapa, Monteiro (1991, p. 63) critica o que chama de “adjetivação epidêmica”, referindo-se ao uso impensado das palavras, ocasionando o “... frequente esvaziamento da própria expressividade...”. Há adjetivos que, de tão usados, já perderam seu valor expressivo, como o caso de “lindo”, “maravilhoso”, “sensacional”, “interessante”, “bom”, “legal, entre outros. Tais palavras, desgastadas, não agregam verdadeiramente valor ao substantivo que acompanham, apenas tornam o texto prolixo e, como disse Monteiro (1991, p. 63), “... geram clichês, formas esclerosadas, pouco comunicativas...”.

Dessa forma, entende-se que a adjetivação deve valorizar o caráter expressivo do texto, evitando clichês, formas prontas e senso comum. Para tanto, deve-se avaliar bem o processo de seleção vocabular e combinação dos termos.

Em relação ao processo de adjetivação, o autor destaca que a característica comum a dois objetos permite que o nome de um deles sirva para simbolizar sua qualidade, cumprindo o papel de adjetivo, como no exemplo “mulher-homem”. Assim,

... Em quaisquer casos, o emprego de substantivos em função adjetiva se baseia em relações de semelhança ou pertinência, e a determinação se opera mediante a

condensação de estruturas frasais comparativas facilmente mentadas, mais ou menos assim: “mulher forte como um homem”... (MONTEIRO, 1991, p. 64).

Nilce Sant’Anna Martins (2012) contribui para este trabalho no tocante à sinonímia e ao estilo. Como apresentado anteriormente, os critérios de seleção e de combinação constituem referências imprescindíveis na construção do texto e de seu significado. No eixo paradigmático da Língua Portuguesa, podem-se encontrar palavras de teor semelhante, mas nunca equivalentes e, por isso mesmo, cabe ao enunciador eleger a que melhor cabe em seu discurso, cumprindo o papel expressivo desejado. O escritor, então, não escolhe aleatoriamente o termo para o seu texto, cada palavra desempenha uma função específica no enunciado. Dessa forma,

... O que é verdadeiro é que há entre as palavras diferenças outras que as de significado: diferenças de tom, valor, expressividade, afetividade, idade, origem, possibilidade de emprego, de construção etc. De duas palavras ditas sinônimas, uma tem qualidades que a outra não tem, de sorte que as condições de emprego não são as mesmas para uma e para outra... (MAROUZEAU, [20--] *apud* MARTINS, 2012, p. 136)

Martins explica que as diferenças entre os sinônimos se dão a) pelo significado objetivo do termo, b) pela intensidade por ele expressa, c) pelo teor emotivo e/ou avaliativo, d) pelos valores evocativos e ainda e) pelas suas diferentes origens. À presente pesquisa importam o segundo, terceiro e quarto tópicos.

No que tange à intensidade expressa pelas palavras, é notável a diferença entre os termos “obeso” e “gordo”, como demonstra a autora. A primeira palavra expressa muito mais a característica do ser de quem se fala, além dos atributos físicos. Quando se fala que alguém está “obeso”, expressa-se também o estado de saúde dessa pessoa, enquanto “gordo”, evidencia apenas um sujeito acima do peso. Daí a necessidade de avaliar que termo contribui para o sentido do texto em construção.

Em relação ao teor emotivo e avaliativo, a autora utiliza como um de seus exemplos a semelhança entre “beato” e “religioso”. O último termo costuma ser usado com aspecto mais neutro por um enunciador que não pretende julgar o sujeito a quem se refere. O termo “beato”, por sua vez, apresenta valor pejorativo, com um tom de crítica negativa. Beato é o fanático por religião, enquanto o religioso pratica sua fé sem exageros.

Por último, por valores evocativos entendem-se os sentimentos despertados, no enunciador e no enunciatário, pelas palavras usadas no discurso. Já se falou dos critérios de seleção das palavras, adequando-as aos objetivos do enunciado pretendido. O bom escritor / orador, pois, é aquele que sabe avaliar que palavras utilizar em seu texto. Logo, não se pode perder de vista que há termos estritamente técnicos, outros literários, ainda outros coloquiais

(até vulgares) e regionais (MARTINS, 2012, p. 137). Assim, “alcoólatra” é um termo mais profissional do que “beberrão”, termo mais coloquial.

... A determinação da diferença de um sinônimo para outro é extremamente difícil e delicada, e os dicionários de que dispomos, mesmo os intitulados de *sinônimos*, são muito deficientes. De um modo geral, sentimos os matizes diferenciais entre grande número de sinônimos, mas não conseguimos precisar a distinção. Os estilistas, com o seu sentimento e conhecimento da língua, conseguem desentranhar da abundância lexical os termos que melhor convém a cada caso. Admiramos o ajuste vocabular de um texto, mas não temos ideia da luta que o autor travou com as palavras para chegar ao bom resultado. Machado de Assis, no primoroso conto “O Cônego ou a Metafísica do Estilo” (Várias Histórias), nos dá uma admirável alegoria do que é o trabalho do consciente e do subconsciente para o encontro de um substantivo e de um adjetivo que se ajustem tão bem quanto um casal feliz... (MARTINS, 2012, p. 138)

Com base nas ideias expostas, a marca expressiva do adjetivo confirma seu papel como elemento de persuasão no discurso. Todos os elementos para a construção do texto operam em favor do enunciador, que busca a adesão de seu público. A elaboração do discurso deve levar, pois, em conta o que agrada o leitor/ouvinte, para que, no nível discursivo, o enunciatário se convença do que é dito. Para tanto, reforça-se que a escolha lexical constitui uma tarefa árdua para o escritor/orador, e é o que tanto pode conferir propriedade persuasiva ao discurso quanto levá-lo ao fracasso.

Com isso, pretende-se mostrar a importância do valor expressivo do adjetivo nas narrativas bíblicas analisadas. Ressalta-se que não se trata apenas da escolha casual do autor; a presença desta classe de palavras revela-se marca de ponto de vista, bem como construtora da imagem assumida pelo enunciador no intuito de persuadir o enunciatário. Considera-se, então, que a seleção vocabular dos adjetivos e seu posicionamento sintagmático são qualidades que corroboram a construção do *ethos* discursivo, abordado a seguir.

3 *ETHOS* DISCURSIVO

O conceito de *ethos* é múltiplo e uma de suas acepções assevera que representa as características do orador no modo de discursar e, conseqüentemente, na capacidade de persuadir a plateia ouvinte. Tal sentido originou-se na Grécia Antiga, na retórica grega de Aristóteles, para quem existia *logos*, *pathos* e *ethos*, este último o de maior efeito discursivo, uma vez que o *ethos* é a imagem de si no discurso.

... A primeira espécie depende do caráter pessoa do orador; a segunda resulta da inserção da audiência em determinado estado psicológico; a terceira espécie decorre da prova ou da prova aparentemente fornecida pelos termos do próprio discurso. (ARISTÓTELES, 2007 *apud* GOMES, 2012, p. 35)

Por *pathos*, entende-se a capacidade do enunciador de levar seu interlocutor a partilhar do estado emocional em relação ao tema do discurso. As escolhas lexicais mostram-se extremamente relevantes como recursos de argumentação. O uso de um adjetivo, por exemplo, pode revelar afeição ou desprezo pelo objeto citado, levando o ouvinte / leitor a perceber do mesmo modo.

Quanto ao *logos*, corresponde às provas racionais que ratificam o posicionamento do locutor para o interlocutor, garantindo a confiança do público no discurso proferido.

Com relação ao *ethos*, compreende a construção da imagem que o locutor faz de si no contato com o interlocutor, a partir das pistas deixadas por aquele no texto, conscientes ou não. O *ethos* destaca-se dos outros dois por apresentar maior efeito discursivo, exatamente por tratar da construção de uma imagem.

Para Ekkehard Eggs (2013), o *ethos* se destaca nas análises discursivas pelo fato de abranger as outras duas.

... toda pessoa, o homem, é para Aristóteles um ‘animal (pathos) político (- ethos) que tem a capacidade de falar e de pensar (- logos)’, para lembrar a definição dada na *Política*. Sua *héxis*, sua maneira de experimentar e de manifestar essas 3 dimensões de seu ser, constitui, portanto, seu ETHOS. Poderíamos assim dizer que todo *ethos* possui uma **condensação específica** dessas 3 dimensões... (EGGS, 2013, p. 42).

De acordo com Maingueneau (2011), no século XVIII, Gibert reforça o a tríade da retórica antiga, admitindo que *logos* corresponde aos argumentos, *pathos* às paixões e *ethos* às condutas. A instrução se dá pelos argumentos, enquanto a comoção, pelas paixões. A conduta é responsável pela persuasão, pois leva a plateia a acreditar não apenas nas palavras do orador, uma vez que estas vêm corroboradas pelas suas atitudes.

Segundo Maingueneau (2011, p.14), o *ethos* tem um poder de persuasão tão forte quanto o *logos*, já que se mostra e sensibiliza o público, podendo, inclusive, levar ao engano, pois “... o orador pode mostrar no discurso um *ethos* mentiroso...”.

Dessa forma, conclui-se que o enunciador escolhe a imagem que o público terá dele. Para causar boa impressão de si mesmo, ele põe em vista três aspectos fundamentais: prudência, virtude e benevolência. O discurso é construído, então, levando em conta essas razões. Assim, a escolha de uma palavra ou estrutura gramatical, a omissão de algum termo e até mesmo a alteração da verdade se devem à necessidade de atender àqueles aspectos referidos. A passagem abaixo confirma a afirmação:

... A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, então, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo... (MAINGUENEAU, 2011, p. 13)

Entende-se, pois, que, a partir da fala do enunciador, torna-se possível identificar seu caráter, analisando os elementos textuais e extratextuais, suas escolhas linguístico-discursivas e estilísticas, não só o que fala, mas também **o modo como** fala. Por meio do discurso, portanto, se pode perceber a personalidade (real ou inventada) do discursista e inferir suas intenções, avaliando-lhe o caráter do enunciador.

Segundo o estudo de Freitas (2009, p. 108), *ethos* “... significa caráter pessoal; padrão relativamente constante de disposições morais, afetivas, comportamentais e intelectivas de um indivíduo...”. O enunciador, então, tende a manter sua postura e seus objetivos em relação ao tema a ser exposto. Ainda em Freitas (2009, p. 121), encontra-se uma contribuição de Barthes (1970), na qual este afirma que *ethos* corresponde aos “... traços do caráter que o orador deve mostrar ao auditório para causar boa impressão, não importando sua sinceridade...” (FREITAS, 2009, p. 121). Assim, o propósito do orador garantir a adesão ao seu discurso, pela persuasão da plateia.

Considerando essa perspectiva, o *ethos* discursivo é construído pelo enunciador que, ainda que inconscientemente, tem a finalidade de agradar ao público para quem se destina o discurso. De fato, o sujeito que discursa pretende ganhar de sua plateia a devida atenção e cativá-la, obtendo o sucesso de sua atividade discursiva. É preciso compreender, portanto, a formação dessa imagem criada pelo discurso – o *ethos*.

... Não se trata de uma representação **estática e bem delimitada**, mas, antes, de uma forma **dinâmica**, construída pelo destinatário através do movimento da própria fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de maneira lateral; ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário... (MAINGUENEAU, 2011, p. 14 – grifos meus)

Essa concepção confirma a ideia de que a formação do *ethos* acontece na mente do destinatário, a partir do discurso do enunciador, constituído de suas escolhas, e das características do público. Este irá interagir com o discurso produzido por aquele, respondendo positivamente e, por conseguinte, levando à consecução dos objetivos previstos. A questão do dinamismo se dá justamente pelo fato de tratar-se de um processo de interação, de troca. O coenunciador participa da configuração do discurso.

Para Charaudeau (2010, p. 46), “... o ato de linguagem é uma totalidade que engloba os processos de produção e interpretação...” e nele existem dois sujeitos: o EU e o TU. Cada um deles, por sua vez, traz consigo, duas perspectivas em relação ao discurso. O sujeito destinatário corresponde ao TU, que se divide em destinatário (TUd) e interpretante (TUi). O primeiro está sempre presente no discurso, servindo de parâmetro para a composição discursiva do EU, uma vez que leva em conta a intencionalidade. O interpretante é um sujeito à parte, que “... se institui no instante exato em que opera um processo de interpretação...” (CHARAUDEAU, 2010, p. 46). A ele cabe a decisão de acatar o discurso do EU ou não. Pode-se concluir, então, que após o recebimento da mensagem, um processo interpretativo se inicia, levando o sujeito a refletir sobre o enunciado proposto.

Em relação ao sujeito EU, o autor também o apresenta em dois aspectos: enunciador (EUE) e comunicante (EUC). Este é o produtor da fala, enquanto aquele é o sujeito percebido de fato. Logo, o emissor da mensagem, como EUC, é visto/ouvido pelo TUd e assimilado pelo TUi, criando-se, assim, uma nova imagem (EUE). Assim,

... Visto pelo lado do processo de produção, o EUE é uma imagem de enunciador construída pelo sujeito produtor da fala (EUC) e representa seu traço de intencionalidade nesse ato de Produção.

Visto pelo lado do processo de interpretação, o EUE é uma imagem de enunciador construída pelo TUi como uma hipótese (processo de intenção) de como é a intencionalidade do EUC realizada no ato de produção... (CHARAUDEAU, 2010, p. 48)

Tomando o processo de interação por base, convém ressaltar a necessidade de adequação do discurso à plateia. Nenhum ouvinte / leitor presta atenção a um texto desinteressante ou ininteligível. De acordo com Perelman (1987, p. 237), “é em função do auditório que toda a argumentação se deve organizar, se esta quiser ser eficaz”. O enunciador deve, então, desenhar seu projeto de comunicação, considerando seu público, para que consiga adesão ao discurso. A partir desse projeto, sua imagem será construída conforme haja identificação entre as partes envolvidas na comunicação. Para obter persuasão é preciso haver identificação.

... Aristóteles descreve, então, os diferentes caracteres que o orador pode encontrar em um auditório: cabe a ele escolher as diferentes paixões que deverá suscitar. [...] é

em função de seu auditório que o orador se construirá uma imagem, conforme o que é considerado virtude. A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo *ethos* que ele: persuadir consistirá em fazer passar pelo discurso um *ethos* característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está... (MAINGUENEAU, 2011, p. 15)

A passagem acima evidencia que, para convencer e persuadir o leitor, a linguagem da obra deve-se adequar ao público-alvo. Com essa consciência, o autor trabalha os aspectos linguísticos de seu texto de modo a conquistar seu interlocutor, que conseguirá compreendê-lo e atribuir-lhe um sentido. As estratégias discursivas, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 219), correspondem “... ao modo como um sujeito (individual ou coletivo) é conduzido a escolher (de maneira consciente ou não) certo número de operações linguageiras...”. Entende-se, portanto, que a seleção vocabular é um dos fatores de formação da imagem do orador.

Assumindo, portanto, o conceito de que *ethos* é a imagem formada pelo enunciador por meio de seu posicionamento no texto e criada pelo sujeito interpretante, considera-se que essa representação sempre se deixa à mostra nos discursos, direta ou indiretamente. São estes vestígios de formação do *ethos* que interessam à pesquisa aqui exposta, revelando a subjetividade da construção dos textos narrativos estudados.

Levando em conta que os recursos linguísticos comprovam a presença do enunciador no texto, destacam-se, neste estudo, as escolhas lexicais que contribuem consideravelmente para exprimir este padrão comportamental e qual imagem de si o enunciador apresenta.

... um enunciador constrói seu *ethos* tanto por seu corpo, comportamento, voz, aparições, propostas, quanto por suas ideias cujo conteúdo é conforme a imagem de poder que se quer dar... (FREITAS, 2009, p. 125).

Desse modo, procedeu-se um estudo linguístico-discursivo, buscando marcas textuais que constroem o *ethos* discursivo do narrador nas adaptações da *Bíblia*. Foram selecionadas uma adaptação infantil, uma juvenil e outra adulta, entre as muitas existentes no mercado para esses públicos.

Na adaptação infantil escolhida como *corpus* da pesquisa, o narrador se mostra mais imparcial, distante do leitor, uma vez que não há “interferências” nas histórias contadas, mas, ainda assim, apresenta, em sua construção, a imagem de um narrador tipificado para o público a que se destina.

A juvenil, por sua vez, traz um enunciador principal mais evidente, que se exhibe como narrador reflexivo, incitando a reflexão a respeito dos fatos narrados. Além disso, há outros narradores ao longo da obra, tais como os próprios personagens, todos com um *ethos* diferenciado e estereotipado, reunindo várias imagens de narradores.

A partir do exposto, é possível concluir que *ethos* e estilo estão imbricados, uma vez que o estilo reflete a postura do enunciador do discurso, contribuindo para a formação da imagem que dele se constrói, conforme se observa no trecho abaixo:

... O “caráter moral do orador” é ponto de partida para que se comprove o estilo; tal como propunha Buffon: o estilo é o homem. Esse homem será considerado uma “entre as provas fornecidas do discurso”, ou um dos parâmetros da arte da persuasão, segundo a Retórica (Aristóteles, s.d.: 34)... (DISCINI, 2011, p. 33).

Se o estilo é o homem, segundo Buffon, seu modo de ser, de pensar e de falar se baseia em suas características próprias. Dessa forma, a elaboração do discurso refletirá as marcas pessoais de cada enunciador, sejam elas verdadeiras ou de maior conveniência, expondo seu caráter, seu ponto de vista a partir das escolhas que a ele convenham. A preferência de um termo por outro nunca é aleatória e neutra, de modo que os discursos ganham voz e tom graças a esse modo de enunciação: “... a escolha das palavras e dos argumentos revelavam determinadas características desses oradores...” (MUSSALIN, 2011, p. 71). A imagem do enunciador, então, se constrói a partir dos elementos em seu texto e pelo modo como são exibidos.

Compreende-se, então, que a imagem do enunciador feita pelo leitor poderá ou não corresponder àquilo que consideramos realidade. O perfil traçado pelo autor se baseia, pois, “... a partir de índices textuais de diversas ordens – léxico, estrutura sintática...” , segundo Mussalim (2011, p. 71).

3.1 *Ethos* na narrativa bíblica

A *Bíblia* se constitui, em grande parte, de textos narrativos, contando a trajetória do povo de Israel e do nascimento de Jesus e seu ministério. Além de narrar, entretanto, o livro busca a adesão do leitor àquela verdade apresentada. Assim, cabe destacar o grau de argumentatividade da obra. O livro sagrado destaca características boas e más dos homens, as boas obras e suas recompensas, bem como os atos pecaminosos e os castigos recebidos. Narra também a criação do mundo e o progresso da humanidade. Tudo isso sob uma perspectiva religiosa que reforça no leitor posicionamentos socioculturais marcados pela narrativa argumentada (ou uma argumentação narrada?).

Sternberg (2013, p. 185) apresenta a narrativa bíblica como um jogo de perspectivas, tendo Deus como “inspiração e como ponto de vista, como objeto e sujeito, como autor e

como agente da intriga, como meio e como fim, como parte e como razão de tudo”. Tal efeito é conseguido por intermédio do narrador, que ora assume a voz de Deus e ora dá a voz a ele, fazendo-se ouvinte como os demais. Para isso,

... ele deve, sem deixar de tornar-se uma voz desencarnada, personalizar uma força impessoal, implicar a divindade em todos os conflitos terrenos, expor a todos o espírito e os caminhos de Deus. [...] o *modus operandi* do narrador bíblico é limitado pela natureza de sua missão: ele não opera para destruir um inimigo, mas para resgatar e controlar seu próprio povo e, principalmente, para levá-lo à obediência e à reverência exigidas por seu Senhor. [...] o narrador não pode exprimir sua própria lealdade a não ser indiretamente, por meio de suas disposições ou mediante o discurso de outro. Ele tampouco pode doutrinar seu público a ponto de chamar a atenção para seus próprios interesses de **narrador** e de historiador... (STERNBERG, 2013, p. 186).

Entende-se, portanto, que a narrativa bíblica se pretende neutra, o narrador não deve dar indícios de sua personalidade ou ponto de vista, seria ele um canal de transmissão da vontade de Deus para o povo. Isso, porém, não é possível, já que nenhum enunciador passa despercebido em seu discurso. Há, então, diferentes estratégias para manter o equilíbrio entre o lado divino e o lado humano da narração: “o narrador vai além do ponto de vista divino ou se move em paralelo, sem, no entanto, pôr em questão a autoridade de Deus” (STERNBERG, 2013, p. 186).

Para manter o equilíbrio apontado acima, o narrador se vale de três categorias que conferem ao texto o valor divino, mas mantêm a perspectiva humana de quem o conta: interesse estético, compilação retórica e oposição expressiva (STERNBERG, 2013).

Em relação à primeira categoria, admite-se que nenhum texto é isento da perspectiva do narrador, nem mesmo os mais legislativos, como o livro de Levítico, em que se estabelecem as leis, o modo de executar os sacrifícios, as penas para os diversos crimes etc. O estilo adotado pelo narrador para contar os fatos, a seleção vocabular, os pontos de destaque, revelam seu posicionamento em relação à história apresentada.

... Ela (a dimensão estética) abrange desde os princípios reguladores (discurso indireto e apelo a uma atividade inferencial) até as estratégias principais (lacunas, repetições, descrições externas, encadeamentos de diálogos e jogos formais sobre o ponto de vista), passando por procedimentos ocasionais, como a modulação poética, a parábola ou o epigrama... (STERNBERG, 2013, p. 187)

A construção do texto e a conseqüente significação decorrem, em parte, das escolhas efetuadas pelo narrador. Por meio dessas pistas, se avaliam os personagens descritos através da visão dada por ele. Além disso, é o narrador quem constrói os discursos dos personagens, fazendo com que o leitor crie para si imagens dos locutores de acordo com o padrão estético

do narrador, ressaltando características singulares de uns, particularizando-o em relação aos demais. No caso de diálogos, por exemplo, é o narrador quem coloca na boca dos personagens as palavras ditas, levando em conta seu projeto textual. O próprio Deus não é poupado, pois apesar de mostrar um discurso semelhante ao dos humanos, “... não trai nenhuma imperfeição no domínio do saber e nas capacidades de resposta (ele pode, a rigor, expor fraquezas)...” (STERNBERG, 2013, p. 189). Tal procedimento demonstra que os critérios estéticos do narrador compõem a feição dada aos personagens / locutores.

A respeito da retórica, Sternberg (2013) afirma que cabe ao narrador a persuasão do discurso. A voz de Deus é a que ordena, a do narrador a que convence o leitor, pois o plano divino influencia muito mais por seus atos do que por suas palavras, enquanto o narrador opera apenas com o material linguístico. Com isso, a obra apresenta nuances diferentes para os dois locutores em cena:

... o locutor que estabelece a lei e aquele que persuade apresentam dois pontos de vista distintos sobre o mundo em matéria de comunicação. Um é criativo, o outro, “re-criativo”¹⁵; um é direto, o outro, oblíquo; um é cerimoniosamente voltado para as *dramatis personae* do passado (alguns dos quais já desaparecidos), o outro se volta para os leitores presentes e futuros... (STERNBERG, 2013, p. 191)

Assim, a representação dos personagens, seus atos e suas consequências são mostrados a partir de uma perspectiva humana, a do narrador. Os perfis apresentados não têm em si caráter bíblico, mas contribuem para o ornamento estético do texto e para o aspecto emotivo. A partir desse aspecto, nota-se que a construção do texto narrativo se preocupa com seus leitores, dirigindo-se a eles de forma que garanta uma recepção compatível com as expectativas.

Além disso, por se tratar de uma história com feitos sobre-humanos narrada por homens, destaca-se a maestria do narrador ao afastar-se da figura divina sem retirar da imagem de Deus o poder que lhe é atribuído.

... Deus é em geral tão intransigente e seus julgamentos tão severos que se torna praticamente impossível exercer a persuasão permanecendo fiel à ortodoxia. [...] O narrador afasta-se da perspectiva divina para garantir que permanece próximo da nossa e, para nos convencer da justiça celeste, ele acrescenta argumentos e métodos que o próprio Deus desdenharia (e que seus profetas extremistas talvez desaprovassem). (STERNBERG, 2013, p. 193)

Para que se consiga esse efeito, linguisticamente, o discurso torna-se múltiplo, podendo-se verificar a diferença de perspectivas entre o narrador humano e o locutor divino. Sternberg (2013, p. 193) assegura que, da mesma forma que as personagens humanas, Deus

¹⁵ Entende-se que a autora quer dizer “re-criativo”, mas, ao mesmo tempo, ousa com a palavra “recreação”.

lança mão de recursos expressivos ausentes no discurso-moldura, como, por exemplo: “... perguntas retóricas, linguagem figurativa, imperativo e outras formas de comando, vocativo, referências à primeira e à segunda pessoas, juramentos, sentimentalismo, ironia verbal...” (p. 193). Alguns deles são encontrados no trecho abaixo:

... Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra.

Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume.

E desta maneira a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinquenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura.

Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da arca porás ao seu lado; far-lhe-ás andares, baixo, segundo e terceiro.

Porque eis que eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para desfazer toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra expirará.

Mas contigo estabelecerei a minha aliança; e entrarás na arca, tu e os teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo.

E de tudo o que vive, de toda a carne, dois de cada espécie, farás entrar na arca, para os conservar vivos contigo; macho e fêmea serão.

Das aves conforme a sua espécie, e dos animais conforme a sua espécie, de todo o réptil da terra conforme a sua espécie, dois de cada espécie virão a ti, para os conservar em vida.

E leva contigo de toda a comida que se come e ajunta-a para ti; e te será para mantimento, a ti e a eles. (Gênesis 6:13-21)

Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/6>>. Acesso: 15 fev. 2014.

A mudança de locutor enfatiza a ordem irrevogável de Deus e garante a impessoalidade do narrador. Com isso, constata-se a oposição expressiva, citada anteriormente. O narrador dá voz a seus personagens, mantendo sua figura subjetiva aos olhos do coenunciador. Os discursos estão, pois, interligados, uma vez que o narrador assume vozes distintas, inclusive a do próprio Deus. Não acontece, porém, de Deus servir de locutor aos humanos porque “... seu discurso está desembaraçado das vulgaridades que caracterizam o discurso humano; em ocasiões solenes, ele se eleva ao discurso majestoso da profecia...” (STERNBERG, 2013, p. 194).

Assim, percebe-se que o tom da narrativa se constrói por meio da articulação dos discursos presentes na obra, cabendo ao narrador o trabalho de organizar cada um deles, definindo tanto seu posicionamento como humano quanto a perspectiva divina a respeito da história contada.

3.2 *Ethos* nas adaptações bíblicas

O propósito maior dessa pesquisa se deve à análise das estratégias linguísticas / argumentativas usadas nas adaptações da *Bíblia* que servem para persuadir seus diferentes leitores. Para isso, devem-se levar em conta as escolhas feitas por cada autor-adaptador e as imagens construídas para cada narrador a partir dos diferentes textos. Por esta razão, o trabalho apresentado estuda especificamente a categoria do *ethos*, a construção dessa imagem criada pelo interlocutor, a partir da seleção lexical dos autores das adaptações. Escolheu-se, para tanto, o adjetivo como a classe de palavra que marca o ponto de vista do enunciador.

De acordo com Maingueneau (2011, p. 16), “... o *ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro...”, o que permite afirmar que a imagem do enunciador rege padrões de aceitação do discurso. Se o *ethos* do narrador se faz por escolhas que agradam ao seu público, o nível de aceitação do texto é elevado, garantindo o poder de persuasão. O autor ainda afirma que

... Para além da *persuasão* por meio de argumentos, essa noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral de *adesão* dos sujeitos a um certo discurso. Fenômeno particularmente evidente quando se trata de discursos como a publicidade, a filosofia, a política etc., que [...] devem ganhar um público que está no direito de ignorá-los ou recusá-los... (MAINGUENEAU, 2011, p. 17)

Ao incluir o discurso religioso nesse universo citado por Maingueneau (2011), compreende-se que a formação da imagem do narrador cria laços entre este e seu leitor, tornando a obra mais envolvente, ganhando adesão do público, ampliando as chances de convencê-lo de seu discurso: “... trata-se, antes de tudo, de provocar a empatia do leitor, de torná-lo sensível, por meio do *ethos* discursivo, a uma maneira popular de habitar o corpo...” (MAINGUENEAU, 2011, p. 28).

As escolhas do enunciador evidenciam seu ponto de vista. Logo, a construção do *ethos* discursivo é indissociável de um posicionamento político (AMOSSY, 2013, p. 23). Constrói-se, então, uma imagem para o locutor e, a partir desta, se estabelece uma relação entre locutor e locutário, considerando os pensamentos e opiniões de cada uma das partes.

... A maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Participando da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão... (AMOSSY, 2013, p. 16-17)

A persuasão decorre, pois, de um fluxo contínuo: o enunciador opta pela a palavra que lhe convém, criando uma imagem de locutor que corrobora com a carga expressiva da

palavra. Assim, constitui-se a relação entre os participantes do evento comunicativo e, por fim, logra-se a adesão ao discurso.

O capítulo sobre Adjetivos aponta a relevância dessa classe para a elaboração de um discurso, uma vez que denota um posicionamento a respeito de um fato, uma opinião em relação a um ser ou objeto. A seleção vocabular configura, então, um processo bastante complexo, pois requer criatividade e ponderação para expressar os atributos de algo ou alguém, mantendo as características do discurso, conforme o estilo do enunciador.

O lugar que engendra o ethos é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele. De fato, “toda forma de se expressar” resulta de uma escolha entre várias possibilidades linguísticas e estilísticas”. (EGGS, 2013, p. 31)

Vê-se, portanto, que a escolha dos adjetivos contribui consideravelmente para a marca expressiva dos discursos. Logo, em relação à adaptação da *Bíblia*, os posicionamentos dos narradores se evidenciam ou não de acordo com a seleção lexical feita pelo autor-adaptador, como se constatará no capítulo seguinte.

4 UM FATO, TRÊS HISTÓRIAS

Como já se abordou no capítulo sobre adaptações, esse tipo de obra ressalta alguns aspectos do texto original e omite alguns dados. Cada autor-adaptador tem o poder de recriar o texto tradicional de acordo com seus critérios estéticos. Há alguns que estilizam a obra de referência, outros que preferem parodiar. Na estilização, a identidade do “estilizado” se mantém em evidência, ocultando-se a identidade do “estilizador” como um meio de valorizar o primeiro. Na paródia, ao contrário, o autor se mostra com características diferentes das do autor, negando o texto em referência, valorizando a estética do parodiador.

... a) Na intertextualidade estilística, o ethos parodiador se sobrepõe ao ethos parodiado, para que este seja negado. b) Na estilização, o ethos estilizado se sobrepõe ao ethos estilizador, para que este seja afirmado... (DISCINI, 2011, p. 52)

Dos livros selecionados para a análise, dois se caracterizam como obra de estilização e o outro como paródia. Nos dois primeiros, portanto, se observa certo apagamento dos autores adaptadores, uma vez que não expõem seus pontos de vista e mantêm a figura do narrador distante do leitor, da mesma forma que o texto bíblico tradicional. O terceiro livro apresenta um narrador dinâmico e bastante expressivo, fugindo do padrão estilístico do texto original. Desse modo, se dá ao leitor a possibilidade de construir diferentes *ethé*¹⁶ para cada obra.

Um dos aspectos linguísticos que contribui para a criação dessa figura peculiar de narrador consiste no emprego dos adjetivos, palavras capazes de dar maior expressividade ao texto, marcando posicionamentos e estilos. Em capítulo anterior, foi mencionado que a escolha de uma palavra para um texto não é gratuita. A seleção de adjetivos, principalmente os qualificadores, enfatizam características fundamentais aos olhos do enunciador, de acordo com seu ponto de vista e sua intenção comunicativa.

Na sequência deste capítulo, três narrativas se apresentam de modos distintos em cada adaptações. São elas *A criação do mundo* – Adão e Eva; *O dilúvio* – Noé e *A fuga do Egito* – Moisés. Os fatos e personagens são caracterizados e narrados a critério de cada adaptador, sendo o uso do adjetivo um recurso bastante explorado ou não, culminando na construção de um *ethos* discursivo diferente para os narradores.

¹⁶ Plural de *ethos*.

4.1 A criação do mundo: Adão e Eva

Nesta seção, estão presentes as análises das adaptações da primeira narrativa da *Bíblia*. Ao contarem a história da criação do mundo, os autores simplificam o conteúdo, sem empobrecê-lo, permitindo que cada público reconheça os elementos do texto e estabeleça relações de sentido com cada um deles, apreendendo o significado.

Na versão tradicional, a história da criação assim se apresenta em um capítulo de trinta e um (31) versículos, relatando as ações de Deus até o sexto dia de trabalho.

Gênesis 1

No princípio criou Deus os céus e a terra.

E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.

*E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. **E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.***

E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.

E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.

*E chamou Deus à expansão Céus, **e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.***

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.

E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.

E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi.

E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro.

E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.

E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim foi.

E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas.

E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra,

E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom.

E foi a tarde e a manhã, o dia quarto.

E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.

E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra.

E foi a tarde e a manhã, o dia quinto.

E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi.

E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.

E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento.

E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi.

E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto.

(Gênesis 1.1-31)

O texto clássico, tal como vemos, se mostra bastante extenso, com vocabulário rico e, por vezes, difícil – dependendo do nível de leitura e conhecimento de mundo do leitor. A palavra “trevas”, por exemplo, não é tão corrente na língua do povo. Para tal vocábulo é possível encontrar vários significados; sendo o primeiro, abaixo listado, o correspondente à tradução do texto bíblico.

Significado de Treva

s.f. Escuridão completa.

Fig. Ignorância. (A palavra é geralmente usada no plural.)

S.f.pl. Ofício das noites de quinta-feira ou sexta-feira santas. (Escreve-se com maiúscula.)

Reino das trevas, o inferno.

Príncipe das trevas, espírito das trevas, o demônio.

Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/treva/>>. Acesso: 06 mar. 2013

O trecho “*Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus*” é bastante figurativo, pois ilustra a água como produtora dos seres marítimos. Ao imaginar que o texto seja lido por uma criança recém-alfabetizada, o versículo em questão necessitaria ser explicado por outra pessoa, uma vez que sua vivência linguística, provavelmente, ainda não teria atingido o nível de conhecer o significado do adjetivo “abundante” nem a forma adverbial que a ele corresponde: “abundantemente”. É possível, até, que o pequeno leitor decomponha a palavra e encontre outra que não caiba no contexto, mas que já faça parte do seu vocabulário cotidiano. Pode-se mencionar ainda o termo “répteis” que, a depender do nível de escolaridade da criança, apresentaria dificuldade de compreensão.

Outro fator relevante na composição do texto reside no paralelismo dos versículos que encerram um dia da criação: “*e foi a tarde e a manhã, o dia [...]*”, destacado no texto. A

repetição constante dessa expressão pode tornar-se cansativa e pouco atraente ao leitor infantil, uma vez que ele deseja ação e dinamicidade na história.

O livro *Bíblia para crianças*, de Ana Paula Aragão ([20--]), apresenta linguagem acessível ao público a que se destina. Na obra, o capítulo inicial de *Gênesis*, no qual se conta até o sexto dia de criação do mundo, é constituído de uma breve narrativa adequada às crianças, talvez sem a estética do texto clássico, mas ganhando pequenos leitores com um novo estilo, fazendo-os capazes de interagir com o texto. A razão para isso reside em uma série de fatores, entre os quais destacam-se a reorganização dos termos nos períodos, a supressão de informações secundárias e o vocabulário simples. O texto sobre a criação cabe em duas páginas e ainda faz uso de linguagem não verbal, apresentando uma ilustração sobre o momento narrado.

Vale mencionar que os capítulos do livro adaptado possuem títulos diferentes daqueles encontrados na *Bíblia*. A obra apresenta recortes do texto original e, com isso, alguns livros bíblicos não constam na adaptação. Desse modo, os títulos da obra analisada correspondem ao relatado ao longo do capítulo. Abaixo do título, consta a referência do livro bíblico em que a história pode ser lida na íntegra, orientação esta que descarta a ideia de que a adaptação busca substituir o original. Ao leitor infantil é dado, então, o direito de, futuramente, ler o texto completo, com todo o rebuscamento desejado pelos autores do hebraico e dos tradutores que seguiram a estrutura das *Escrituras*. Abaixo, segue o texto tal como consta na adaptação:

A criação
(Gênesis 1.1-13¹⁷)

Há muito tempo, nada existia além de Deus.
Então, Ele decidiu criar o mundo. Primeiro, Deus disse:
- Haja luz!
E a luz surgiu. Então, o dia e a noite passaram a existir.
No segundo dia, Deus criou os mares, para que existisse água no mar e sobre o céu.
No terceiro dia, Deus disse:
- Que a terra produza árvores, vegetais e plantas. – E tudo isso aconteceu. Deus olhou e viu que tudo era bom.
Mas parecia que faltava algo no céu, então Deus criou o Sol para nos aquecer durante o dia. Ele também criou a Lua e as estrelas para iluminar nossas noites. Esse foi o quarto dia.
No quinto dia, Deus criou todas as espécies marinhas e, no céu, todos os tipos de aves.
Deus percebeu que ainda faltavam mais coisas, então, no sexto dia, criou todas as espécies de animais e fez também os seres humanos: o homem e a mulher. Deus gostou de tudo o que fez e viu que tudo era muito bom.
Então, no sétimo dia, Deus descansou¹⁸.

(ARAGÃO, [20--], p.12-13)

¹⁷ Na verdade, a história da criação se encontra em Gênesis, capítulo 1, versículos de 1 a 31.

¹⁸ O sétimo dia é relatado no capítulo 2 do livro. Mas, por questões de sequência narrativa, pareceu bem a junção do último dia a todo o trabalho de criação do mundo.

Nota-se que o texto começa com uma estrutura bastante similar aos contos conhecidos pelas crianças. No lugar de “Era uma vez...”, a autora prefere usar “Há muito tempo...”, o que surte bastante efeito na construção da narrativa por parte da criança, pois permite que se desloque, mentalmente, no tempo e no espaço já no início da história. Caso a expressão do texto original – *No princípio criou Deus* – fosse usada, o leitor teria de reconhecer que “o princípio” em questão remete a um passado muito distante e, portanto, precisaria de auxílio para entender o significado da palavra.

Percebe-se que o texto adaptado está mais enxuto que o original. Dispensando repetições, o novo texto se mostra mais próximo do universo infantil com frases curtas e ações descritas sem rodeios. Dessa maneira, o pequeno leitor consegue, por ele mesmo, estabelecer vínculos com a narrativa lida. E é no espaço de interação entre leitor e texto que se alcança a plena construção do significado. O sentido do texto, portanto, não está pronto, acabado; não é unilateral; ao contrário, conta com a colaboração (co – laborar = trabalhar junto) do leitor para a construção de seu sentido.

Outra alteração relevante se dá na sequenciação das ações. No primeiro texto lido, na tradução fiel ao original, estabeleceu-se o paralelismo já citado para marcar os dias em que ocorreu cada atividade de Deus. A adaptação, por sua vez, elenca as ações com os marcadores “primeiro”, “no segundo dia”, “no terceiro dia”, “no quinto dia” para abrir os períodos em que são contadas. Intercala, contudo, com uma oração ao final da narrativa dizendo “Esse foi o quarto dia”, o que não torna o texto cansativo com a repetição das estruturas. Para se referir ao sexto e ao sétimo dias, a autora deslocou o advérbio para o meio da oração, quebrando a expectativa de um texto de composição enfadonha.

Não se pode deixar de considerar que muitas passagens foram suprimidas ou são apresentadas de modo diferente. A autora, por exemplo, não menciona que, na criação do homem, Deus não manda **surgir** um homem. Ao contrário, Deus se dispõe a **fazê-lo**, com suas próprias mãos, como é possível inferir do texto clássico: “*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*”. A forma verbal “façamos” denota que houve um chamado para o trabalho manual e não o exercício do poder da palavra divina, pois a tudo disse “haja”, mas, na criação humana, Deus decidiu fazê-la por ele mesmo.

A obra destinada aos pequenos leitores utiliza vocabulário bastante acessível e apresenta uma proposta dinâmica e envolvente. O contato com essa adaptação é capaz de, sem dúvida, levar à leitura posterior da obra completa, na medida em que esse leitor infantil tenha atingido uma capacidade leitora mais desenvolvida, envolvendo tanto conhecimento de

mundo quanto domínio de estruturas linguísticas mais complexas, podendo formular novas hipóteses e construir novos significados.

Em relação aos adjetivos, observou-se que esta adaptação pouco lança mão desse recurso linguístico. Quando o faz, a predominância é de adjetivos classificadores, que não remetem, necessariamente, a uma carga textual expressiva. A passagem sobre a criação do mundo utiliza numerais ordinais com a função de classificar / ordenar cada dia de trabalho do Criador. Formam-se, então, sintagmas nos quais os numerais marcam a sequência dos dias, funcionando como adjunto adnominal do núcleo substantivo “dia”:

... No **segundo** dia, Deus criou os mares, para que existisse água no mar e sobre o céu. No **terceiro** dia, Deus disse: - Que a terra produza árvores, vegetais e plantas... (ARAGÃO, [20--], p. 12)

No trecho: “... No quinto dia, Deus criou todas as espécies **marinhas** e, no céu, todos os tipos de aves...” (ARAGÃO, [20--], p. 12), o adjetivo destacado não expressa a qualidade, mas marca a espécie criada: seres que vivem no mar. Não há, nesse caso, possibilidade de gradação do adjetivo, uma vez que denota uma classe, não uma característica física ou afetiva.

Além do exemplo acima, pode-se conferir o mesmo padrão de adjetivo no sintagma destacado na seguinte passagem: “... Mas havia, no centro do jardim, uma única árvore da qual eles não podiam comer os frutos – a árvore **da vida** que dava o conhecimento do bem e do mal...” (ARAGÃO, [20--], p. 16). A locução “da vida” expressa uma classificação da árvore, da mesma forma que se tem árvore de maçãs, de peras, de mangas etc.

O uso desse tipo de adjetivo não remete a nenhum ponto de vista específico do narrador, pois apresenta dados concretos do objeto / ser referido e, nos casos citados, não existe a possibilidade de seleção vocabular diferente das realizadas de acordo com o contexto construído. O emprego ora citado não possibilita criar uma imagem de narrador, um *ethos* específico, pois, como um processo de estilização, o autor-adaptador apaga suas marcas e evidencia os aspectos da obra de referência.

Uma das obras de estilização, conforme dito anteriormente, é a adaptação infantil, pois há poucos (ou quase nenhum) indícios da perspectiva da obra em si; ao contrário, evidencia mais o posicionamento bíblico tradicional. Os adjetivos qualificadores, contudo, incrementam o texto, selecionados a partir da criatividade do autor, marcando seu estilo, dando uma perspectiva para a voz do narrador apresentado.

No livro infantil, observam-se alguns adjetivos qualificadores que estilizam a *Bíblia*, ou seja, reafirmam a identidade da *Escritura*, como nos trechos a seguir: “[...] Deus olhou e

viu que tudo era bom” (ARAGÃO, p. 12) e “[...] Deus gostou de tudo o que fez e viu que tudo era **muito bom**” (ARAGÃO, p. 13).

Acima, os adjetivos indicam a opinião de Deus a respeito de sua obra, expressa pelo narrador. O uso de “bom” repete a escolha do texto bíblico convencional, bem como a intensificação com o advérbio “muito”. O mesmo ocorre em: “[...] e viu Deus que era bom”. (*Gênesis* 1.10), bem como em “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era **muito bom**; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto” (*Gênesis* 1.31).

Como característica do texto infantil, o termo “bom” é considerado adequado, uma vez que as crianças estão habituadas a ouvir a palavra e a reconhecer seu significado. Além deste, há outros adjetivos frequentes no vocabulário delas: “Mas, para que não ficasse sozinho (Adão), Deus criou a mulher, que recebeu o nome de Eva” (ARAGÃO, [20--], p. 14); “Adão e Eva viviam felizes no jardim do Éden” ARAGÃO, [20--], p. 16) e “Olhe, que fruto gostoso! Por que você vai obedecer a Deus?” (ARAGÃO, [20--], p. 17).

Esses exemplos, sim, abrem para o leitor a perspectiva do narrador. O primeiro trecho aparece na versão tradicional da seguinte forma: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma **ajudadora idônea** para ele” (*Gênesis* 2.18).

Como se percebe, a construção narrativa adaptada permite maior interação com o leitor, até mesmo pelo apagamento da expressão “ajudadora idônea”, que poderia ser uma verdadeira pedra no caminho da leitura da criança. Foi substituída, então, pelo substantivo “mulher”, palavra de domínio significativo do público-alvo.

Os dois últimos exemplos constituem o verdadeiro *ethos* do narrador, já que o texto original não indica estado de ânimo dos habitantes do jardim, tampouco a opinião da serpente a respeito do fruto proibido.

A ideia expressa pelo narrador de felicidade dos habitantes demonstra a concordância com o texto bíblico, revelando que, de fato, a criação de Deus foi perfeita e que os personagens destacados (Adão e Eva) não precisavam de nada mais além do que Deus já havia concedido, até o momento em que a serpente os instigou à desobediência.

No texto convencional, não se faz menção à opinião da serpente em relação ao sabor do fruto. Levando em conta o público infantil, o adjetivo é usado como argumento do animal, convencendo qualquer um a experimentar, mesmo sabendo que é proibido. O fato de ser “gostoso” ultrapassa o impedimento. As Escrituras apresentam a visão de Eva em relação ao fruto.

... Ora, a serpente era mais **astuta** que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos,
 Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele,
 nem nele tocareis para que não morrais.
 Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.
 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e
 sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.
 E viu a mulher que aquela árvore era **boa** para se comer, e agradável aos olhos, e
 árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também
 a seu marido, e ele comeu com ela...

(*Gênesis* 3: 1-6 – grifos meus)

Além disso, destaca-se a qualidade da serpente: astuta. No universo infantil, o adjetivo pode configurar mais uma dificuldade na compreensão textual. O narrador-adaptador, então, descreve o animal da seguinte maneira: “*No jardim, havia uma serpente que era muito esperta*” (ARAGÃO, p. 17).

O vocábulo “esperta” é mais frequente no universo infantil que “astuta”. O autor demonstra, assim, sua preocupação em atender às necessidades de compreensão das crianças. A linguagem não é pobre, mas é simples, permitindo a compreensão plena dos acontecimentos narrados.

Com isso, a construção da imagem do narrador (o *ethos*) se dá, na mente infantil. A partir dos adjetivos destacados, o leitor entende que o narrador concorda com a *Bíblia* e deseja compartilhar o conhecimento nela contido. Não se trata, em princípio, de um narrador disposto a converter o leitor a alguma religião, mas unicamente interessado em disseminar as belas histórias nela relatadas.

Em *10+: histórias da Bíblia*, de Michael Coleman, traduzida por André Czarnobai, percebe-se um belo manejo de contar as extensas narrativas bíblicas sem enfadar o leitor. Com vocabulário simples (mas não pobre), alternância de gêneros textuais e uma criatividade ímpar, a leitura se torna dinâmica e sucinta, apresentando os aspectos principais de cada uma das dez histórias selecionadas.

Tratando-se de adaptação, o autor se dá o direito de escolher os trechos que merecem destaque para formarem parte da sua obra. No caso de Coleman, alguns personagens bíblicos têm suas vidas contadas brevemente, enfatizando seus grandes feitos e como esses contribuíram para a formação do povo de Deus. Sabiamente, o autor omitiu alguns fatos ou, simplesmente, enumerou os acontecimentos sem explicá-los, o que pode gerar curiosidade no leitor de ir à fonte – a *Bíblia* – para melhor compreender o que não está explícito na adaptação. Tal busca se torna ainda mais possível porque Coleman apresenta as devidas referências das histórias.

Outro recurso eficaz são as imagens distribuídas ao longo do livro. Com tirinhas bastante cômicas, a exposição do texto ganha ainda mais dinamismo.

Considera-se que a obra de Coleman se volta para o público adolescente, que reivindica uma linguagem mais descontraída, mas não tão facilitada. Observa-se, no estilo do autor, a intenção de estabelecer um vínculo com o leitor, encontrando uma maneira atraente de narrar os dias da criação. A história recebe uma “nova vida” quando o autor a coloca como relato sobre as experiências de Adão. Trata-se, então, de desviar a narração para uma perspectiva pessoal e não como uma verdade absoluta.

Os capítulos da adaptação também apresentam títulos diferentes dos da *Bíblia*, na versão tradicional. Desse modo, os títulos presentes na obra analisada correspondem ao relatado ao longo do capítulo. Abaixo do título, aparece a referência do livro bíblico em que a história pode ser lida na íntegra.

Em primeiro lugar, Coleman apresenta a “*História 1: Adão e Eva*”, que consta do livro de Gênesis e cita os personagens do momento da criação (Deus, Adão, Eva e a Serpente). A seguir, afirma que existem muitas pessoas que não acreditam nessa história. A partir da dúvida a respeito da formação do universo e da existência dos dois, Coleman suscita a possibilidade de haver um diário, no qual Adão contaria suas experiências. Assim, o autor introduz um novo gênero dentro da obra, que permite a efetiva interação leitor-texto num processo dinâmico e significativo. Pode-se perceber que o autor não afirma categoricamente a verdade propagada pela Bíblia; seu interesse maior está em recontar a história da criação de uma maneira ainda mais interessante ao seu público-alvo.

Outros elementos contribuem para a caracterização do estilo despojado de Coleman, como a disposição gráfica da obra, os formatos das letras e as ricas ilustrações, reforçando a ideia de que se trata de um livro idealizado para o público infanto-juvenil.

Na sequência, pode-se ver o texto em que surge Adão com seu diário:

O DIÁRIO DE ADÃO

DIÁ 1

DIÁ 2

DIÁ 3

DIÁ 4

DIÁ 5

DIÁ 6.

Hoje eu fui criado. Me pergunto: por quê? De acordo com Deus, meu criador, eu era a última tarefa da sua lista. Isto foi o que ele fez antes de mim. Uau!

(COLEMAN, 2012, p. 11)

O “*Diário de Adão*”, capítulo referente à criação, começa a ser escrito no sexto dia por uma razão lógica: o homem foi criado nesse dia; logo, não havia nada para relatar sobre os cinco dias anteriores. Coleman, porém, encontra uma alternativa para expor as outras ações de Deus. Como Adão sabia o que fora anteriormente feito, ele aponta em seu diário a “Lista de tarefas de Deus”. Tem-se, então, mais um gênero textual construindo a narrativa da criação. Trata-se de uma modificação relevante na sequenciação das ações. No texto convencional, na tradução fiel ao original, estabeleceu-se o paralelismo citado anteriormente para marcar os dias em que ocorreu cada atividade de Deus. A presente adaptação, por sua vez, lista o que Deus deveria fazer, rompendo com a estrutura repetitiva tradicionalmente lida.

LISTA DE TAREFAS DE DEUS

DIA 1 – Criar o universo. Separar o dia da noite. (Ou deveria ser a noite do dia?)

DIA 2 – Criar o céu e a terra. (Assegurar-se de que a terra brote do mar.)

DIA 3 – Criar a vegetação. (Tomar uma decisão sobre as ervas daninhas!)

DIA 4 – Criar o sol e a lua. (O sol vai ser quente. Banho de lua não soa bem.)

DIA 5 – Criar peixes para o mar e pássaros para o ar. (Não confundir! Baleias voadoras seriam um tremendo fiasco.)

DIA 6 – Criar todos os outros animais. (Incluindo o homem, se der tempo.)

(COLEMAN, 2012, p. 11 e 12)

A sequência dos verbos no infinitivo realmente corresponde à organização de uma lista de coisas a fazer. Os comentários pessoais do narrador moldam o tom de humor presente na obra. Por fim, Adão conclui a narrativa da criação no sétimo dia.

LISTA DE TAREFAS DE DEUS

DIA 7. – Muito silêncio. Deus está repousando. Ele está morto de cansaço, mas também muito satisfeito. Ele fica dizendo que tudo o que fez é muito bom, principalmente eu! Como já dei uma olhada em mim mesmo (há muitas poças d’água por aí – Deus passou o dia testando a chuva) preciso dizer que concordo com ele.

(COLEMAN, 2012, p. 11 e 12 – grifo meu)

O tom informal dado ao texto seguramente envolve os leitores que, a partir do contato com essa adaptação, embarcam no universo proposto pela leitura. O fato de Adão ser o narrador da própria história permite que o leitor interaja com a criatura de Deus, proposta pela obra, consolidando um diálogo entre eles. A linguagem fluida garante, essencialmente, a melhor compreensão do texto.

Nota-se, também, que o tradutor da adaptação não se preocupa em seguir a norma do português padrão. Deve-se levar em conta, pois, que o gênero proposto é um diário pessoal,

no qual o sujeito tem liberdade para escrever de forma mais coloquial, aquela que mais lhe convém.

No tocante à questão da seleção vocabular, apresentam-se exemplos que evidenciam as características do narrador de Coleman. Já se disse que a partir das escolhas linguísticas do autor é possível construir uma imagem do enunciador, correspondendo fielmente ao seu caráter ou não. No caso da análise de narrativas, considera-se que a imagem criada se dê em função do narrador, pois é ele quem profere o discurso.

Assim como na primeira adaptação selecionada, a segunda obra esbanja adjetivos classificadores, que não marcam um ponto de vista, mas explicitam uma relação de classe em relação ao substantivo. Tem-se “... primeiro homem”, “primeira mulher”, “primeira serpente...” (COLEMAN, 2012, p. 10), sinalizando o *status* de cada personagem, sem assinalar, porém, uma qualidade específica.

Desse modo, segue-se para a análise dos adjetivos qualificadores, os mais convenientes quando o assunto é construção do *ethos*. Considere-se, por exemplo, a passagem: “... DIA 7. – Muito silêncio. Deus está repousando. Ele está **morto de cansaço**, mas também **muito satisfeito**. Ele fica dizendo que tudo o que fez é **muito bom**...” (COLEMAN, 2012, p. 12).

A expressão “morto de cansaço”, em função predicativa, representa o estado de ânimo de Deus, segundo Adão, o narrador. Trata-se de uma versão hiperbólica para o adjetivo “cansado”. A figura de linguagem em questão remete o leitor ao árduo trabalho de criar o mundo. Além disso, o linguajar é bastante característico entre os adolescentes. A partir deste aspecto, já é possível vislumbrar uma imagem para o narrador: um Adão jovem e “descolado”.

O texto tradicional, entretanto, não menciona o fator cansaço; apenas diz que Deus descansou no sétimo dia. A presença do verbo “descansar” abriu margem para o adaptador criar, nas palavras do narrador, a imagem de um Deus cansado.

Ainda em relação ao trecho anteriormente analisado, nota-se a intensificação dos adjetivos por meio do advérbio “muito”. Quanto à expressão “muito bom”, como destacado na primeira adaptação, repete-se a declaração feita no texto bíblico consagrado. E pelo fato de Deus considerar sua criação muito boa, Adão afirma que seu Criador estava “muito satisfeito”. A opção pela gradação analítica – advérbio seguido de adjetivo – se deve ao vocabulário descontraído utilizado em toda a obra, já que os jovens atualmente pouco usam as formas sintéticas (*satisfeitíssimo*). Caso Coleman colocasse para o narrador tal expressão, negaria toda a imagem já criada com sua proposta estética.

A adaptação continua trazendo a informação de que, com o passar dos dias, Adão recebeu Eva por sua companheira e, ao mesmo tempo em que a achou “muito **bonita**”, pensou que ela poderia ser “**um pé no saco**”, conforme apresentado nas seguintes passagens: “... DIA 14 – [...] Eva é muito bonita. Pelo menos muito mais bonita que o hipopótamo, isso com certeza!...” (COLEMAN, 2012, p. 14) e “... DIA 15 – [...] Pode ser que Eva seja um pé no saco...” (COLEMAN, 2012, p. 15).

A apreciação da beleza de Eva não consta nas *Escrituras*, tampouco o julgamento de Adão a respeito de sua personalidade. Tal recurso serviu de base para mostrar que, futuramente, haveria um problema. Em relação à escolha lexical, o adjetivo “bonita” é bastante comum e não gera impacto para a obra, mas a expressão “pé no saco” indica o receio de Adão a respeito das atitudes de sua companheira. Seu significado remete a alguém chato e/ou problemático, mas com um estilo mais sarcástico.

Seguindo essa linha de escolha, vê-se à frente o momento em que Adão e Eva decidem provar do fruto proibido, graças às artimanhas da serpente.

... Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.
Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.
E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela... (*Gênesis* 3:4-6)

Na adaptação juvenil, é nesse momento em que Eva se mostra “um pé no saco”, pois se junta à serpente para induzir Adão a comer do fruto, segundo ele mesmo conta.

... Então a Eva esticou o braço, pegou uma fruta e cravou os dentes nela.
Nossa! Depois ela pegou a fruta pra mim.
“Vai nessa, Adão. Dá uma mordida.”
“Não, eu não devo. Não é permitido.”
“Ah, que **bundão**”, disse a serpente... (COLEMAN, 2012, p. 16)

A fala da serpente, definitivamente, mostra um narrador despreocupado com seu vocabulário. A palavra em destaque tem sua natureza substantiva, mas, com o acréscimo do sufixo “-ão”, funciona como adjetivo com valor depreciativo, usado no lugar de termos como “covarde”, “fraco” ou “medroso”. O uso do termo escolhido é empregado no cotidiano, principalmente, entre jovens em situações informais de comunicação, levando o leitor a consolidar o narrador como seu semelhante.

Nota-se, então, que a adaptação analisada configura uma paródia à *Bíblia*, uma vez que coloca o texto original fora de cena e dá outro aspecto à história; a identidade do narrador-adaptador é evidenciada, ofuscando a do narrador-original. Seu objetivo também não é convencer o leitor de que a Bíblia detém a verdade absoluta, mas contar as histórias já

conhecidas pelo viés do humor. Os adjetivos usados na obra, portanto, corroboram para esse efeito estilístico e garantem uma imagem de narrador como um ser próximo do universo do leitor.

Em *A história*, editado por *The Zondervan Corporation* e traduzido por PAULUS Editora, o texto se apresenta bem complexo. A obra compõe-se de trinta e um (31) capítulos contando histórias bíblicas de destaque, transformando toda Escritura em uma história consistente, sem a fragmentação do texto original. A organização da obra se define no prefácio da seguinte forma:

... De cada capítulo foram selecionados os trechos principais, e comentários em itálico foram acrescentados para explicar com clareza os trechos omitidos. Os textos foram escolhidos de modo a manter o fluxo geral da narrativa, para que, ao ler este livro, você perceba o contexto em que a Bíblia está inserida. Os espaços entre os parágrafos indicam que algum trecho foi cortado, e uma tabela no final da edição mostra de onde foram tiradas as passagens incluídas... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 14)

Trata-se de um livro extenso e de linguagem densa, o que dificultaria a leitura por crianças. Para o público jovem, a leitura é possível, uma vez que este já possui vocabulário amplo e maior domínio da estrutura linguística. O modo narrativo, entretanto, pode configurar-se enfadonho por apresentar repetições de termos que embargam a fluidez da leitura, como a constância da expressão “Iahweh Deus”, cuja explicação se dá da seguinte forma:

Na tradução da Bíblia de Jerusalém, o nome de Deus aparece sob a forma de Iahweh. Sabemos que no hebraico original apenas as consoantes eram escritas. As vogais tardiamente colocadas pelos Massoretas são as do termo adonai (“senhor”), que devia ser pronunciado, pois o Nome de Deus era considerado demasiadamente santo para ser proferido. Conservamos aqui a forma corrente Iahweh, mas na leitura pública é recomendável dizer “o Senhor”. (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 17)

Nos capítulos analisados, porém, os aspectos repetitivos da obra não constituem obstáculos para a compreensão do texto. Considera-se, contudo, que a obra está mais voltada para o público adulto.

No decorrer do texto, as histórias levam em conta o contexto histórico e social do período destacado. Os capítulos 1 e 2 apresentam o momento da criação do mundo e da formação do homem e da família. Além desses assuntos, é narrado também como se deu a entrada do pecado no mundo, por meio da serpente. Em seguida, pela disseminação do pecado, a humanidade tornou-se corrompida e a Deus não mais agradava sua própria criação.

Em razão disso, enviou o dilúvio para exterminar a população pecadora, preservando apenas a vida de Noé e sua família, pois estes se mostravam agradáveis aos olhos do Criador. Mais à frente, o leitor toma conhecimento de que o povo israelita se desenvolveu a tal ponto, que se tornaram numerosos demais em relação aos egípcios, fato que amedrontava o Faraó. Assim, os egípcios “... impuseram a Israel inspetores de obras para tornar-lhe dura a vida com trabalhos que lhe exigiam...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 59). A Deus, porém, não lhe agradou a ideia de ter seu povo escravizado; por isso, mandou um representante de Israel para defendê-lo e libertá-lo das mãos de Faraó. Destaca-se, então, a personagem Moisés, criado no palácio e que, na idade adulta, se apresenta como o libertador dos escravos. Esse capítulo é extenso e se divide em vários tópicos, considerando os diferentes fatos narrados.

No aspecto linguístico, observa-se uma seleção lexical bastante cuidadosa no tocante aos adjetivos, complementando o estilo da obra. Para tanto, o autor leva em conta sua intenção comunicativa e seu projeto estético. Assim, os adjetivos constituem um dos elementos que auxiliam a construção do *ethos* discursivo do narrador. A seguir, apresentam-se algumas dessas palavras e a possível imagem atribuída ao enunciador.

A introdução da narrativa se apresenta de modo semelhante ao texto convencional: “... No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava **vazia** e **vaga**, as trevas cobriam o abismo e um sopro de Deus pairava sobre as águas...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 15).

O uso do adjetivo “vazia” mantém a escolha original do texto, mostrando que a terra ainda não era habitada. Esse termo não demonstra a apreciação do narrador, mas a constatação de um fato. “Vaga”, por sua vez, é um acréscimo do autor-adaptador reiterando a expressividade do primeiro termo. Ambos os adjetivos denotam a característica do universo como um lugar desocupado, com ausência de diversos elementos.

Uma estrutura que se repete ao longo do texto é “era bom/boa”, demonstrando o pensamento de Deus a respeito de cada elemento criado. A *Bíblia*, em sua escrita, apresenta o mesmo sintagma.

... Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era **boa**. E Deus separou a luz e as trevas.

[...]

Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente”, e assim se fez. Deus chamou ao continente “terra” e à massa das águas “mares”, e Deus viu que isso era **bom**... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 15)

O texto tradicional não difere em uso do adjetivo, como se vê na passagem que segue:

... E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. **E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.** [...].
 E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.
 E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom... (*Gênesis* 1:3-10 – grifo meu)

Como adjetivos classificadores, têm-se aqueles usados na organização dos dias da criação: “... Houve uma tarde e uma manhã: **primeiro** dia...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 15) e “... Houve uma tarde e uma manhã: **segundo** dia...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 15).

Além desses, é possível destacar outros adjetivos de natureza caracterizadora, imprimindo aos seres e aos objetos características de cunho especificativo, como em “... Que a terra verdeje de verdura: ervas que dão semente e árvores **frutíferas** que dão sobre a terra...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p.15) e “... Deus criou as grandes serpentes do mar e todos os seres vivos que rastejam e que fervilham nas águas segundo sua espécie, e as aves **aladas** segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 16).

Os adjetivos destacados expressam uma relação tipológica com os substantivos que os antecedem. No primeiro exemplo, entende-se que se trata de árvores que produzem frutos; podendo, até se estender para uma qualidade do ser: produtivo. No segundo, porém, percebe-se que o termo “aladas” colocado junto ao núcleo “aves” produz efeito expressivo de redundância, uma vez que “possuir asas” constitui marca característica do grupo “aves”.

Em relação aos adjetivos qualificadores, destaca-se o momento da criação da mulher, quando Deus decide fazer uma companheira para Adão: “... Iahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma **auxiliar** que lhe corresponda...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 17).

A palavra em destaque, essencialmente, corresponde a um adjetivo. No texto da obra, usa-se como um substantivo, porém o significado qualitativo não se perde, mantendo a ideia de se tratar de alguém que ajudará o homem ao longo de sua vida. O autor prefere essa estrutura em vez de “ajudadora idônea” (cf. *Gênesis* 2: 20).

A narrativa segue, então, para o momento em que homem e mulher conhecem a serpente e cedem ao pecado. O animal é definido do mesmo modo como aparece no texto convencional: “... o mais **astuto** de todos os animais dos campos que Iahweh Deus tinha

feito...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 19). O vocábulo destacado é de fácil assimilação para o público leitor a que se destina a obra e exprime uma característica vil do animal, levando-o a perceber que não se trata de esperteza ou inteligência, como poderia sugerir a versão infantil; mais do que essa ideia, revela um nível de crueldade requintado, capaz de provocar a queda do homem.

A serpente tanto argumentou, que Eva abriu espaço para a tentação, como é possível perceber no trecho “... E viu a mulher que aquela árvore era **boa** para se comer, e **agradável** aos olhos, e árvore **desejável** para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela...” (*Gênesis* 3: 6), bem como em “... A mulher viu que a árvore era **boa** ao apetite e **formosa** à vista e que essa árvore era **desejável** para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu...” (THE ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 19).

Como se pôde observar, a escolha dos adjetivos na adaptação não difere muito do texto convencional. Tal fato permite constatar que a postura do narrador é manter-se próximo do narrador bíblico, seguindo, inclusive, seu padrão vocabular. Por essa razão, conclui-se que a terceira adaptação configura um processo de estilização, uma vez que se, de um lado, apaga a identidade do autor-adaptador, de outro enaltece a figura do narrador original. Em *A história*, em função dos aspectos analisados, percebe-se um narrador observador que busca certa neutralidade em seu discurso.

4.2 *O Dilúvio: Noé*

A partir da queda do homem, o pecado se disseminou cada vez mais pelo mundo, contaminando as pessoas. Após serem expulsos do paraíso chamado Jardim do Éden, Adão e Eva tiveram filhos: Caim, Abel e Sete. Em certo momento, Deus pediu uma oferta aos irmãos Caim e Abel. O primeiro era agricultor e pegou as sobras de sua colheita para oferecer ao seu Senhor. O segundo, por sua vez, era pastor de ovelhas e escolheu a melhor de seu rebanho para sacrificar. A oferta deste foi bem aceita por Deus, mas daquele não e, por raiva, Caim matou a Abel. Ao ver o crime que Caim havia cometido, Deus o amaldiçoou e ele fugiu para outra terra, onde teve sua descendência.

... E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.

E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão.
Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra... (*Gênesis* 4: 10-12)

Sete, por sua vez, foi gerado após o primeiro homicídio. No capítulo 5 de *Gênesis*, apresenta-se a genealogia desse personagem, sendo um de seus descendentes Noé:

... E viveu Lameque cento e oitenta e dois anos, e gerou um filho, A quem chamou Noé, dizendo: Este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o Senhor amaldiçoou... (*Gênesis* 5: 28-29)

O povo, devido ao pecado, estava cada dia mais cruel e violento, fato que aborrecia a Deus e o fez pensar em destruir a Terra, exterminando toda a sua criação. Apenas um homem, por sua integridade, foi preservado, juntamente com sua família. Trata-se de Noé, obediente e fiel a Deus.

A história de Noé é narrada no livro de *Gênesis*, do capítulo 6 ao 9. O texto clássico se mostra bastante extenso e de vocabulário complexo, exigindo do leitor maturidade leitora e conhecimento de mundo, conforme pode ser verificado em:

- ¹ E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas,
² Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.
³ Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos.
⁴ Havia naqueles dias gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os homens de fama.
⁵ E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só **má** continuamente.
⁶ Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração.
⁷ E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.
⁸ Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor.
⁹ Estas são as gerações de Noé. Noé era homem **justo e perfeito** em suas gerações; Noé andava com Deus.
¹⁰ E gerou Noé três filhos: Sem, Cão e Jafé.
¹¹ A terra, porém, estava **corrompida** diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência.
¹² E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.
¹³ Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra.

(*Gênesis* 6: 1-13 – grifos meus)

Note-se a oposição feita entre a humanidade e Noé: os pensamentos humanos eram maus continuamente (versículo 5) e a terra estava corrompida (versículo 11), mas Noé era justo e perfeito. Deus, então, enviou um dilúvio para extinguir sua criação e a maldade que se

havia propagado. Noé, no entanto, “... achou graça aos olhos do Senhor...” (versículo 8) e, por isso, recebeu ordens para salvar a si e sua família. Assim, construiu a arca e escapou da primeira inundação do universo.

Nas adaptações desse episódio, apresentadas a seguir, é facilmente observável de que forma os adjetivos empregados colaboram para a imagem que os narradores constroem de si próprios.

O texto infantil expressa, de modo sucinto, o estado de maldade e violência em que a humanidade se encontrava. Veja-se em:

... Desde Adão e Eva, muito tempo se passou. A Terra foi povoada, mas, infelizmente, muitas pessoas eram **más** e havia violência por toda parte. Porém Noé e sua família eram **obedientes** e amavam a Deus.
Por causa da maldade das pessoas, Deus decidiu destruir a Terra... (ARAGÃO, [20--], p. 22)

O narrador despreza o uso excessivo de adjetivos, mas seleciona apenas duas palavras qualificadoras que expressam o caráter tanto de Noé e sua família quanto do restante da população. Assim, o pequeno leitor depreende a discrepância dos comportamentos e assimila que o personagem principal, de fato, merecia ser salvo.

A escolha dessas palavras denota a percepção do narrador diante dos fatos citados. Em vez de “más”, se poderia usar “perversas”, e, no lugar de “obedientes”, “submissos”. Cada palavra, no entanto, apresenta uma carga semântica própria e, por isso, o enunciador escolhe a que melhor se enquadra no seu padrão discursivo. Por se tratar de uma adaptação infantil, entende-se que os adjetivos usados foram escolhidos por fazerem parte do vocabulário das crianças, garantindo, então, o fluxo da leitura. Se o autor tivesse preferido “perversas” ou “submissos”, o público talvez tivesse necessidade de interromper a leitura para buscar o significado da palavra em dicionários ou seguir a leitura sem a plena compreensão daquilo que lera.

Além disso, a palavra “perversa” exprime um nível de maldade maior do que o que se expressa em “má”. Assim como o vocábulo “submisso” pode ser interpretado como alguém tão obediente que se transforma em escravo do outro. Logo, se percebe que, mesmo sinônimos, cada termo evidencia uma relação discursiva diferente do outro.

A continuação, a narrativa infantil expõe a ordem divina que garantiria a salvação de Noé.

... Então, certo dia, Ele (Deus) disse a Noé:
- Construa uma **grande** arca, porque vou mandar um dilúvio para destruir toda a Terra... (ARAGÃO, [20--], p. 22)
... Depois de muitos dias, a arca ficou **pronta**. Então, Deus disse a Noé:
- Entre na barca junto com sua família e leve um casal de cada espécie de animal. Leve também comida para todos... (ARAGÃO, [20--], p. 24)

Têm-se, no trecho acima, dois adjetivos que caracterizam a embarcação. A informação contida neles é suficiente para que os leitores da obra imaginem como a arca deveria ser. A seguir, o texto clássico detalha como Deus ordenou que Noé construísse:

... Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume.

E desta maneira a farás: **De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinquenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura.**

Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da arca porás ao seu lado; far-lhe-ás andares, baixo, segundo e terceiro.

Porque eis que eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para desfazer toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra expirará.

Mas contigo estabereceri a minha aliança; e entrarás na arca, tu e os teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo.

E de tudo o que vive, de toda a carne, dois de cada espécie, farás entrar na arca, para os conservar vivos contigo; macho e fêmea serão.

Das aves conforme a sua espécie, e dos animais conforme a sua espécie, de todo o réptil da terra conforme a sua espécie, dois de cada espécie virão a ti, para os conservar em vida.

E leva contigo de toda a comida que se come e ajunta-a para ti; e te será para mantimento, a ti e a eles.

Assim fez Noé; conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez...

(*Gênesis* 6: 14-22 – grifos meus)

Como se observa no fragmento destacado, Deus mencionou as dimensões exatas da arca. Para o público infantil, porém, estas informações não fariam sentido, uma vez que desconhecem o sistema de medidas citado. A saber:

côvado *s.m.* Medida de comprimento que foi usada por diversas civilizações antigas. Era baseado no comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até o cotovelo. Ninguém sabe quando esta medida entrou em uso. O côvado era usado regularmente por vários povos antigos, entre eles os babilônios, egípcios e hebreus. O côvado real dos antigos egípcios media 53cm. O dos romanos media 44,5cm. O côvado hebreu media 44,7cm.

Disponível em: <http://www.dicio.com.br/covado/>

Acesso: 16/02/2014

Desse modo, nota-se a preocupação do autor-adaptador em não enfadar ou confundir seu leitor. A palavra “grande” por si só representa, no universo infantil, uma dimensão imensurável.

Em seguida, a narrativa adaptada apresenta outro adjetivo para a arca: “pronta”. Essa qualificação denota que Noé, mais uma vez, satisfaz a vontade de Deus, conforme se expressa no texto clássico do seguinte modo: “Assim fez Noé; conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez” (*Gênesis* 6: 22). A afirmação feita anteriormente, de que Noé era obediente, se confirma ao longo da narração.

Após os quarenta dias de chuva ininterruptos, não mais choveu e as águas começaram a baixar, a arca parou, então, no monte Ararate. Foi nesse momento que Noé tentou descobrir se já poderia desembarcar.

... E aconteceu que ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca que tinha feito.

E soltou um corvo, que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra.

Depois soltou uma pomba, para ver se as águas tinham minguado de sobre a face da terra.

A pomba, porém, não achou repouso para a planta do seu pé, e voltou a ele para a arca; porque as águas estavam sobre a face de toda a terra; e ele estendeu a sua mão, e tomou-a, e recolheu-a consigo na arca.

E esperou ainda outros sete dias, e tornou a enviar a pomba fora da arca.

E a pomba voltou a ele à tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico; e conheceu Noé que as águas tinham minguado de sobre a terra.

Então esperou ainda outros sete dias, e enviou fora a pomba; mas não tornou mais a ele...

(*Gênesis* 8:6-12)

Com isso, "... ele soube que a terra já estava seca e todos puderam sair da arca. Noé e sua família agradeceram a Deus, que prometeu nunca mais destruir a Terra com um dilúvio, e como sinal dessa promessa, colocou o arco-íris no céu" (ARAGÃO, [20--], p. 27). A narrativa infantil encerra a história de Noé desse modo, mostrando que, por sua obediência, Noé foi preservado da destruição.

Como se pode notar, o texto não exagera em adjetivos, mas os usa para aproximar o leitor dos fatos, priorizando a compreensão por parte de seus leitores. Por se tratar de um público infantil, preferiram-se palavras de seu vocabulário, tornando a leitura dinâmica e compreensível.

A adjetivação do texto colabora, então, para a construção da imagem de um narrador responsável por transmitir a sucessão dos fatos, sem evidenciar e/ou defender seu ponto de vista. Certamente, a escolha de alguns adjetivos demonstra sua perspectiva, mas não constitui um discurso de cunho avaliador. Configura-se, pois, o *ethos* discursivo desse narrador como um contador de histórias, assumindo a perspectiva do narrador bíblico tradicional.

Coleman (2012), por sua vez, encontrou uma maneira bastante peculiar e atrativa para relatar a decisão de Deus a respeito do povo. A história recebe uma nova vida quando o autor apresenta sua leitura sobre o acontecimento narrado, isso se deve ao recurso linguístico expresso pelos adjetivos. É possível percebê-lo em:

... Conforme a história segue, Deus começa a enxergar maldade em tudo que é canto. Não apenas nas **más** ações, mas também nos **maus** pensamentos. Mas que tipo de maldade? Você quer saber todos os detalhes **sórdidos**? Que azar! O Livro do

Gênesis não cita tipos específicos de maldade, com exceção de um, a violência... (COLEMAN, 2012, p. 30 – grifos meus)

As palavras destacadas correspondem à classe gramatical dos adjetivos e têm como função qualificar ou classificar os substantivos a que estão atrelados. Na comparação entre os dois trechos, é notável a redução de material textual, mas não de conteúdo expressivo. Em ambos os fragmentos entende-se que os habitantes da Terra, naquela época, estavam corrompidos. No primeiro, porém, o único adjetivo que demonstra isso é “má” (versículo 5). Já no segundo, o par “más” e “maus” somado ao vocábulo “sórdidos” enfatiza a devassidão do caráter do povo. Isso se justifica pelo fato de exaltar a figura de Noé.

Ainda nesses fragmentos, pode-se ver como o texto clássico descreve Noé: justo e perfeito. Adjetivos qualificadores que indicam o caráter do nosso personagem. Coleman (2012), por sua vez, enfatiza os atributos do caráter de Noé, afirmando que “... Noé era a **única** pessoa no mundo – junto com a sua família – que Deus não considerava **completamente desprezível...**” (COLEMAN, 2012, p. 30). A intenção é, pois, figurar a excepcionalidade de Noé, usando o termo “único” para indicar sua separação do resto do mundo. A anteposição do adjetivo confirma seu valor conotativo, representando seu caráter exclusivo diante de Deus. Ao mesmo tempo, Coleman (2012) lança mão de um adjetivo passível de gradação, com o qual denota que, para Deus, ainda assim Noé não era perfeito. “Não ser completamente desprezível” é, considerando-se a carga semântica, bastante diferente de “não ser desprezível”. O advérbio modifica semanticamente a ação do adjetivo qualificador no discurso, ressaltando um posicionamento do enunciador de que, de certa forma, Noé apresentava falhas, mas que não interferiam na comunhão com o seu Deus.

Mais adiante, aparece uma redundância com efeito expressivo:

... Ele (Deus) resolve começar tudo de novo e manda um **grande** Dilúvio para a Terra a fim de destruir todas as criaturas vivas, exceto Noé, sua esposa, seus três filhos – Sem, Cam e Jafé – e suas respectivas esposas. Não por acaso, ele dá um **pequeno** alerta – afinal de contas, todo mundo sabe que é necessário algum tempo para se preparar para uma calamidade... (COLEMAN, 2012, p. 30 – grifos meus)

Todos sabem que “dilúvio” significa uma chuva de grande porte, e a palavra é usada para expressar tal proporção. Logo, à primeira vista, a expressão “grande Dilúvio” pareceria um equívoco linguístico, uma vez que a carga semântica está expressa no próprio substantivo. Coleman (2012), no entanto, produz a redundância com o intuito estilístico de potencializar o evento climático. Não se trata de uma enchente comum, mas da destruição de tudo o que Deus já havia criado. O autor entende, portanto, que o fato merece maior destaque em sua narrativa.

Ainda nessa passagem, é possível detectar outro adjetivo de valor subjetivo. O vocábulo “pequeno” que precede o substantivo “alerta” figura uma espécie de minimizador do aviso dado por Deus, conforme observamos no versículo 13 da obra:

... Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra...
(*Gênesis* 6: 13)

O texto convencional mostra que o “pequeno” alerta informava sobre a destruição da Terra e que Noé deveria se preparar. Com esse adjetivo, o narrador parece ironizar o fato iminente.

Em seguida, o narrador observador, em exercício até então, passa a narrativa para Sem (filho de Noé), promovendo a heterodiscursividade, com a multiplicidade de pontos de vista. A progressão da história se mantém com a linguagem despojada, conforme se verifica em:

... Sejam honestos, quando tudo começou nós ficamos nos perguntando se papai não tinha ficado meio **lelé**. Quer dizer, ele já tinha seiscentos anos, e a massa cinzenta começa a falhar à medida que os anos vão passando, não é mesmo? (COLEMAN, 2012, p. 31)

O modo de contar os acontecimentos vivenciados por Sem é coloquial, dirigindo-se objetivamente ao jovem leitor. O uso da expressão popular “lelé” não requer explicações ou sinalizações para destacar que é de uso informal, aparecendo como uma palavra que, embora não esteja dicionarizada, é reconhecida pelo falante da língua portuguesa, variante do Brasil. Esse vocábulo apresenta função adjetiva, uma vez que se refere a um ser (Noé / papai) qualificando-o. A qualidade atribuída a Noé se deve à ideia de construir uma arca, atendendo às proporções ordenadas por Deus.

No Brasil, “lelé” designa a pessoa que não está em seu juízo perfeito. Assim, o narrador assume um posicionamento avaliativo em relação ao personagem principal da história, mas ameniza a suposta condição mental de Noé pelo uso do vocábulo apresentado, que, por sua vez, ainda é suavizado pelo advérbio “meio”.

A narrativa juvenil prossegue com o motivo da construção da arca:

... Então nos contou (Noé) o que Deus havia dito: que ele achava que sua criação havia se tornado **horrível e violenta** e que então ele tinha decidido mandar um Dilúvio para acabar com tudo. Quer dizer, com tudo mas não com a gente! Bem, como você deve imaginar, ficamos meio perplexos por um tempo. Mas então pensamos um pouco naquilo e chegamos à conclusão de que, se o resto do mundo era como o Éden, então ele tinha mesmo se tornado bem **horroroso**. (COLEMAN, 2012, p. 32)

Na condição de narrador, Sem conta o que levou Deus a optar pela exterminação de sua criação. A maldade e a violência haviam se alastrado pela Terra e apenas sua família permanecia fiel a Deus. O texto convencional diz que: “... A terra, porém, estava **corrompida**

diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência. E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra...” (*Gênesis* 6: 11-12). O uso do qualificador “horrível” expressa, de modo mais amplo e em linguagem cotidiana, a aversão que a população gerava nos corações ainda bons, como o de Noé, tamanha a perversão dos humanos. Assim, por se manterem obedientes, Noé e sua família ainda agradavam a Deus e, por isso, escaparam da destruição. Tal fato deixou o narrador **perplexo**. O sentido atribuído a esse adjetivo no texto remete ao significado de “confuso” e, ao mesmo tempo, “embaraçado”, pois só a família dele seria poupada. Depois de pensar, Sem percebeu que, realmente, o mundo havia se tornado um lugar ruim para se viver, tal como expressa o adjetivo “horroroso”.

A modalização do adjetivo “perplexo” aparece em “... ficamos **meio perplexos** por um tempo...” (COLEMAN, 2012, p. 32) e, mais à frente, em “... de repente me ocorreu que era **meio grande** demais só para nós...” (COLEMAN, 2012, p. 33), colocando o narrador-personagem na posição de quem relativiza o próprio discurso, como se tentasse reduzir a carga expressiva do adjetivo utilizado.

A narrativa prossegue para a ocupação da arca, momento em que, segundo o narrador Sem, Noé distribui as tarefas entre os filhos:

... “Deus me deu novas instruções”, disse papai, depois de tomar seu chá. “Nós temos de levar conosco dois exemplares de cada animal, um macho e uma fêmea.”
 “Dois de cada bicho?”, perguntou Cam.
 “Isso”, disse papai. “Vocês têm de reuni-los. Jafé pegará os répteis e Sem...”
 “Nem precisa dizer”, resmunguei. “Eu tenho que reunir os peixes, né?”
 “Os peixes não vão se afogar no Dilúvio, seu **pateta!** Você terá de reunir os pássaros...” (COLEMAN, 2012, p. 33-34)

Observa-se que, além do fluxo narrativo bastante ativo, a seleção vocabular contribui para a aproximação da obra com o público juvenil. Nota-se também a presença de adjetivos já de cunho popular, como o termo “pateta”, que configura a imagem de um narrador cômico, que busca adesão de sua plateia. Esse adjetivo poderia ser substituído por “bobo”, mas perderia sua carga expressiva e seu viés humorístico.

Depois de aprontar a arca, Sem conta que toda a cidade foi se despedir deles, mas acabaram debochando da situação, pois não havia uma nuvem sequer no céu. Quando, de repente “... desembestou a chover...” (COLEMAN, 2012, p. 36). Então, os vizinhos pediram ajuda a Noé, mas ele não deixaria ninguém mais entrar, conforme se observa em: “... Papai não estava **disposto** a ajudar. ‘Fiquem tranquilos, depois da tempestade vem a bonança.’...” (COLEMAN, 2012, p. 37).

O termo grifado acima indica que a entrada de mais alguém na arca ficaria a cargo de Noé. O texto convencional, no entanto, apresenta que era Deus quem tinha o poder de decisão, tanto que ele mesmo fechou a arca: "... E os que entraram eram macho e fêmea de toda a carne, como Deus lhe tinha ordenado; e o **Senhor o fechou dentro...**" (*Gênesis* 7: 16).

Após os quarenta dias, a chuva constante parou. Sem narra que seu pai soltou um corvo e uma pomba para saber se já havia terra seca, mas eles voltaram no mesmo dia. Sete dias depois, soltou a pomba outra vez, e ela voltou com um ramo de oliveira, sinalizando que as águas já haviam baixado consideravelmente, a ponto de se conseguir encontrar seus galhos.

... Mais sete dias se passaram e papai soltou a pomba novamente. Mas dessa vez ela não voltou. Claro que a outra pomba ficou bem chateada, mas papai falou: "Ah, pare de choramingar! Logo você encontrará seu parceiro. Isso só pode significar que há terra firme em algum lugar por aí. A jornada está quase acabando". (COLEMAN, 2012, p. 37)

Finalmente, a saga da família de Noé chega ao fim e todos saem da arca.

... Bem alto, lá no céu, havia um arco-íris. Papai apontou para ele. "Olhem para aquilo", ele berrou. "Deve ser um sinal de Deus dizendo que estamos salvos. Temos de agradecê-lo!"

E adivinhe o que ele faz? Constrói um altar e escolhe alguns animais para sacrificar em nome de Deus. Mas então eu pergunto: o bicho é salvo do Dilúvio e sobrevive por cento e cinquenta dias num engradado flutuante para terminar como uma oferenda em chamas? (COLEMAN, 2012, p. 38)

Destaca-se, nesse trecho, mais uma vez, que a linguagem do narrador-personagem Sem assume uma postura jovial e desembaraçada, lançando mão de vocábulos e expressões que confirmam sua personalidade. A adaptação juvenil rompe a complexidade e a formalidade do texto bíblico, atraindo a atenção do leitor adolescente.

Os adjetivos expostos nessa adaptação constituem material fundamentalmente expressivo para a construção do *ethos* discursivo, já que, por meio da seleção lexical, é possível ao leitor assumir seu papel de interpretante e criar a imagem passada pelo enunciador. Percebe-se, portanto, o posicionamento do narrador em relação aos fatos pelo modo como qualificam seres e objetos, apresentando-se como sujeito descontraído, sem pretensão de dominar a verdade, mas de mostrar seu ponto de vista particular a respeito do evento diluviano.

A edição de THE ZONDERVAN CORPORATION desenvolve uma narrativa bastante próxima do texto clássico. O capítulo 3 do livro *A história* conta como se sucedeu a história de Noé.

O narrador relata que a humanidade havia cedido ao pecado e, por isso, a perversidade tomou conta dos corações.

... Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra e que era continuamente **mau** todo desígnio de seu coração. Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. E disse Iahweh: “Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e, com os homens, os animais, os répteis e as aves do céu – porque me arrependo de os ter feito.” Mas Noé **encontrou graça** aos olhos de Iahweh... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 22)

O primeiro termo destacado evidencia um posicionamento em relação às práticas da população. A expressão em negrito, por sua vez, apresenta o contraste entre a maldade observada e as atitudes de Noé. Logo, a declaração “encontrou graça” pode ser entendida como “ser agradável” aos olhos de Deus.

O narrador prossegue seu relato afirmando que, de todos os habitantes da Terra, Noé se destaca dos demais por não haver sucumbido ao pecado. O personagem é caracterizado como um “homem **justo e íntegro**” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 22) e, graças a isso, Deus o poupou do castigo que daria à Terra. Como estava triste, Deus se arrependeu de toda sua criação e decidiu eliminar essa geração contaminada pelo pecado. Pensou, entretanto, em salvar Noé e sua família, pois, mesmo em meio à maldade, permaneceram nos parâmetros divinos. Assim, Deus ordenou que Noé construísse uma arca para que abrigasse sua família e os animais durante o dilúvio.

... Deus disse a Noé: “Chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei desaparecer da terra. Faze uma arca de madeira resinosa; tu a farás de caniços e a calafetarás com betume por dentro e por fora. [...] Quanto a mim, vou enviar o dilúvio, as águas sobre a terra, para exterminar de debaixo do céu toda carne que tiver sopro de vida: tudo o que há na terra deve perecer. Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos. De tudo o que vive, de tudo o que é carne, farás entrar na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para os conservares em vida contigo... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 23)

O texto reforça ainda mais a qualidade de Noé, transmitindo a fala de Deus: “... Iahweh disse a Noé: ‘Entra na arca, tu e toda a tua família, porque és o **único** justo que vejo diante de mim no meio desta geração’...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 23). A escolha da palavra em destaque seguida de outro adjetivo expressa o caráter irrepreensível do personagem, buscando convencer o leitor do merecimento de sua salvação.

Atendendo à voz de Deus, Noé construiu a embarcação e armazenou farta quantidade de alimentos para sua família e para os animais que entrariam na arca. Depois de tudo pronto, iniciou-se a chuva: “... nesse dia jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu. A chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 23).

Após o período de chuva ininterrupta, os sobreviventes enfrentaram mais cento e dez dias até que as águas começassem a baixar, totalizando 150 dias de enchente. Ainda se esperou bastante tempo para que a terra secasse por completo, a fim de que pudessem sair da arca.

... Deus fez passar um vento sobre a terra e as águas baixaram. Fecharam-se as fontes do abismo e as comportas do céu: deteve-se a chuva do céu e as águas pouco a pouco se retiraram da terra; as águas baixaram ao cabo de 150 dias e, no sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês, a arca encalhou sobre os montes de Ararat. As águas continuaram escoando até o décimo mês e, no primeiro dia do décimo mês, apareceram os picos das montanhas.

Foi no ano 601 da vida de Noé, no primeiro mês, no primeiro dia do mês que as águas secaram sobre a terra.

Noé retirou a cobertura da arca; olhou, e eis que a superfície do solo estava **seca!** No segundo mês, no vigésimo dia do mês, a terra estava **seca...** (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 24)

O fragmento acima destaca a sequência temporal do dilúvio, evidenciando todo o tempo em que Noé e sua família ficaram embarcados junto dos animais. A edição analisada não menciona a ação de Noé de soltar o corvo e a pomba no intuito de descobrir a situação da Terra. O foco da narrativa consiste, pois, no fator cronológico.

Após a saída de Noé e familiares, bem como dos animais, o servo de Deus construiu um altar como forma de agradecimento. Deus, por sua vez, estabeleceu um sinal da aliança entre Ele e o homem, confirmando que nunca mais voltaria a castigar a Terra com semelhante desastre. Como se vê, o adjetivo “eterna” corrobora a ideia de que a promessa de Deus não terá fim: “... Quando o arco estiver na nuvem, eu o verei e me lembrarei da aliança **eterna** que há entre Deus e os seres vivos com toda carne que existe sobre a terra...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 24)

No capítulo analisado, poucos foram os adjetivos destacados, pois praticamente não aparecem no texto. Esse fato também gera a produção de um *ethos*, já que a opção pela não adjetivação marca a perspectiva de um narrador que busca certa isenção diante da história apresentada.

Configura-se, pois, para a edição adulta da adaptação bíblica, um narrador similar ao narrador da *Bíblia* tradicional, cuja qualificação de seres e objetos se presta à imparcialidade, sem mostrar a seu leitor sua identidade estética e seu posicionamento em relação ao acontecimento narrado. Presume-se, assim, que o *ethos* dessa narrativa se aproxima bastante da imagem do narrador convencional, distante de sua plateia.

4.3 A fuga do Egito: Moisés

Depois do Dilúvio, o mundo precisou ser reconstruído e a Terra foi povoada novamente: “... E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra...” (*Gênesis* 9: 1). Muitos anos se passaram e, com isso, grandes personagens bíblicos fizeram sua história.

Pela descendência de Noé, veio Abrão (que, mais tarde, passou a se chamar Abraão), que já não podia gerar filhos, mas recebeu uma promessa de Deus, confirmando que ele seria pai de uma grande nação. Sarai (esposa de Abrão, que passou a se chamar Sara) também já havia passado da idade para conceber e, por isso, entregou uma de suas escravas para que pudesse gerar o filho a Abrão; e assim nasceu Ismael. A palavra de Deus, contudo, era que o filho da promessa seria gerado por Sara, a verdadeira esposa de Abraão. E um verdadeiro milagre aconteceu:

... Disse Deus mais a Abraão: A Sarai tua mulher não chamarás mais pelo nome de Sarai, mas Sara será o seu nome.
Porque eu a hei de abençoar, e te darei dela um filho; e a abençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela.
Então caiu Abraão sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há de nascer um filho? E dará à luz Sara da idade de noventa anos?
E disse Abraão a Deus: Quem dera que viva Ismael diante de teu rosto!
E disse Deus: Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque, e com ele estaberecerei a minha aliança, por aliança perpétua para a sua descendência depois dele.
E quanto a Ismael, também te tenho ouvido; eis aqui o tenho abençoado, e fá-lo-ei frutificar, e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação... (*Gênesis* 17: 15-20)

Assim, Abraão gerou Isaque, que gerou a Jacó, e este passou a se chamar Israel. De Jacó, veio José, que foi vendido pelos próprios irmãos para servir de escravo no Egito. Graças ao seu dom de interpretar sonhos e à capacidade de administrar, José agradou ao Faraó, que o colocou na posição de governador.

A Terra, então, sofreu um grande período de fome. Como José havia interpretado no sonho de Faraó que esse dia chegaria, planejou que, de todo alimento, fosse guardada uma parte na dispensa, a fim de que o Egito não padecesse de fome. Nesse momento, a família de José, os filhos de Israel, veio ao Egito pedir suprimentos ao Faraó:

... E tendo toda a terra do Egito fome, clamou o povo a Faraó por pão; e Faraó disse a todos os egípcios: Ide a José; o que ele vos disser, fazei.
Havendo, pois, fome sobre toda a terra, abriu José tudo em que havia mantimento, e vendeu aos egípcios; porque a fome prevaleceu na terra do Egito.
E de todas as terras vinham ao Egito, para comprar de José; porquanto a fome prevaleceu em todas as terras... (*Gênesis* 41: 55-57)

Ao se reencontrarem, José convidou seus irmãos para morarem no Egito com ele e, assim, o povo de Israel começou a se expandir naquele lugar. Os filhos de José e os filhos de seus irmãos ali se multiplicaram, povoando a terra deles.

Veio, então, para o Egito um novo rei que não conhecia José. Ele percebeu que os filhos de Israel haviam crescido muito em número e configuravam uma ameaça ao seu povo, pois os israelitas eram mais fortes. Por isso, o novo Faraó ordenou que os egípcios os sobrecarregassem de trabalho a fim de evitar que se multiplicassem. A aflição dos egípcios para com os israelitas, porém, fazia com que eles aumentassem ainda mais. Desse modo, Faraó deu a seguinte ordem:

... E o rei do Egito falou às parteiras das hebréias (das quais o nome de uma era Sifrá, e o da outra Puá),
 E disse: Quando ajudardes a dar à luz às hebréias, e as virdes sobre os assentos, se for filho, matai-o; mas se for filha, então viva.
 As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes dissera, antes conservavam os meninos com vida.
 Então o rei do Egito chamou as parteiras e disse-lhes: Por que fizestes isto, deixando os meninos com vida?
 E as parteiras disseram a Faraó: É que as mulheres hebréias não são como as egípcias; porque são vivas, e já têm dado à luz antes que a parteira venha a elas.
 Portanto Deus fez bem às parteiras. E o povo se aumentou, e se fortaleceu muito.
 E aconteceu que, como as parteiras temeram a Deus, ele estabeleceu-lhes casas.
 Então ordenou Faraó a todo o seu povo, dizendo: A todos os filhos que nascerem lançareis no rio, mas a todas as filhas guardareis com vida... (*Êxodo* 1: 15-22)

E assim começa a história de Moisés. Um descendente dos filhos de Israel que teve a missão de libertar seu povo da escravidão de Faraó. Desde seu nascimento até sua morte, Moisés apresenta intimidade com Deus, que o usa para cumprir a sua vontade soberana.

As adaptações analisadas elaboram seus textos a respeito do personagem de formas variadas, mantendo a imagem dos narradores construída até o presente momento de leitura e cada qual estabelecendo um vínculo de interação diferente com seu público. Tendo em vista que a narrativa sobre a vida desse personagem é bastante extensa, a pesquisa privilegiou o momento de seu nascimento até a libertação dos israelitas.

Em *Bíblia para crianças* (ARAGÃO [20--]. p.70), a autora narra a trajetória do personagem em questão, dividindo cada momento de sua vida em títulos diferentes: “Os israelitas sofrem no Egito”, “O nascimento de Moisés”, “Moisés mata um egípcio”, “Deus fala com Moisés”, por exemplo. Em relação ao narrador, usa-se a terceira pessoa do singular e seu discurso se mantém próximo ao do narrador convencional do texto bíblico, destacando-se, porém, o uso de palavras e estruturas mais condizentes com a faixa etária dos leitores.

... O faraó percebeu que a população **israelita** crescia e tornava-se **forte** a cada dia, por isso ordenou às parteiras que jogassem no Rio Nilo todos os meninos que nascessem e só deixassem vivas as meninas.

Certa vez, um casal israelita teve um filho, e a mãe conseguiu escondê-lo por três meses em sua casa. Com medo de que matassem seu filho, ela decidiu colocá-lo em uma cesta e deixá-lo na beira do Rio Nilo... (ARAGÃO, [20--], p. 70)

O primeiro adjetivo em destaque faz referência à origem do povo. Ressalta-se, entretanto, que o termo “israelita” é apresentado na adaptação em capítulo anterior como “os descendentes de Jacó”. Desse modo, a presença da palavra no trecho acima não dificulta a leitura da criança.

O outro adjetivo destacado no trecho acima apresenta característica do ser ao qual se refere. O termo “forte” enfatiza uma qualidade do povo de Israel, que gerou o medo dos egípcios. Eram fortes demais e “... poderiam se tornar uma grande nação e em tempos de guerra poderiam prejudicar o povo do Egito...” (ARAGÃO, [20--], p. 68).

Para controlar o número de israelitas, o rei ordenou às parteiras que matassem todo o bebê do sexo masculino, mas elas não obedeceram e, por isso, “... o povo de Israel cresceu e tornou-se muito **forte e poderoso...**” (ARAGÃO, [20--], p. 69). Além de repetir o adjetivo “forte”, a narrativa destaca outra característica da população: o poder. Obviamente, trata-se de um poder não exercido, uma vez que o povo se encontrava em regime de escravidão, mas, a partir do momento em que alguém lhes mostrasse a possibilidade de reverter esse quadro, lutariam pela liberdade e, com certeza, obteriam vitória.

A adaptação expõe que, na época em que o rei mandou matar os meninos que nascessem, uma mãe decidiu proteger seu filho e o escondeu por três meses após o parto. Esse menino foi colocado num cesto e, deixado à beira do rio, a correnteza se encarregaria de dar um destino à criança. A irmã do menino, porém, vigiou o trajeto do cesto e viu quando foi encontrado pela filha de Faraó, que ali se banhava. A princesa se encantou pelo bebê e fez questão de adotar o menino, dando-lhe o nome de Moisés. A irmã do bebê se apresentou e disse que poderia buscar alguma mulher israelita para que amamentasse a criança: “... A princesa aceitou, e a irmã do menino chamou a própria mãe para cuidar dele. Quando já estava crescendo, a mãe o entregou à filha de faraó...” (ARAGÃO, [20--], p. 71).

Assim se inicia a história de Moisés, israelita criado no palácio, com os algozes de seu povo.

... Depois que Moisés foi entregue à princesa egípcia, ele cresceu e foi educado como um príncipe. Certo dia, Moisés foi visitar seu povo e viu como eles eram **maltratados**. Ele também viu um egípcio batendo em um israelita. Por causa disso, Moisés o matou... (ARAGÃO, [20--], p. 72)

O adjetivo em evidência apresenta uma ideia atenuada da situação dos israelitas. As condições de vida deles eram bastante precárias, mas o narrador sinaliza ao leitor infantil que eram “maltratados”, termo facilmente compreendido pelos pequenos e com carga semântica amenizada.

Após cometer esse assassinato, Moisés fugiu para uma terra chamada Midiã. Lá se casou e passou a cuidar do rebanho de seu sogro. Foi nesse lugar que ele teve uma experiência com Deus:

... Certo dia, quando levava o rebanho para o outro lado do deserto, ele foi até o Monte Sinai¹⁹. Lá, Moisés percebeu que havia um espinheiro pegando fogo, porém ele não se queimava. **Curioso**, Moisés aproximou-se para ver melhor e, de repente, uma voz o chamou:
- Moisés, Moisés! ... (ARAGÃO, [20--], p. 74)

O termo “curioso” sintetiza o que o texto convencional apresenta em “... E Moisés disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça²⁰ não se queima...” (*Êxodo* 3: 3). O uso do adjetivo destacado representa para o leitor a ideia de que um fenômeno como esse não poderia ser ignorado; por isso mesmo, Moisés se mostrou interessado em saber como aquilo estava acontecendo. Assim, percebeu que se tratava de uma obra de Deus, justamente para lhe chamar a atenção e dizer que ele fora escolhido para libertar o povo de Israel, porque era muito maltratado no Egito. Nesse momento, Deus prometeu a Moisés sua ajuda e proteção:

... Moisés, depois de ouvir o que Deus lhe pediu, voltou para o Egito com sua família. Deus também pediu que Arão, irmão de Moisés, o ajudasse a libertar o povo do Egito. Os irmãos, então, foram falar com o faraó e pedir-lhe que libertasse o povo israelita... (ARAGÃO, [20--], p. 77)

O pedido deles, porém, foi recusado e os israelitas ainda tiveram seus trabalhos dobrados.

A narrativa infantil segue, mostrando que os irmãos não desistiram de seu pedido e deram provas ao Faraó de que Deus estava, realmente, solicitando que seu povo fosse liberto. “... A Bíblia mostra um rei cujo coração foi endurecido por Deus, pois Ele queria demonstrar seus prodígios: “... Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas...” (*Êxodo* 7: 3). Assim, uma das primeiras demonstrações divinas foi a transformação do bastão de Moisés em uma cobra. “... Mesmo assim, o rei, muito **teimoso**, não libertou os israelitas...” (ARAGÃO, [20--], p. 77). O adjetivo

¹⁹ Na adaptação, consta que o lugar em que Deus falou a Moisés foi no Monte Sinai. Entretanto, o texto bíblico afirma ter sido em Horebe. Alguns estudiosos afirmam que Horebe era uma cadeia de montanhas, sendo o Sinai uma delas.

²⁰ Na Bíblia, usa-se o termo sarça. A adaptação prefere a palavra “espinheiro” pois facilita o entendimento da criança.

em destaque faz parte do vocabulário da criança, colaborando para a produção de sentido, evitando a expressão “coração endurecido”, que necessitaria de maiores explicações.

A partir da teimosia do rei, foram enviadas dez pragas ao Egito a fim de que o Faraó se convencesse do poder de Deus e libertasse o povo de Israel, mas ele resistia a cada uma delas. A última, porém, o consternou gravemente.

... Disse mais Moisés: Assim o Senhor tem dito: À meia-noite eu sairei pelo meio do Egito; e todo o **primogênito** na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que haveria de assentar-se sobre o seu trono, até ao primogênito da serva que está detrás da mó, e todo o primogênito dos animais.

E haverá grande clamor em toda a terra do Egito, como nunca houve semelhante e nunca haverá; mas entre todos os filhos de Israel nem mesmo um cão moverá a sua língua, desde os homens até aos animais, para que saibais que o Senhor fez diferença entre os egípcios e os israelitas... (*Êxodo* 12: 4-7)

No texto da adaptação infantil, o narrador apresenta a décima praga da seguinte forma:

... O rei fingiu várias vezes que liberaria o povo, mas assim que as pragas passavam ele desistia. Então, a 10ª praga foi anunciada: a morte dos filhos **mais velhos** de todos os egípcios. Para que os filhos dos israelitas não morressem, Deus pediu que eles marcassem as portas com sangue de animal.

À meia-noite, todos os filhos **primogênitos** dos egípcios morreram... (ARAGÃO, [20--], p. 82)

A alternativa criada pela adaptação demonstra, mais uma vez, a preocupação com o público leitor. Levando em conta que o adjetivo “primogênito” ainda não faz parte do vocabulário das crianças, a narrativa apresenta, em primeiro lugar, a praga da morte dos “filhos **mais velhos**” e, ao retomar a questão da morte, apresenta o novo termo, “primogênitos”, relacionando a sinonímia existente entre as duas formas de expressão.

A história prossegue com a fúria de Faraó, que, finalmente, livrou os israelitas da escravidão, antes que todos os egípcios morressem. O povo de Israel, então, caminhou pelo deserto, feliz e livre. A comemoração da liberdade se deu com uma grande festa, chamada de Páscoa.

A saga dos israelitas, contudo, ainda não havia chegado ao fim. O rei se arrependeu e mandou que seus soldados trouxessem o povo de volta. Os israelitas entraram em desespero, mas Moisés afirmou que Deus estava no controle e que deviam obedecer a Suas ordens:

... Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos, e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais os tornareis a ver.

O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis.

Então disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem.

E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco... (*Êxodo* 14: 13-17)

A adaptação conta, de modo mais inteligível às crianças, a sucessão dos fatos:

... O exército do rei preparou-se com carros **de guerra** e seguiu em busca do povo de Israel. A pedido de Deus, os israelitas marcharam durante a noite inteira e, quando chegaram ao Mar Vermelho, perceberam que os soldados estavam se aproximando. Por isso, Moisés levantou seu bastão e o estendeu sobre o mar. As águas dividiram-se em duas partes e os israelitas puderam atravessar o mar com segurança... (ARAGÃO, [20--], p. 87)

O destaque do trecho acima se deve ao uso da expressão “de guerra” em lugar de uma palavra única, o adjetivo “bélico”. Considera-se, pois, mais uma vez a produção de sentido autônoma por parte das crianças: ao ler “carros de guerra”, é possível compreendê-la, ao passo que com o uso de “bélico”, a leitura seria interrompida para buscar o significado da palavra.

Por fim, os israelitas estavam livres das mãos de Faraó, conforme se narra em:

... Depois que todos atravessaram, o mar fechou-se novamente e os soldados não conseguiram capturar os israelitas. O povo ficou agradecido a Deus, pois Ele cumpriu a promessa de tirá-los do Egito... (ARAGÃO, [20--], p. 87)

Tanto as passagens destacadas quanto os comentários a partir de cada uma delas demonstram que a adaptação infantil mantém a figura de um narrador observador como um contador de histórias para crianças. A dinâmica da narrativa colabora para garantir a atenção das crianças. Além disso, o vocabulário utilizado permite o entendimento de cada história.

Especificamente em relação à seleção dos adjetivos, notou-se a presença de palavras comuns, que não evidenciam a personalidade do narrador, pois não marcam o **seu** ponto de vista. Demonstra-se, assim, o apego ao texto tradicional e o cuidado em não deturpar a obra, o que permite ao leitor a criação de uma imagem de narrador que simplifica o texto tradicional, ensinando as histórias bíblicas às crianças. Desse modo, o *ethos* do narrador é uma entidade distante de seu público, mas que se preocupa com o seu entendimento.

A adaptação juvenil, de Michel Coleman (2012), por sua vez, apresenta a história de Moisés de um modo bastante expressivo e dinâmico, com o tom informal já citado nas análises de Adão e Noé.

... Esta é uma história **muito triste**. Um grupo de pessoas sai de seu lugar de nascimento e se estabelece em outra região. Elas começam a prosperar, mas, quanto mais elas prosperam, menos as pessoas que já estavam lá antes gostam delas. (Leia os jornais – isso segue acontecendo até hoje.)... (COLEMAN, 2012, p. 78)

O narrador qualifica a história como triste, enfatizando o sofrimento do povo de Israel, pois “... um faraó os viu como ameaça e decidiu lhes dar uma canseira...” (COLEMAN, 2012, p. 78). Para contar tudo o que sucedeu, o narrador transporta o leitor a um ambiente de programa de televisão, no qual Moisés é entrevistado, abrindo uma série de diálogos.

... **Apresentador:** Moisés, esta é a sua vida. Você nasceu no Egito, correto?

Moisés: Sim.

Apresentador: E em um momento **não muito bom** para nascer, né?

Moisés: É.

Apresentador: O faraó havia acabado de decretar que todos os meninos com menos de um ano de idade deveria ser mortos. Mas você escapou.

Moisés: Sim... (COLEMAN, 2012, p. 79)

A expressão sublinhada configura um recurso eufemístico para caracterizar a época em que Moisés nasceu. O rei estava preocupado com o crescimento do povo de Israel e, na tentativa de controlar a taxa de natalidade deles, mandou matar os meninos, o que comprometeria o futuro da descendência israelita.

Para contar melhor a história do grande líder Moisés, o apresentador do programa convidou as mães de Moisés: a biológica e a adotiva.

... **Apresentador:** Contem-nos o que aconteceu tantos anos atrás.

1ª mãe: Moisés era o meu bebê. Mas eu sabia que ele estava em perigo com aquele **maldito** faraó...

2ª mãe: Ei, é do meu pai que você está falando!

1ª mãe: Enfim, para manter Moisés afastado das garras do faraó, eu o coloquei em um cesto e o fiz descer o rio Nilo.

Apresentador: Ou bóia ou afunda, né? Rá, rá. E então você o encontrou, filha do faraó?

2ª mãe: Sim, encontrei. Eu pensei: “oh, ele é tão **pequenino**, vou criá-lo como se fosse meu próprio filho”.

Apresentador: Mas você foi buscar alguém para ajudá-la, não é mesmo?

2ª mãe: Bem, sim. Eu não era **muito chegada** em fraldas e em todas aquelas coisinhas **fedorentas**. Então arrumei uma mulher que tinha acabado de perder um filho para me ajudar... (COLEMAN, 2012, p. 80)

As falas das personagens realçam o texto dessa adaptação, destacando-se pelos termos coloquiais que fazem parte da rotina linguística dos adolescentes. Os adjetivos sublinhados contribuem para a formação de um *ethos* de narrador informal, que, mesmo em diálogos de personagens de um período tão distante, imprime sua personalidade ao texto bíblico.

A anteposição do adjetivo em “maldito faraó” atribui à característica citada um valor subjetivo, expressando não apenas o fato de ser alguém perverso, mas também o sentimento negativo que suscitava nas pessoas, entre as quais o narrador se inclui.

Na fala da filha de Faraó, a mãe adotiva, o diminutivo no termo “pequenino” exprime a relação de afeto entre ela e o bebê encontrado. Ainda com essa mãe, é possível encontrar a expressão coloquial “não ser chegada a”, compreendido tanto como “não ser apto a executar determinada tarefa”, quanto “não gostar de praticar tal atividade”. Assim, entende-se que a própria personagem se define como inábil para trocar fraldas, além de assumir que esse momento lhe era custoso. Tal postura se confirma pelo adjetivo usado ao se referir ao universo do bebê, como em “coisinhas **fedorentas**”, uma vez que afirma um posicionamento

negativo diante dos elementos que rodeavam a criança. Ainda assim, a filha de Faraó se responsabilizou pela criança.

Ao fim da entrevista com as mães, o apresentador retoma a palavra para prosseguir com os relatos sobre a vida de Moisés. Nesse momento, se toca no assunto do crime que ele cometeu: a morte de um egípcio.

... **Apresentador:** Enfim, Moisés. Você cresceu e ficou **grande** e **forte**. Um camarada **bonitão cheio de músculos**. Um tipo **forçudo** e **caladão**.

Voz: É ele! Ele se encaixa na descrição!

Apresentador: Ele está te procurando há mais de cem anos. Pode entrar, inspetor Ahab da polícia egípcia.

O inspetor Ahab entra rapidamente, parecendo decidido...

A caracterização feita pelo apresentador do programa auxilia na construção de uma imagem para a personagem de Moisés, reforçando a ideia de que ele seria um grande líder justamente por esses atributos. Cria-se a imagem de um homem alto e musculoso, como sugere a expressão “cheio de músculos”, destacando seus aspectos físicos. O adjetivo “caladão” imprime o conceito de um homem sério e controlado, mas, de acordo com o texto bíblico, descobre-se o real motivo das poucas palavras de Moisés.

... Falou o Senhor a Moisés, dizendo: Eu sou o Senhor; fala a Faraó, rei do Egito, tudo quanto eu te digo.

Então disse Moisés perante o Senhor: Eis que eu sou **incircunciso de lábios**; como, pois, Faraó me ouvirá?... (Êxodo 6: 29-30)

A passagem revela que Moisés não era dotado de uma boa oratória; alguns pastores afirmam que era gago, outros dizem que seu linguajar não era polido. Como um meio de não confirmar nenhuma dessas hipóteses, o narrador apresenta Moisés como um homem calado, informação suficiente para o público entender por que Arão era seu porta-voz.

... **Apresentador:** Agora, Moisés, me diga: quando você estava no topo do monte, você disse a Deus que era um homem de poucas palavras, certo?

Moisés: Hã... sim.

Apresentador: Então ele mandou alguém junto com você para o Egito para ser o seu porta-voz?

Voz: É isso aí. Era eu, tipo, você sabe. Eu, eu mesmo.

Apresentador: Pode entrar, Arão. O seu irmão!

Arão entra em cena...

A narrativa prossegue trazendo o diálogo bastante informal dos personagens bíblicos com o apresentador de programa fictício, contando como eles solicitaram ao Faraó a libertação dos israelitas e as várias recusas do rei. “E como era **teimoso** esse faraó!” (COLEMAN, 2012, p. 83). A cada recusa, uma praga era enviada ao Egito, totalizando dez no final da história. Assim como se viu na adaptação infantil, um atributo do rei era a teimosia. O Faraó não admitia que o povo israelita deixasse de trabalhar para ele para servir a um Deus a quem não conhecia.

A praga responsável por mudar o pensamento do rei egípcio dava fim à vida de “... toda criatura primogênita – incluindo as crianças...” (COLEMAN, 2012, p. 84). Assim, o filho do Faraó, sucessor de seu reinado, também foi morto. Apenas os israelitas foram poupados, pois receberam a orientação de Deus de que deveriam marcar as portas de suas casas com sangue de um cordeiro. Com isso, o Faraó se enfureceu e expulsou o povo de Israel do Egito, mandando que Moisés os levasse para bem longe. Passado algum tempo, o rei mudou de ideia e ordenou que seus soldados os fossem buscar de volta.

No mesmo programa de televisão, um soldado do Faraó entra em cena para explicar como os israelitas conseguiram escapar da perseguição do rei.

... **Apresentador:** Então, o que aconteceu exatamente?

Soldado: Veja bem, doutor, meu despertador não tocou. Por isso eu saí bem depois. Então, quando a gente estava começando a chegar perto dos **fugitivos**, eu ainda estava bem atrás dos outros. O que foi uma boa, por causa do que aconteceu depois! Quando eu estava chegando mais perto, vi que o Moisés estava enfiando seu cajado na água. Daí: pá! Do nada bateu uma **baita** ventania e o mar se abriu ao meio! Quando eu vi, os israelitas estavam todos atravessando o leito do mar! A pé! Eles chegaram do outro lado rapidinho. Daí eu vi que as nossas tropas foram correndo atrás deles por ali mesmo. E o que acontece? O vento para. O mar não está mais repartido no meio. E aí tudo o que eu posso fazer é ficar parado na margem vendo os caras levarem um caldo! Foi aí que eu pensei: deixa esses caras irem embora, Abkar, o Deus deles é **poderoso demais**. Daí eu saí fora... (COLEMAN, 2012, p. 86)

De maneira informal, conforme demonstrado, foi relatado na adaptação juvenil o grande feito de Moisés: libertar os israelitas dos egípcios. O narrador cria um soldado participante da perseguição ao povo e lhe passa a palavra. A primeira palavra destacada na passagem acima revela a posição do militar diante dos fatos: Abkar²¹ era um dos soldados que o rei havia mandado em busca do povo. O termo usado na fala desse personagem demonstra que ele acreditava se tratar de “fugitivos”, em vez de escravos recém- libertos, palavra bastante usada no âmbito militar. A seguir, aparece destacado o adjetivo “baita”, que expressa a intensidade da ventania referida. O narrador preferiu colocar na boca do soldado a palavra em questão no lugar de “grande” ou “enorme”, uma vez que são adjetivos bastante corriqueiros, que já perderam boa parte de sua carga expressiva. Por último, o soldado se convenceu de que os israelitas deviam ir para bem longe, pois o Deus a quem serviam faria de tudo para libertá-los. Diante de um mar dividido ao meio, constatou que Ele era “poderoso demais”. O intensificador “demais” consagra a linguagem informal do discurso de Abkar, que enfatiza toda a força de Deus.

Conforme se destacou, na adaptação juvenil, Coleman (2012) cria estratégias diferentes para contar as histórias selecionadas. Em relação à de Moisés, o narrador passou o

³ No texto bíblico, não há referências a soldado algum, ou qualquer outro personagem com o nome de Abkar. Foi criado para o texto dessa adaptação.

discurso para as personagens, que travam um diálogo, relembando os momentos com o líder do povo de Israel.

O *ethos* do narrador se configura graças à ausência de compromisso com a estética do texto bíblico tradicional. Sua imagem está atrelada à informalidade de seu discurso, que apresenta os fatos históricos, mas com acréscimos no enredo com finalidade puramente estilística, sem compromisso com a verdade apresentada pela *Bíblia*. A trama inventada permite maior interação com o público leitor, que passa a conhecer os grandes ícones religiosos. Para não deixar o público-alvo como desconhecedor do texto original, as referências de cada passagem bíblica trazida constam ao longo do livro.

Em relação ao público adulto, na adaptação *A história* (2009), o narrador prossegue seu discurso após a morte de José.

... José morreu, assim como seus irmãos e toda aquela geração. Os israelitas foram **fecundos** e se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais **numerosos** e **poderosos**, a tal ponto que o país ficou **repleto** deles... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 59)

O fragmento acima revela a proporção do crescimento do povo de Israel no Egito, razão pela qual o Faraó começou a temer pelo futuro de sua nação. Os adjetivos usados no texto apresentam ao leitor as características dos israelitas. A primeira palavra em destaque representa a qualidade de alta reprodução entre os indivíduos, termo esse reconhecido pelo público adulto, mas dificilmente entendido pelas crianças. Graças à elevada fertilidade dos israelitas, seu povo se tornou numeroso e, conseqüentemente, mais poderoso que os egípcios, uma vez que estavam em vantagem em relação ao contingente populacional.

A narrativa prossegue com a chegada do novo Faraó e a ordem para que aumentassem a carga de trabalho dos israelitas, pois, com a ocupação, seu crescimento seria refreado, evitando que os egípcios ganhassem um exército inimigo tão poderoso quanto o de Israel, em caso de guerra.

... Mas, quanto mais eram **oprimidos**, tanto mais se multiplicavam e cresciam, o que fez o Faraó temer os israelitas. Os egípcios obrigavam os israelitas ao trabalho e tornavam-lhe **amarga** a vida com **duros** trabalhos: a preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos e toda espécie de atividades aos quais os obrigavam... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 59)

O primeiro adjetivo do trecho acima demonstra a visão do narrador a respeito dos fatos contados. A palavra “oprimido” carrega em si um sentimento negativo, revelando o sofrimento que acometia os israelitas. Como sinônimos para essa palavra, encontram-se “perturbado”, “preocupado”, “ansioso”, “agoniado”, “angustiado”, das quais os dois últimos

se aproximam do sentido que o narrador deseja expressar. Para ele, o povo foi submetido a um regime de escravidão tão severo, que viviam atormentados com essa situação.

A severidade do trabalho é percebida no adjetivo que qualifica a vida dos israelitas: “amarga”. Em geral, essa palavra expressa relação gustativa e costuma vir posposta ao substantivo. No trecho analisado, porém, apresenta valor subjetivo, uma vez que se antepõe ao seu determinado: “a vida”. A mesma subjetividade se encontra em “duros trabalhos”, enfatizando que não se tratava apenas de um trabalho manual pesado, mas de tarefas que geravam sofrimento. A característica dada à vida dos israelitas abrange, portanto, a sua rotina de trabalho exaustivo, sem dar-lhes descanso ou momentos de lazer.

Na sequência dos fatos, *A história* (2009) relata a ordem de Faraó para matar todos meninos abaixo de dois anos de idade. Uma mãe israelita, contudo, conseguiu esconder seu bebê por três meses, até que precisou tirá-lo de casa. Com a ajuda de sua filha, colocou a criança em um cesto de papiro e deixou-o à beira do rio. A filha de Faraó viu o cesto entre os juncos e, ao abrir, se comoveu vendo o bebê e decidiu adotá-lo. No trecho a seguir, o narrador apresenta a filha de Faraó com uma personalidade oposta à de seu pai: alguém generoso, que se compadece ao ver o sofrimento de outros.

... Abrindo-o, viu a criança: era um menino que chorava. **Compadecida**, disse: “É uma criança dos hebreus!” Então a irmã do menino disse à filha do Faraó: “Queres que eu vá e te chame uma mulher dos hebreus que possa criar esta criança?” A filha do Faraó respondeu: “Vai!” Partiu, pois, a moça e chamou a mãe da criança. A filha do Faraó lhe disse: “Leva esta criança e cria-a e eu te darei a tua paga.” A mulher recebeu a criança e a criou. Quando o menino cresceu, ela o entregou à filha do Faraó, que o adotou e lhe pôs o nome de Moisés, dizendo: “Eu o tirei das águas.”... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 60)

O narrador inicia, então, seus relatos sobre os feitos de Moisés adulto, caracterizado pelo adjetivo “crescido”, conforme se vê abaixo:

... Naqueles dias, Moisés, já **crescido**, saiu para ver os seus irmãos e viu as tarefas que pesavam sobre eles; viu também um egípcio que feria um dos seus irmãos hebreus. E, como olhasse para uma e outra parte e visse que ninguém estava ali, matou o egípcio e o escondeu na areia. No dia seguinte voltou no momento em que dois hebreus estavam brigando e disse ao agressor: “Por que feres o teu próximo?” E ele respondeu: “Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz? Acaso queres matar-me como mataste ontem o egípcio?” Moisés teve medo e disse: “O fato já é conhecido!” O Faraó, tendo notícia do caso, procurava matar Moisés. Mas este, fugindo da sua vista, retirou-se para a terra de Madiã e sentou-se junto a um poço... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 60)

De modo resumido, o narrador expõe que nessa terra Moisés formou sua família, com quem se refugiou até a morte do rei do Egito. O povo israelita, porém, ainda sofria em dura escravidão e clamava por socorro, até que Deus se manifestou a Moisés, revelando que por intermédio dele os israelitas seriam libertos.

... O Anjo de Iahweh lhe apareceu numa chama de fogo, do meio da sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. Então disse Moisés: “Darei uma volta e verei este fenômeno estranho; verei por que a sarça não se consome.” Viu Iahweh que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: “Moisés, Moisés!” Este respondeu: “Eis-me aqui.” Ele disse: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra **santa**.”... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 61)

A qualificação da terra em que Moisés estava não se devia ao terreno em si, mas ao fato da presença de Deus estar naquele lugar, razão para o fenômeno sobrenatural da sarça arder em fogo, mas não se consumir.

Deus, então, revelou a Moisés que viu o sofrimento de seu povo e decidiu levá-lo para uma terra própria, longe da opressão dos egípcios, “... para uma terra **boa e vasta**, terra que mana leite e mel...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 61). Os dois adjetivos indicam as novas condições de vida que teriam os israelitas: uma terra boa, na qual sua plantação resistisse e desse bons frutos; além de vasta, espaçosa, comportando bem aquele contingente tão numeroso.

Moisés, porém, temeu diante do fato de falar a todo o povo de Israel e confessou a Deus: “... “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem nem de anteontem, nem depois que falaste a teu servo; pois tenho a **boca pesada**, e **pesada a língua**.”...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 62). A mesma palavra adjetiva dois substantivos diferentes – “boca” e “língua” –, contribuindo para a argumentação da personagem em relação à sua má oratória. No texto tradicional, as palavras de Moisés são as seguintes: “... Eis que eu sou **incircunciso de lábios**; como, pois, Faraó me ouvirá?...” (*Êxodo* 6: 30). Em ambos os textos, não se pode definir com exatidão a que se refere Moisés em relação à sua fala. Como exposto anteriormente, alguns eclesiásticos afirmam se tratar de uma gagueira, enquanto outros asseguram que Moisés era rude ao falar. Levando em conta o fato de se tratar de um público leitor adulto, as expressões em destaque não apresentam dificuldade de entendimento, sendo qualquer uma delas alcançada por aquele ao longo da leitura. A dificuldade da expressão oral justifica, assim, a necessidade de um porta-voz: Aarão.

... Moisés e Aarão não foram **bem-sucedidos** na sua primeira audiência com o Faraó. Ele não só recusou o pedido de ambos para que os israelitas pudessem realizar um festival para Deus no deserto como também tornou o trabalho **escravo** ainda mais **pesado**. Sem reduzir a produção de tijolos, os israelitas teriam que encontrar, por conta própria, a palha a ser misturada à argila... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 63)

O primeiro adjetivo destacado acima afirma que Moisés e Aarão não obtiveram êxito ao tentar convencer o Faraó a liberar o povo israelita para cultuar a Deus. O termo é

facilmente entendido por adolescentes e adultos, mas não necessariamente pelos pequenos leitores. A seleção de “bem-sucedido” mostra que, aos olhos do narrador, essa tentativa foi a primeira ação de uma expedição, da qual se espera o sucesso. Muitos encontros com o Faraó aconteceram no intuito de libertar o povo da escravidão, mas o trabalho só se agravava, como expressam os outros adjetivos em destaque.

A história segue com as dez pragas lançadas sobre o Egito a cada vez que o líder de Israel se encontrava com o rei. Uma vez que as nove pragas anteriores não convenceram o Faraó a livrar o povo, Deus, então, anunciou a décima, a qual daria fim à escravidão: a morte dos primogênitos. Para que os israelitas não sofressem com essa perda, Deus instituiu que cada casa israelita deveria imolar um cordeiro “... **macho, sem defeito e de um ano...**” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 67). O sangue do animal seria espargido nos arcos das portas como um sinal de que ali não deveria passar o anjo da morte. Cada termo destacado no trecho acima apresenta uma característica do cordeiro, classificando-se, pois, como adjetivo, ressaltando que, no conjunto, os três deveriam apresentar o melhor sacrifício, a melhor oferenda para Deus.

... O Faraó levantou-se de noite, com todos os seus servos e todo o Egito; e houve um **grande clamor** no Egito, pois não havia casa onde não houvesse um morto. O Faraó, chamando Moisés e Aarão, naquela mesma noite, disse: “Levantai-vos e saí do meio do meu povo, vós e os israelitas; ide, servi a Iahweh, como tendes dito. Levai também vossos rebanhos e vosso gado, como pedistes, parti e abençoai a mim também.”... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 69)

Nessa adaptação, não se menciona a fúria do Faraó, apenas se ressalta a consternação dos egípcios, que levantaram “grande clamor” diante dos mortos de seu povo, bem como externaram o medo de que todos fossem exterminados. Por essa razão, o Faraó, finalmente, libertou os israelitas após quatrocentos e trinta anos (430) de servidão ao Egito (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 69). Logo depois de tomar a decisão, mudou de ideia e resolveu voltar a perseguir o povo de Israel. Tudo, porém, fazia parte de um plano de Deus: “... E eu endurecerei o coração do Faraó, e ele os perseguirá, e serei **glorificado** no Faraó e em todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou Iahweh...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 69). O adjetivo usado pelo narrador declara que Deus desejava ter seu nome engrandecido, recebendo as glórias pelos feitos maravilhosos.

Assim, o povo de Israel se deparou com o Mar Vermelho à sua frente e com os egípcios à sua retaguarda. Moisés, portanto, seguindo as orientações de Deus, estendeu seu cajado e sua mão sobre o mar e este se repartiu:

... Então Moisés estendeu a mão sobre o mar. E Iahweh, por um **forte** vento oriental que soprou toda aquela noite, fez o mar se retirar. Este se tornou terra **seca**, e as águas foram **divididas**. Os israelitas entraram pelo meio do mar em seco; e as águas formaram como um muro à sua direita e à sua esquerda... (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 70)

Com essa narração, tem-se a perspectiva de que a travessia não ocorreu tão rapidamente, como outras versões podem sugerir; ao contrário, durou “toda aquela noite”. Além disso, o narrador destaca que a divisão de águas se deu não pelo poder de Moisés, mas pela sua fé: ao crer em Deus e obedecer à ordem de estender sua mão, Deus soprou um vento bastante forte, capaz de abrir caminho no meio do mar.

Os adjetivos destacados no trecho acima reforçam a qualidade da obra de Deus. Ele não apenas dividiu as águas, mas deixou a terra seca, afastando os perigos que um solo úmido poderia causar ao grande grupo, evitando atrasos devido a quedas, por exemplo.

Ao fim desse episódio, o narrador afirma que “... esta fuga **inesquecível** revelou aos israelitas que Deus estava de fato zelando por eles...” (ZONDERVAN CORPORATION, 2009, p. 71). O adjetivo reitera o posicionamento concordante do narrador diante do milagre ocorrido.

Percebe-se, com base nas passagens destacadas, a construção de uma imagem de narrador próximo ao texto bíblico padrão, sem muitos adornos, mas imprimindo sua perspectiva diante dos fatos narrados. A seleção dos adjetivos coopera para a manutenção de um discurso menos incisivo do que o original, revelando, porém, sua personalidade discursiva, além de sustentar a interação com seu público-alvo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve por finalidade apresentar a *Bíblia* como clássico, uma vez que comporta o registro da criação da humanidade e a construção das civilizações, além das histórias de homens corajosos que muito fizeram por amor ao seu Deus. A leitura do texto bíblico não implica, necessariamente, um posicionamento religioso, podendo ser apreciado, portanto, por sua estética. Oliveira (2007, p. 16) ressalta que “... em muitos lares, o único livro existente era (é) a *Bíblia Sagrada*...” e, em dado momento, as famílias se reuniam para deleitar-se em sua leitura. Não se pode negar o valor da *Bíblia*, uma vez que, “... sendo palavra de Deus, é também literatura, poesia, história e narrativa...” (OLIVEIRA, 2007, p. 42). Em função disso, o texto bíblico interage, sob olhares distintos, com seus leitores, rompendo as barreiras temporais, renovando seu próprio discurso dentro dos diferentes contextos de leitura, qualificando-se, pois, como um verdadeiro clássico.

No decorrer da dissertação, enfatizou-se a necessidade de mudanças da linguagem dos textos considerados clássicos, levando em conta os diferentes públicos leitores, a partir da experiência linguística e vivência cultural de cada um deles. Desse modo, defendeu-se a adaptação dos clássicos literários como reconto das obras originais, possibilitando maior e melhor interação do leitor com o texto, atuando como uma ponte que conduz o indivíduo ao clássico.

Assim, reitera-se que a adaptação faz parte do processo de aproximação, capaz de conduzir ao posterior interesse e envolvimento do leitor com o texto original; a obra adaptada é, portanto, a porta de entrada para um leitor ainda incipiente. Por essa razão, a preocupação com o público de destino de uma determinada obra se torna um item norteador na elaboração do texto adaptado. No prefácio do livro de Feijó (2010, p.8), Machado afirma que adaptar é “traduzir numa forma mais simples um belo enredo de personagens atraentes”. A tradução em questão se dá pelo ato de recontar a história, enfatizando alguns pontos e omitindo outros.

Recontar numa linguagem coloquial uma bela história. Claro que reduz, claro que simplifica. Mas, se toda tradução é um pouco traição, o adaptador trai um pouco o autor, “facilitando” sua obra para um leitor ainda com poucos recursos. Por outro lado, põe ao alcance do jovem uma história maravilhosa antes inacessível.

No presente estudo, o primeiro capítulo expôs a história da tradução da *Bíblia* para outras línguas, bem como demonstrou a necessidade de reconstrução e atualização da linguagem do texto original em razão dos leitores de diferentes épocas. Discutiu-se, em seguida, a relevância de obras adaptadas como mediadoras entre leitor e clássico, ponto em

que se apresentou o conceito de **estilo** sob a ótica de diferentes estudiosos, considerando que cada obra adaptada passa a ser uma nova, pois seu autor apresenta nova perspectiva a partir do texto-fonte.

No segundo capítulo, a pesquisa deu destaque à seleção lexical como construtora de um perfil de enunciador. Para tanto, considerou-se o valor dos adjetivos e seus diferentes aspectos, tanto do ponto de vista gramatical quanto do estilístico, ressaltando que a escolha do item lexical da classe em questão expõe o posicionamento do enunciador, revelando sua opinião a respeito do ser ou objeto de que se fala. Assim, nas narrativas, a presença do adjetivo contribui para a criação de uma imagem específica para cada narrador, ou seja, o seu *ethos*.

O terceiro capítulo, então, apresentou o conceito de *ethos* discursivo a partir da visão de Aristóteles, culminando nos estudos linguísticos atuais. Considerou-se, para este trabalho, a noção de *ethos* discursivo como a imagem de enunciador formada a partir das escolhas linguísticas por ele efetuadas nas adaptações analisadas, voltadas para o público infantil, o jovem e o adulto.

A partir dos tópicos expostos, o quarto capítulo constitui-se das análises do adjetivo como construtor dos diferentes *ethé* discursivos nas adaptações bíblicas, apresentando-se como uma possível leitura de imagem do narrador construída a partir do uso da classe gramatical estudada, levando em conta os diferentes leitores a que se destinam as obras.

Como se viu no texto de Aragão ([20--]), autora da adaptação infantil, a obra atende à demanda do público. A linguagem simples aliada ao dinamismo da narrativa permite que a criança estabeleça as relações de sentido entre os termos empregados. Apesar de não constituírem o foco da pesquisa, a presença de frases curtas merece destaque, uma vez que, para crianças recém-alfabetizadas, os períodos curtos são melhor compreendidos, ao contrário daqueles bastante extensos da Bíblia tradicional – períodos que ainda se fragmentam em versículos, exigindo maiores esforços na atribuição de sentidos. Cabe destacar também o emprego do hipérbato e dos diferentes sinais de pontuação como elementos que dificultam a fluência da leitura das crianças.

O texto de Coleman (2012), autor da adaptação juvenil, permite que o adolescente estabeleça as devidas relações de sentido entre os termos usados, aliando linguagem simples ao dinamismo da narrativa, no decorrer da qual o autor faz uso de vários gêneros textuais. Além disso, as ilustrações presentes contribuem para a expressividade da obra, fonte para um novo estudo.

No que diz respeito à adaptação adulta, de The Zondervan Corporation (2009), esta apresenta um discurso mais polido, contrastando com a adaptação para jovens, e mais próximo do texto convencional da *Bíblia*. A narração se constrói sempre em terceira pessoa do singular, buscando a imparcialidade do narrador diante dos fatos.

A análise das diferentes adaptações permite afirmar que as narrativas conquistam seu público leitor específico, cada uma com seu *ethos* discursivo adequado ao propósito estabelecido. Tem-se, pois, que, para as crianças, um narrador observador que conta algumas das histórias bíblicas, considerando a experiência de mundo, bem como sua bagagem linguística e cultural do público, que toma conhecimento dos acontecimentos históricos e religiosos por meio de breves contos narrados. Para os adolescentes, uma narração constituída por elementos cômicos, oferecendo um texto claro e leve, sem perder sua riqueza linguística. O estilo adotado na obra se deve à intenção de atrair os adolescentes ao texto original, sendo necessário passar, antes, pela adaptação. Para os adultos, uma narrativa consistente, com um narrador prolixo, atento aos mínimos detalhes que compõem a história, cujo distanciamento em relação ao leitor mantém a imagem do narrador tradicional, preocupado apenas com os fatos.

Conclui-se, pois, que as adaptações alcançam o objetivo de manter vivo o texto bíblico e permitem à sociedade a atualização do discurso por ele veiculado. Segundo Feijó (2010, p.43),

... poderemos pensar a adaptação como um procedimento habitual e inerente à **renovação** da tradição literária, como perpetuação e divulgação dos cânones. Juridicamente, são as chamadas obras derivadas. (grifo meu)

A obra, portanto, deve estar aberta às boas adaptações, aquelas capazes de despertar o interesse pela leitura de textos consagrados, que, por conta de diferentes fatores, se perdem no cenário social. A *Bíblia*, como se destacou aqui, um livro conhecido mundialmente, precisa chegar a vários públicos, não, necessariamente, pelo aspecto religioso, mas por seu valor cultural. Para tanto, torna-se imprescindível adequar seu discurso e fazer com que ele se torne atraente a todo tipo de leitor. Trata-se de um clássico e merece, portanto, ser apreciado e estudado. Por essa razão, as adaptações para diferentes públicos devem ser consideradas e divulgadas.

No tocante ao ensino de Língua Portuguesa, linha de pesquisa em que se desenvolveu a pesquisa, a reflexão a respeito da leitura dos clássicos na escola se faz necessária, uma vez que a presença desses textos em sala de aula se mostra inquestionável. Convém, então, sensibilizar educadores, pais e bibliotecários em relação ao material que se disponibiliza aos

alunos de diferentes níveis de ensino, das séries iniciais da Educação Básica à EJA, já que eles serão os responsáveis por despertar ou minar o interesse pela leitura. É preciso, portanto, refletir as condições de leitura dos alunos, avaliando se o contato imediato com o clássico será válido e proveitoso, pois, muitas vezes, a inadequação da leitura, decorrente de vários fatores, entre os quais se coloca o linguístico, os afasta do mundo dos livros. Assim, as adaptações pertinentes à faixa etária de cada um deles – crianças, adolescentes ou adultos – garantem maiores chances de estabelecer um vínculo forte entre o texto e o leitor.

Além do estudo aqui empreendido, a *Bíblia* poderá servir de *corpus* para estudos futuros, considerando seu material linguístico, como, por exemplo, a presença marcante de figuras de linguagem, as marcas de oralidade, o uso contínuo do pronome "vós" (em desuso no português brasileiro), entre outros. Seu texto, obviamente, não poderá ser trabalhado pelo viés religioso, uma vez que nossa educação se pretende laica, mas agrega conteúdo de excelente nível, cabendo o estudo de diversos aspectos linguísticos e culturais.

Para a formação e especialização de um professor de Língua Portuguesa, o estudo do texto bíblico, assim como o de qualquer outro clássico, abre caminhos para a análise de temas pertinentes ao ensino de língua, permitindo a reflexão a respeito dos usos do português e os impactos na leitura e na conseqüente construção de sentido.

Por seu reconhecimento universal, cabe destacar a *Bíblia* como elemento de formação social e cultural dos indivíduos que, mesmo sem professar a religião, conhecem a tradição dos ícones bíblicos, atestando seu valor histórico para a construção da sociedade. Assim, mais uma razão para considerar a *Bíblia* um grande clássico.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- ARAGÃO, Ana Paula. *Bíblia para crianças*. São Paulo, SP: Ciranda Cultural.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. [Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978].
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COLEMAN, Michael. *As dez melhores histórias da Bíblia*. Tradução de André Czarnobai. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FEIJÓ, Mário. *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores*. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2010.
- GOMES, Marcia de Oliveira. *O ethos discursivo nas redações de vestibular*. 2012. 206 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 7. ed atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de. *Nas dobras da memória: a linguagem dos clássicos e de suas adaptações*. 2007. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PERELMAN, Chaim. Argumentação. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. v. 11.

THE ZONDERVAN CORPORATION. *A história*. Tradução de PAULUS Editora (textos bíblicos) e Fabiano Morais (textos explicativos e material de estudo). Rio de Janeiro: Sextante, 2009.